3 1761 04617428 0

Correia, Vergilio
Monumentos e esculturas

NA
1321
C6
1919

MONVMENTOS
E
ESCVLTVRAS
POR
VERGILIO CORREIA
LXª-1919

MONUMENTOS E ESCULTURAS

(SECULOS III-XVI)

NA
1321
C6
1919

DIREITOS RESERVADOS

Depositaria — LIVRARIA FERIN, Lisboa

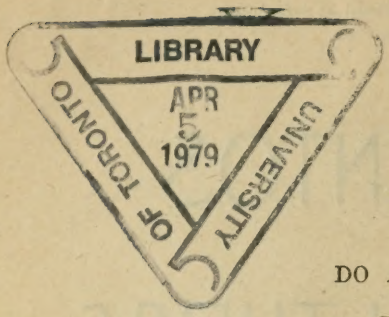
VERGILIO CORREIA
Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga

MONUMENTOS
E
ESCULTURAS

(SECULOS III-XVI)

Com uma capa desenhada por Henrique Santos Junior
e ilustrado com mais de 40 desenhos e fotografias

1919
IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Trav. do Fala-Só, 24
LISBOA



DO AUTOR

Lisboa preistórica (3 fascículos)	1912-1913
Idolos preistóricos tatuados, de Portugal	1915
Azulejos Datados — 1.ª Serie (esgotado)	1915
Etnografia Artística (obra ilustrada com mais de 80 desenhos e fotografias)	1916
Conimbriga (esgotado)	1917
Arte preistórica (2 fascículos)	1917-1918
Um túmulo Renascença — A sepultura de D. Luís da Silveira, em Gois	1919
Azulejos Datados (2.ª edição, aumentada e profusamente ilustrada)	1919

Não pretende o presente volume apresentar-se como um manual de história de arte, nem intenta, sequer, documentar a história de qualquer ciclo artístico ou arqueológico por meio de uma série de estudos concernentes a monumentos e esculturas de determinado século ou época. O desejo do seu autor ao escrevê-lo foi sómente enfeixar em manipulo homogeneo as breves monografías de uma dezena de monumentos arcáicos que descobrira ou estudára desde 1911 a 1916, e cuja publicação, por demorada, ia perdendo interêsse.

Dada a raridade dos estudos dêste género, entre nós, a divulgação de mais uns tantos monumentos ou peças artísticas antigas, considerando ainda as dificuldades materiais da impressão de um livro de um género que os editores não acolhem, representa certamente uma obra meritória. Espera o autor que os leitores lhe retornem em acolhimento benévolo o esfôrço que fez para bem o elaborar e apresentar.

Fig. 1

CASTELO DE VIDE. Porta romana trazida de Aramenha *(Destruida)*

Arcos Romanos de Portugal

DAS seis provincias em que se dividia, ao tempo de Diocleciano, a *dioecesis Hispaniarum* — Betica, Lusitania, Carthaginiense, Gallecia, Tarraconense e Mauritania Tingitana —, o Portugal de hoje assenta em territorios de tres, ocupando terras que pertenceram á Lusitania (do Douro ao Guadiana), á Tarraconense (do Douro ao Minho) e á Bética (margem esquerda do Guadiana).

Embora, porem, em todos os recantos da nossa boa terra portuguesa aflorem ainda, á superficie do solo, os alicerces de edificios que pertenceram a agregados, ruraes ou citadinos, luso-romanos, poucas regiões dela conservarão tantos e tão valiosos documentos desse periodo como o territorio do *conventus pacencis*, que abrangia toda a Estremadura transtagana, o Alentejo e o Algarve.

E' neste que se nos deparam, com maior frequencia, inscrições, mosaicos, louças, moedas e, por maravilha quasi, edificios ainda de pé, embora roçados fortemente da corrida acelerada dos anos, como os templos de Evora e Santana do Campo (Arraiólos), as muralhas de Evora, as térmas de Milreu e os arcos de Evora, Beja e Vila Viçosa.

Ora, destes poucos edificios ainda de pé, devemos, quando mais não seja por caridade para com os vindouros, arquivar os aspetos e os planos. Deixar perder qualquer migalha do que nos ficou desse passado, se não glorioso, pelo menos feliz, é, mais do que incuria, quasi um crime.

Tendo conseguido reunir um certo numero de fotografias de um dos mais curiosos aspetos da construção romana, os arcos dos portaes de carater monumental, aqui as apresento, numa intenção simplesmente documental.

Não se pense, porem, que se vae deparar com arcos de triunfo, como os de Roma, Aosta, Orange, etc., ou, sequer, com portas monumentaes, bastante simplificadas, como as de Merida. Se as tivemos, levaram-nas todas a onda das invasões ou a sanha dos assédios, a boçalidade dos antepassados ou a furia civilisadora das edilidades. De um arco monumental, revestido de marmores, se sabe como desappareceu. Era o que ficava ao tôpo da praça do Geraldo, em Evora, e que o cardeal D. Henrique mandou apear para lhe ceder os marmores aos seus amigos jesuitas da Universidade. Como hoje ficaria bem o monumento naquela praça, tão caracteristica ainda, que eu julgo, pela sua forma retangular, e pela propria existencia do arco, ter sido o *forum* da cidade, o autentico *forum* da Evora imperial!

O que nos resta, ou o que nos restava ainda ha pouco, é apenas uma meia duzia de portaes de volta redonda, fortes e bem lançados, erguidos no seu primitivo lugar ou transportados para longe, aos quaes a silharia grossa dos seus encostos ou aduélas tem protegido, eficazmente, contra os homens e contra o tempo.

Um dos mais interessantes de todos era, sem duvi-

da, o de Aramenha, — povoado distante umas tres leguas de Portalegre, — que foi levado para Castelo de Vide (fig. 1) em 1710 e colocado numa das entradas desta vila, até que em 1891 (1) vandalica e inutilmente o destruiram.

Dos tres arcos representados nas figuras 2, 3 e 4, e que pertenceram a antigas entradas da cidade de Beja, só o ultimo se conserva de pé, tendo os dois primeiros sido desmanchados, e o de Aviz ainda não ha muitos anos, em 1883.

O que existe, fica por traz do Largo da Piedade, ás portas de Evora, dentro de um quintalorio do predio que tem o n.º 2 e é pertença do sr. Eduardo Rego, e ergue-se, afogado de construções de pequeno porte, entre dois cubelosinhos da muralha medieval, apenas afastado uns 20 metros de uma das esquinas da celebre Torre Menagem, de Beja, que é, diga-se de passagem, do mesmo gosto e quasi tão interessante como a de Estremoz, e fundação do mesmo monarca.

Todos os tres arcos os reproduzo de aguarelas expostas no Museu Etnologico e feitas pelo malogrado e modesto artista que foi Guilherme Gameiro, que copiou, os das figuras 2 e 3, provavelmente, de antigos desenhos existentes na Biblioteca de Evora, e o da figura 4, do natural.

Seguindo as informações que acompanham as proprias aguarelas, e aproveitando as referencias de Gabriel Pereira, que, em 1895, descreveu as portas e as

(1) Cesar Videira. *Memoria historica da muito notavel vila de Castelo de Vide.* — Lisboa, 1908. A destruição começou em 2 de novembro de 1891.

vulgarisou, e as do sr. Christovam Ayres (1), conclue-se que a figura 2 representa a *Porta de Evora,* e a figura 3, a *Porta de Avis.*

E o arco da figura 4? Esse, que na aguarela de Gameiro aparece apenas designado «por arco romano de Beja», é, em verdade e afinal, a unica, verdadeira

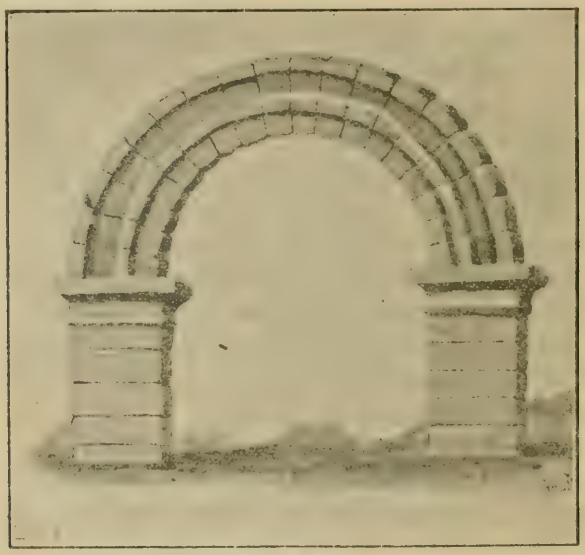


Fig. 2

BEJA. Porta de Mertola? *(Destruida)*
(Segundo um desenho antigo)

e antiga porta romana «de Evora». E vou explicar porquê.

Numa brochura intitulada *Beja no anno de 1845* (Funchal–1847), encontram-se referencias ás portas

(1) Cfr. *Boletim da A. dos Archeologos.* — Lisboa 1895, pag. 26, e Cristovam Ayres na *Hist. do E. Português,* vol. I, pag. 448 e vol. II, pag. 226-228.

antigas da cidade. No capitulo II do folheto, lê-se: «Cingem ainda a cidade de Beja os muros que os Romanos construiram, nos quais existem tres portas (ainda do tempo deles), que são: a de Aviz, a de Mertola, e antiga de Evora, da qual só aparece o portico tapado, junto da Torre de Homenagem». Segundo este

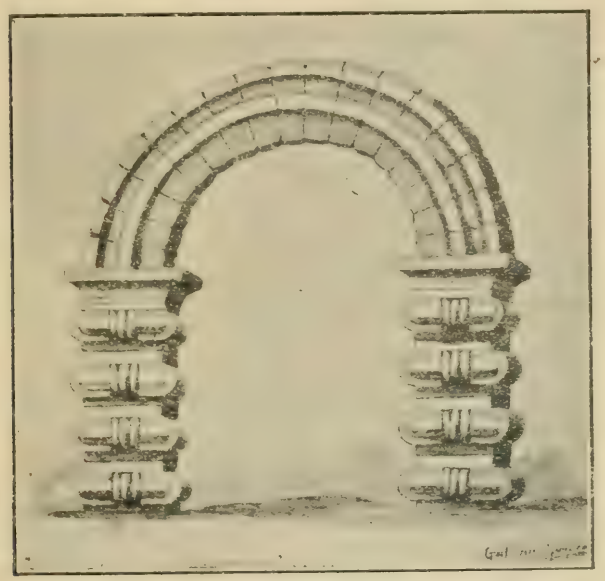


Fig. 3

BEJA. Porta de Avis *(Destruida)*

(Segundo um desenho antigo)

autor, portanto, o arco entaipádo junto da torre é o das antigas portas de Evora; de acôrdo com a descrição e localisação que fiz, esse é tambem o representado na figura 4.

Havia então duas portas romanas de Evora, e situadas a tão curta distancia, que, entre o arco ergui-

do e desconhecido (1) e o estreitamento do Largo da Piedade, onde as outras campeavam, antes da destruição, não medeiam talvez cem metros? Mas, nesse caso, porque as não cita, a ambas, o autor do folheto–*Beja no anno de 1845*, que me merece a maior confiança? (2) Seria esta nova porta de Evora tansportada para aqui, de outro ponto?

Eis-nos em face de um problema de que se poderá talvez indicar a resolução.

A figura n.º 4, que data de 1903, não representa já com fidelidade o local, tal como hoje se encontra. O pedaço de muralha, que sobrecarregava o arco, veio abaixo; a chaminé do fundo desapareceu; e o casinhoto tosco do primeiro plano foi substituido por uma outra construçãosinha do mesmo teor. O arco, porem, permanece, felizmente, em bom estado. Mede 3m,66

(1) Este arco é, ainda hoje, desconhecido de grande parte dos habitantes de Beja. Felicitemo-nos com esta ignorancia. Se ele estivesse situado nalguma rua ou praça, já teria, decerto, ido abaixo, como os outros.

Embora no volume VIII do *Arch. Port.*, a pag. 165, o sr. Leite de Vasconcelos se arrogue a prioridade da descoberta deste arco — «...perto do castelo da cidade e das antigas *portas de Evora*, hoje destruidas, existe um arco ou porta romana de que ainda não vi noticia escrita...» — o certo é que tanto o autor da brochura citada, em 1847, como o sr. Cristovão Ayres a pag. 418 do vol. I da *Hist. do E. P.* (1898), se referem a ele.

(2) Mais confiança ainda do que Cenaculo. E a razão disto é que o autor da brochura confessa ter á vista o «manuscrito de um homem imensamente laborioso, natural de Beja, por nome Felix Caetano da Silva, o qual reunia com admiravel perseverança uma crescida soma de apontamentos. com o auxilio dos quaes começou a escrever umas *Memorias Historicas da cidade de Beja*».

entre os encontros, e tem, do fecho ao solo, 3m81 de altura. A espessura dos encontros é de 0,77. A aduela que serve de fecho do arco, apresenta, virada para o exterior, certa saliencia que um outro investigador já notou. Segundo me informaram, o dono do quintal, tendo mandado limpar da terra e vegetações parasita-

Fig. 4
BEJA. Antiga porta de Evora
(Aguarela de G. Gameiro)

rias essa saliencia, verificou que ela representava uma cabeça de touro, em relevo, do mesmo gosto de outras aparecidas na cidade. Hoje, porem, nada de preciso se distingue.

É êste o arco romano por onde saía a estrada de

Evora, e que por isso tomou o nome da cidade para onde se dirigia. Entendendo certa vereação de Beja que esta porta era insuficiente para o serviço e para o movimento da cidade, mandou abrir ao fundo do Largo da Piedade nova porta que tomou o nome da antiga e passou a substitui-la. Em que altura se efectuou essa substituição, ignoro-o. Mas deve ter sido

Fig. 5
Arco da Bobadela (Oliveira do Hospital)
(Fotografia de Francisco Loureiro)

do século xvi para cá, visto que até essa época o interêsse da defesa aconselhava a que se dificultasse o mais possível o acesso á povoação, e muito especialmente ao Castelo que lhe ficava visinho.

Toda a confusão proveio, a meu ver, de um simples engano do desenhador antigo dos arcos, que deu á

porta de Mertola o nome de Evora, arrastando nesse êrro todos quantos posteriormente se ocuparam do assunto.

O arco romano de Evora, chamado de D. Izabel é suficientemente conhecido, havendo até dele uma reprodução em postal ilustrado. A figura n.º 5 representa o celebrado arco da Bobadela.

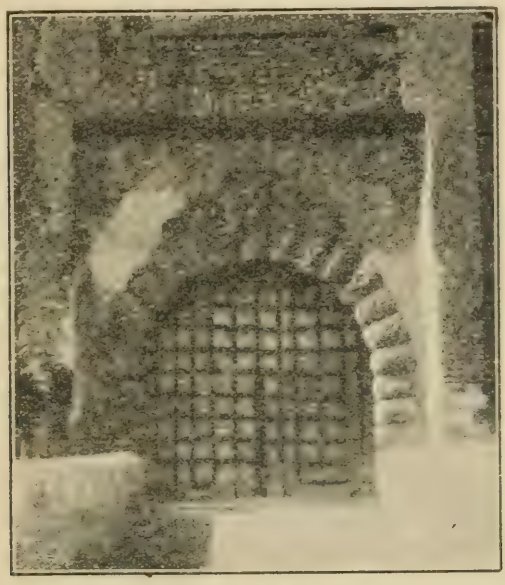


Fig. 6
Porta do Palacio Ducal de Vilaviçosa
(Fotografia do autor)

O ultimo arco reproduzido é o da entrada do velho palacio ducal dos Braganças, em Vila Viçosa. O aspecto imponente do arco, a almofagem *rustica* do aparelho e o facto de a silharia ser de granito — Vila Viçosa é terra de marmore e de schistos — levam-me a crer que o portal, que julgo romano, fosse transladado para aqui de outro ponto, como sucedeu ao de Aramenha.

O templo romano de Sant'Ana do Campo

(ARRAIOLOS

De ha muito que eu conhecia, do «Suplemento» ao «Mapa de Portugal», composto por João Baptista de Castro, a noticia da existencia de um importante monumento romano, nos arredores d'Arroiolos. Resava assim a respectiva informação corografica, extraída de um artigo publicado no «Panorama» (vol. X, pag. 130 e seg.) por J. A. da Cunha Rivara.

Arrayolos «Em sitio não muito remoto do assento da vila de Arraiolos, a menos de uma legua para nornoroeste, (aonde hoje está a pequena aldeia de Sant'-Ana do Campo) houve povoação romana, o que se prova pela simples inspeção da mesma igreja de Sant'-Ana, formada nos restos d'um templo romano, do qual aproveitaram uma bôa parte das paredes, senão que a fouce estragadora do tempo, e a mão devastadora do homem tem derrubado quasi trez quartas partes da construção».

Mais de 50 anos haviam passado sobre este artigo. O que restaria do monumento romano? Conservar-se-ia ainda?

A ausencia de referencia ao importante edificio nas *Religiões da Lusitania* (fasciculo 1 do vol. 3.º—Lx.ª 1909)

e no magnifico trabalho, *Monuments romains du Portugal* do dr. Mesquita de Figueiredo, fez-me acreditar durante algum tempo na sua desaparição. Um dia, porém, — nem tudo se conhece de uma vez — caiu-me sob os olhos o folheto de Gabriel Pereira, *Antiguidades romanas em Evora e seus arredores,* (Evora 1891) da coleção dos *Estudos Eborenses*, aonde o templo era nova e minuciosamente descrito. Resolvi, portanto, visital-o, o que fiz pela Pascoa de 1916.

Ao que Rivára e Gabriel Pereira disseram, pouco mais posso eu juntar do que as fotografias e o plano sumario do vetusto monumento. Ficam assim publicados os documentos do estado em que se encontra, em nosso tempo, a igreja. As minhas fotografias e plano não terão, portanto, mais valor do que ilustrarem, principalmente o artigo de Gabriel Pereira, necessariamente melhor, por mais recente, que o de Cunha Rivára.

Quem chega perante a igreja, depois de atravessar uma paisagem que, de ha longos seculos, deve ter este mesmo aspecto, com as mesmas azinheiras de copa verde escura, tonalisadas, no alto, de verde mais claro, não pode deixar de impressionar-se violentamente. Tem, deante de si, um monumento romano, autentico, imponente, conservando um pouco da severa grandeza de todas as edificações que o povo creador da nossa civilisação erigiu na metade da Europa submetida ao seu dominio (fig. 7).

De facto, no dizer de Gabriel Pereira, «não sófre duvida que esses restos do primitivo edificio são de época romana; teem o cunho grandioso e solido que essa pasmosa civilisação sabia imprimir a todas as suas obras; era uma construção vasta, de robustas

paredes formadas de grossos silhares faciados fortalecidos por contrafortes bastante proximos para sustentarem superiormente outros silhares de grandes dimensões, formando um friso que ainda se conserva perfeito na face oriental da egreja» (opusculo citado, pag. 29).

Fig. 7

Lado poente do templo

Já Cunha Rivára notára a forma crucial do edificio primitivo. Efectivamente, reconhece-se, pela parte ainda existente e bem conservada dos braços lateraes, que o edificio se prolongava bastante para o poente e nascente. Do lado do poente uma estrada cortoue

arruinou o braço em cujo extremo se abriga hoje a casa do sacristão; do lado do nascente, o cemiterio da aldeia acantonou-se dentro dos restos do braço oposto (figura 8). A parte mais completa do edificio é aquela onde fica a capela-mór, e esta mesma parte suponho eu que terá sido sempre a cabeça do templo, cuja entrada seria tambem pelo lado onde hoje se abre a porta principal do santuario.

Conserva as paredes grossissimas, altas uns 6 metros, apoiadas em contrafortes enormes, (fig. 7) muito chegados uns aos outros, certamente destinados a aguentar o balanço formidavel da abobada, que tem mais de 7 metros de vão.

Do lado virado ao nascente conserva-se ainda, no alto do edificio, um monolito atravessado, a modo de arquitrave. Apoia-se contra essa parte um anexo da igreja, a sacristia, que Gabriel Pereira considerou tambem romana. Nisso discordo eu do ilustre arqueologo. A construção, uma quadra quadrangular, simples, parece-me posterior, embora levantada com silharia aproveitada do edificio arruinado.

Dentro do templo pouco ha que notar. O interior é frio, soturno, com pouca luz. Parece mais que se está dentro d'uma cisterna, do que num santuario. O altar-mór fica numa absidiolo que se projeta pouco fóra da parede. A porta de entrada actual para a capela-mór rasga-se, acanhada, entre dois dos grossos gigantes.

Para a esquerda, abre-se uma passagem para a sacristia, que é melhor iluminada. Em toda a parte as paredes estão lisas e núas.

O corpo da egreja é desmonotonisado por 4 pilastras, sobre cada pár das quaes se arqueiam dois gros

sos, pesadissimos arcos. Fariam esses arcos já parte da construção primitiva? E' muito possivel.

Gabriel Pereira acreditava que o 4.º braço do edificio se prolongava uns 15 metros para o norte, ficando assim o templo com a forma de cruz latina. Mas seria isto assim? Não apresentaria a construção geral o fei-

Fig. 8

O que resta do braço do poente

tio d'um T? O lançamento e vastidão dos braços levam-me, embora sem convicção, a essa hipotese.

Pela grossura das paredes da capela-mór e pelos seus gigantes vê-se que ela deve ter sido abobadada

O mesmo não pode dizer-se com referencia aos lados, cuja espessura de paredes não era propria para

aguentar abobada. O tecto, ahi, apoiar-se-ia, portanto, sobre colunas.

Que tudo aquilo é absolutamente romano, não sofre duvida alguma. Basta olhar para as toscas almofadas da silharia, iguaes ás da porta de Aramenha, da ponte de Vila Formosa, do templo de Alcantara, do aqueduto da Bobadela, etc., para se vêr que o tipo de construção é o mesmo. Quanto à epoca de erecção do edificio, pode, talvez, apontar-se o seculo III.

*

O que era o vasto edificio romano de Sant'Ana do Campo? Com toda a verosimilhança um templo. E, dado que, segundo os antigos autores, ahi apareceram inscrições latinas com a invocação de *Carneus,* provavelmente seria um templo dedicado a esta divindade, deus lusitanico ou anterior, cujo culto prosseguiu.

A existencia de um templo de tão avantajadas dimensões em lugar onde outros vestigios romanos não indicam grande povoação, não se deve estranhar. Quantos santuarios famosos não se isolam, ainda hoje, entre meia duzia de casas humildes?

O edificio permanece no mesmo estado, pouco mais ou menos, em que se encontrava no meado do seculo XVIII. No *Diccionario Geographico* do P.e Luiz Cardoso, de que o distinto arqueologo sr. dr. Mesquita de Figueiredo extratou para o *Archeologo Português* algumas informações, depara-se nos a seguinte nota sobre a igreja de Sant'Ana:

«He a capella-mór e parte da Igreja feita de pedras de desmarcada grandeza, lavrada e fabricada: tem cal até o telhado, e dizem fora obra dos Romanos, o que

parece se prova de huma pedra marmore onde se vem humas letras latinas.»

E continua: «Mandando se accrescentar a Igreja, haverá dezaseis annos...» Combinando as datas da

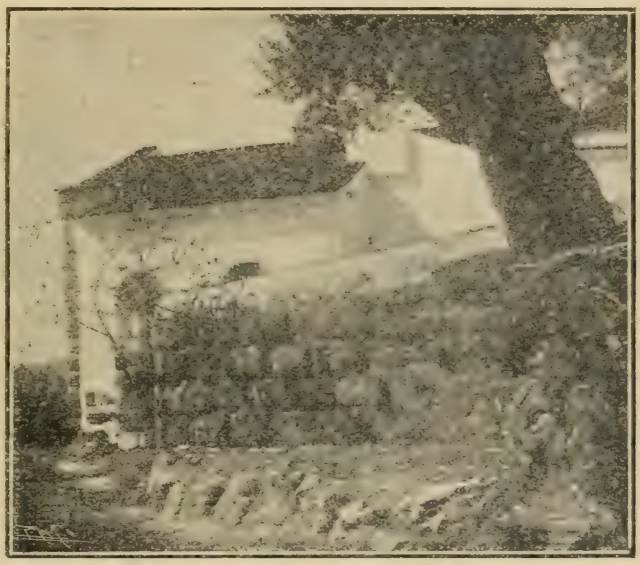


Fig. 9

O que resta do braço do nascente

publicação do *Diccionario* com as dos provaveis envios de informações paroquiaes, e com a de 1715, que se encontra sobre a verga da porta principal, podemos concluir que a destruição de mais um bocado do vestuto monumento teve lugar no começo do seculo XVIII. A restauração realizada em 1884 poucos mais danos causou.

O que resta fazer?

Em primeiro lugar levantar uma planta, rigorosa, perfeita. Depois evitar que se perca o resto deste venerando monumento, decerto o mais importante do Alentejo, depois do templo romano de Evora.

Da primeira parte poderá, talvez, encarregar-se o

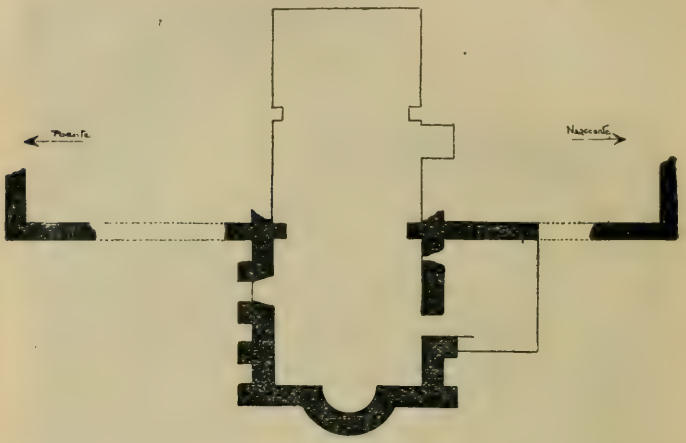


Fig. 10

Planta do edificio

ilustre professor sr. D. José Pessanha, que, com os seus alunos de Arquitetura, já levantou as plantas de Balsemão e Lourosa. O resto incumbe ás Comissões de Monumentos, tanto mais que o edificio é já considerado monumento nacional. Simplesmente a sua designação está errada. Na lista respectiva figuram as ruinas romanas de S. João do Campo (Arraiólos), em vez das de Sant'Ana do Campo.

A Igreja de Louroza da Serra da Estrela

ESTUDAVA ainda em Coimbra quando fui convidado por um amigo (1) a visitar o seu concelho, Oliveira do Hospital onde, dizia, se conservavam interessantes cousas de arte e arqueologia, como a capela dos Ferreiros, a Bobadela e a igreja de Louroza, anterior ao ano mil.

Admirei me. Conhecia as mais antigas igrejas de Portugal, se não de as visitar, ao menos das referencias dos entendidos e espantava-me que uma de tal antiguidade tivesse escapado ao estudo dos arqueologos e eruditos portuguezes.

Sabia de Balsemão, que uma referencia de Filipe Simões nos «Escriptos Diversos» (2) me fizera visitar

---

(1) O ilustre artista Antero da Veiga, que tambem amavelmente me acompanhou na visita a Louroza.

O presente trabalho foi publicado, em fins de 1911, na «Folha de Oliveira», jornal de que aquele meu amigo era director.

Avisado por um amigo da região de que eu havia estado em Louroza, o sr. Joaquim de Vasconcelos apressou-se sofregamente a correr lá e a publicar a descrição na «Arte» do Porto, vindo mais tarde acusar-me de falta de originalidade. O meu trabalho, saído no jornal citado, justifica-me cabalmente de tal graçola. O facto veio, porem, demonstrar que o sr. Joaquim de Vasconcelos é da espécie do José Leite...

(2) «Escriptos Diversos»—Filipe Simões, pag. 156 e seg.

e que uma serie de artigos do sr. Joaquim de Vasconcelos, na «Arte» (1) do Porto, tornára mais conhecida. Considerava-a o mais antigo santuario de Portugal. Só depois apareciam as pequenas igrejas romanicas do Entre Douro e Minho, todas porem já puramente romanicas e posteriores ao milenio. Ir-se-ia preencher uma lacuna na historia da arquitectura portuguesa?

Num dos derradeiros dias de agosto de 1911 parti de Oliveira do Hospital para Louroza. O caminho é delicioso. Estrada da Beira abaixo, levando a acompanhar, á esquerda, como gigantesca amiga, a serra do Colcorinho, dum azul muito negro em que as capelas brancas da Senhora das Preces mal se distinguiam, depressa alcancei as Vendas de Galizes. Deixando então essa que é a mais linda estrada de Portugal, meti para a esquerda, e, tendo avistado primeiro na descida o convento de Vila Pouca, cheguei rapidamente á igreja, pouco afastada da estrada.

Louroza é uma terra antiga. Quando outra cousa não houvesse para o demonstrar, a igreja bastava; mas sobejam por lá as provas documentaes.

Em volta da igreja, em frente e do lado direito, abrem-se no schisto amarelado da região umas tantas sepulturas com a forma do corpo, perfeitas ainda algumas, destruidas em grande parte as restantes. As melhor conservadas fazem parte de um grupo de oito, que desde debaixo da actual torre se prolonga uns tres metros pelo adro fóra, á esquerda da porta principal, apresentando-se quatro ou cinco quasi completamente perfeitas. Ha-as de adulto e de creança, todas simples e de arestas vivas, exceptuada uma, que pos-

(1) «A Arte». — Revista portuense, 1908.

sue, excavado em toda a volta, um pequeno resalto, decerto destinado a deixar assentar melhor a tampa, fosse de pedra ou de madeira. Todas teem no alto a cavidade circular destinada á cabeça, seguindo-se depois o resto da sepultura com o feitio de um trapezio alongado cuja base fosse o lado onde se cava a cabeceira. Os lados dos trapezios onde se encontravam os pés dos defuntos são levemente arredondados em algumas das sepulturas e a orientação de tudo é nitidamente Este — Oeste, ou seja a cabeça para o Oriente e os pés para o Ocidente. Noto que são demasiado estreitas, comparadas com as que conheço de varios outros pontos do nosso pais, onde são vulgares.

Como estas existem mais no concelho de Oliveira do Hospital, tendo-me sido apontadas algumas em Salgodins, perto de S. Paio, e dadas informações de que muitas mais havia, que o tempo e os homens, mais os homens que o tempo, se tinham encarregado de destruir.

Para o lado direito da igreja prolongava-se o cemiterio, e, embora muito deteriorados, reconhecem-se claramente cinco leitos sepulcraes.

Deste lado ha uma porta cujo acesso é facilitado por uma escada de poucos degraus. Servindo de pavimento, no patamar desta, encontra-se um monumento funerario romano: uma tampa sepulcral, em feitio de baú. A sua posição porem está invertida, encontrando-se a base, maciça, a descoberto, e o dorso metido na parede da escada. Nas partes que tem visiveis, um dos tôpos e a base, não tem inscrição alguma, sendo porem provavel, ou pelo menos possivel, que a tenha no outro tôpo, ou sobre o dôrso.

Estes monumentos, usados pelos luso-romanos não

se sabe até quando, encontram-se frequentemente no Algarve, Alentejo e Estremadura. Colocavam-se sobre os tumulos e, quando não eram apenigrafos, diziam os nomes, filiação e idade do morto, acrescentando em geral os nomes dos parentes que mandavam construir o monumento e uma saudação amavel como o classico *sit tibi terra levis.*

Um outro achado interessante que fiz foi o de uma ara votiva. No lado esquerdo da igreja existe um terreno que fica entre a residencia paroquial e a capela-mór; esse terreno é isolado d'uma horta que se estende a N. E., por um grosso muro de alvenaria onde se abre uma porta que estabelece a comunição entre os dois terrenos. A porta está ligada á ombreira esquerda por uns duplos gonzos, afastados um metro. No ponto onde se cravam as ferragens inferiores encontra-se deitada uma pedra com as esquinas chanfradas, cujo feito é o carateristico das aras votivas.

O espigão do cachimbo foi pregado precisamente sobre a inscrição, inutilizando algumas letras. Apezar disso lê-se ainda claramente, em duas linhas, por cima, O M e inferiormente V. I. As letras O e M parecem da usual consagração : *Deo Optimo Maximo.*

As aras eram tambem monumentos funerarios que os devotos ofereciam e consagravam aos manes pelos mortos queridos.

Esta nossa é de granito, dum tipo vulgar, formada por um paralelepipedo alongado, de secção quadrada, que nos dois extremos alarga formando base e capitel, desbastados posteriormente para a pedra ser adaptada ao uso que tem. Na parte superior conserva ainda a cavidade sacrificial, o *foculum.*

Espalhados pela povoação, utilisados nos alpendres,

nas lojas e nas paredes encontrei varios capiteis antigos e alguns fustes de coluna de variados diametros.

Para detraz da capela-mór da igreja, num pequeno largo, ergue-se sobre alguns degraus um belo e forte pelourinho que me parece, pelo apontamento que dele tenho, do ultimo gotico.

Nas casas nota-se que muitas portas e janelas tem as esquinas da cantaria chanfradas, apresentando uma agradavel distração aos olhos, cançados das arestas modernas.

Fig. 11

A inscrição

Este costume de chanfrar as arestas, como ornato, encontra se já frequentemente no gotico, aparece muito no manuelino, toma fóros de cidade durante a renascença e o seu uso prolonga-se na Beira por todo o seculo XVI e primeiro quartel do XVII, tendo eu en-

contrado já na região portas assim ornadas, com as datas de 1627 e até de 1632. (1)

Ha tambem na freguezia alguns bons exemplares de edificios do seculo XVIII.

*

Tres portas estabelecem a comunicação entre o interior e o exterior da igreja: a principal, emmoldurada num arco banal de ombreiras redondas, do seculo XVII, a da direita, de que já falei, onde se ensontra a tampa sepulcral arciforme, e uma terceira, á esquerda, que serve a sacristia e a capela-mór.

Quem descer da residencia paroquial ao terreiro encontra-se em frente desta ultima porta, que á primeira vista nada apresenta de notavel no seu simples caixilho rectangular.

Se, porém, olharmos com atenção, depressa reparamos que, espalhados pela massa da parede e fóra dos seus logares, se encontram os silhares completos de uma primitiva entrada, cuja armação de pedra tinha na parte superior a fórma do arco de volta ultra semicircular.

Entra-se e está-se numa pequena sacristia, logo a seguir na capela mór e, descendo um pouco, encontramo-nos dentro do corpo principal da igreja, em cujo solo levantaram um estrado de relativa altura para tornar menos sensivel a diferença de nivel entre a capela-mór e o resto do edificio.

(1) 1627, na capelinha da S.ª da Ribeira, sob a Povoa das Quartas, no limite do concelho de Oliveira do Hospital, e 1632 no portal de uma casa da Bobadela.

O corpo da igreja acha-se dividido em tres naves de desigual largura, sendo a central a mais ampla. A comunicação entre elas faz-se de um e outro lado, nas paredes divisorias, por tres arcos seguidos, de volta mais que semi-circular, sendo o todo estremamente singelo e sem ornatos. A serie dos arcos apoia se nos dois estremos em impostas bastante salientes e nos intervalos em abacos rectangulares que repousam sobre colunas de uma especie de ordem toscana.

Os capiteis são do tipo vulgar dessa ordem, iguaes ás bases de coluna de S. Pedro de Balsemão, precisamente do tipo dos muitos, romanos, que aparecem por todo o pais e especialmente semelhantes aos de Idanha a Velha, cidade que, como é sabido, conservou importancia até á conquista arabe. Os fustes são lisos e vão perder-se sob o taboado do estrado que cobre o pavimento, impedindo que se veja por inteiro a construção.

Sobre o arco da capela-mór, ao centro, olhando o corpo principal, ha um retabulosinho de pedra com a Crucifixação. Assunto e logar de colocação são frequentes em templos goticos do distrito de Coimbra. Deste genero existe um, muito bom, na igreja da Pampilhosa do Botão.

Na nave esquerda ha algumas particularidades: no tôpo dela aparece, desemtaipado já, um arco que estava metido na parede e estabelecia outrora uma segunda passagem para a parte superior do templo. Esse arco é perfeitamente igual aos restantes.

Ao fundo da mesma nave começa uma escada de pedra que conduz ao côro. Ali, sob uma janela geminada cujos arcos tambem são de ferradura, encontra-se embutida na parede, ao rez do soalho, uma

grande lage onde se acha gravada a certidão de idade da igreja. Lá está bem claro: ERA dccccx: A ultima letra, que eu primeiro confundi com um *x* mal feito, está provado definitivamente que é um *l*.

Descendo, encontramos ainda, a seguir aos arcos lateraes, quasi debaixo do côro, duas capelas modificadas no seculo XVII juntamente com o portal da igreja. A epoca exacta da sua reconstrução é talvez 1632 porque é esta a data que se encontra no altar da capela da direita.

Nesse mesmo altar, a um lado, ha uma interessante virgem gotica do tipo das que o Museu do Instituto guarda, do seculo XIV, e igual ás duas do retabulo da capela dos Ferreiros, em Oliveira. A imagem está coroada de corôa baixa, aberta, assentando no lenço que lhe cae sobre os ombros, e tem o menino ao colo, de lado, apresentando ela o corpo torcido, *cambré* com o movimento de o segurar, atitude que é cheia de vida para a rudeza da epoca.

Sobre a parede, onde se crava a ultima imposta da arcaria esquerda, no fundo da igreja, está gravada uma data que, pela rapidez da minha visita e pela camada de cal que a cobre, não pude ler completamente. As letras estão em duas linhas sobrepostas, separadas por um traço e lê-se por cima CCXXVI, e inferiormente, E. M.

Conhecida já a epoca da construcção do monumento de Louroza, ocorre perguntar. No tempo em que foi levantado, não estava a Peninsula em poder dos arabes e africanos? Consentiriam eles que os cristãos erigissem templos da sua religião?

Facilmente se responde a estas interrogações. O arabe era tolerante como o fôra o romano e fechava

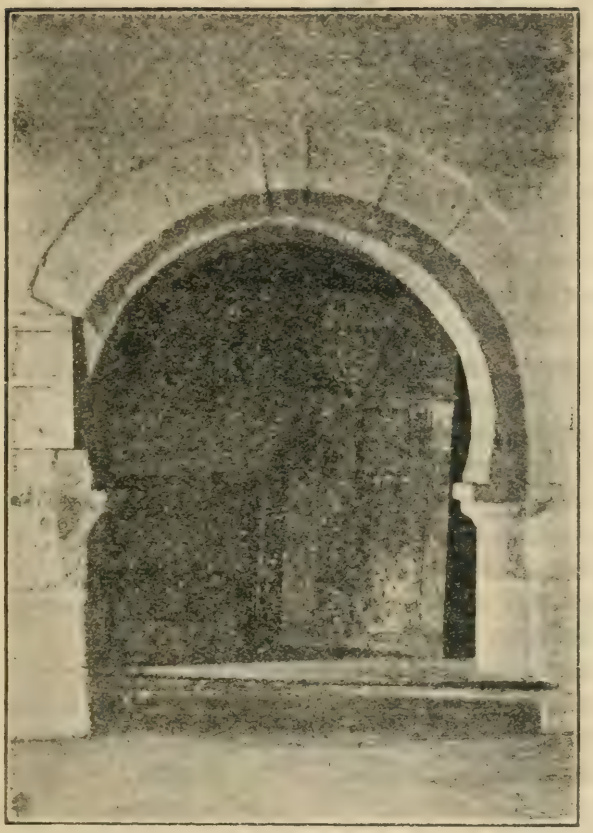


Fig. 12

Arco lateral

os olhos ante essas crenças diferentes que humilde e publicamente se praticavam, porque nenhum perigo politico lhe traziam. Construiram-se até igrejas e conventos. Numerosissima foi a população monastica mosarabe porque os mahometanos consentiram a sua

continuação. Na serra de Cordova viviam em paz muitos frades e em Portugal o mosteiro de Lorvão, da ordem de S. Bento, fundado no seculo VII, conserva-se e progredia. A razão da raridade das construções religiosas vigisodas e asturianas deve-se, não aos arabes, mas sim ao furôr de reformar de que os portugueses sempre sofreram do seculo XII ao XX.

Podia portanto a igreja ter sido fundada em pleno dominio sarraceno; mas não precisamos sequer de recorrer á benevolencia dos infieis: basta-nos o exame da cronologia da epoca, apezar dos documentos serem poucos e vagos, para ficarmos convencidos de que o devoto ou devotos que a mandaram construir, viviam em territorio cristão reconquistado.

Os arabes entraram na Peninsula em 711 ou 712 e depressa a tinham em seu poder, exceptuada a parte mais norte. Nos fins do mesmo seculo VIII já Afonso II, o Casto, faz uma correria até ás margens do Tejo. (1) Entre 866 e 910, Afonso III senhorea-se das regiões de Lamego, Vizeu e Coimbra. (2)

Coevas de Louroza e identicamente construidas são as igrejas asturianas que os reconquistadôres da parte norte da Peninsula iam levantando onde quer que assentavam as suas tendas com demora.

A reconquista começára terminada apenas a ocupação arabe. No alto das montanhas haviam ficado, independentes e indomaveis, os rudes habitantes das Asturias, e agora precipitavam-se como um rio em cheia

(1) «Historia de Portugal» – Herculano. 1.º113.

(2) «Port. Mon. Hist.»,—«Scriptores», 20, e um magnifico artigo sobre cronologia medieval publicado pelo sr. Pedro de Azevedo no «Arqueologo Português» Vol. 13, pag. 67 e seg.

sobre os seus inimigos, começando um embate formidavel que só sete seculos caídos conseguia romper e levar para o mar as muralhas que lhe opunham.

Essa reconquista teve, do seculo VIII ao XI, o periodo mais perigoso e duro, porque de um momento para o outro os arabes podiam reunir-se e subverter os incipientes reinos cristãos. Nesse espaço de três seculos o estilo seguido nas construções foi o anterior estilo visigotico, um tudo nada modificado. O arco de ferradura adoptado nos edificios da epoca foi uma natural consequencia da arquitetura cristã, cuja tradição os asturianos representavam. Basta citar para exemplo as igrejas de Lino, Naranco e Lena.

Louroza integra-se portanto dentro de um ciclo de construções de caracter definido, infelizmente sem outro representante em Portugal. Balsemão, nos arredores de Lamego, é, segundo o ilustre escritor espanhol D. Vicente Lamperez, visigotico e do seculo VII.

Em numeros sucessivos da *Arte*, revista portuense, inseriu em 1908 o sr. Joaquim de Vasconcellos um estudo sobre o que ele chama o unico exemplar da arquitectura latino-bizantina em Portugal.

A nossa historia da arte tem agora para colocar ao lado dela a não menos notavel igreja de Louroza, do concelho de Oliveira do Hospital, melhor conservada comquanto menos interessante nos detalhes do que a de Balsemão.

O plano nas duas é identico, mas o tamanho de Louroza maior. Ha tambem outras diferenças importantes como, por exemplo, nas respectivas capelas-móres. Uma completa a outra. Por ambas se póde fazer ideia do estilo de construção usado na terra portugueza anteriormente ao romanico.

A disposição do côrpo da igreja, em ambos os santuarios, encontra-se em monumentos espanhoes da mesma epoca, como seja em San Julian de Prados (Santullano) que foi fundada, parece-me, por Afonso o Casto, e cujo plano, até ao cruzeiro, é igual ao das nossas duas igrejas, podendo bem considerar-se o tipo perfeito da bazilica latina de 3 naves e 3 absides, de planta quadrada ou rectangular com cobertura de madeira. O mesmo se dá com S. Salvadôr de Priesca, de 3 naves e 3 arcos de leve ferradura em cada parede divisoria, a qual foi sagrada na era de DCCCCLVIII (920).

Em Balsemão os arcos descançam directamente sobre os capiteis, para ali trazidos posteriormente e adaptados, pois que os primitivos deviam corresponder ás bases que lá se veem. Em Louroza os arcos de volta de ferradura assentam em abacos largos que, por seu turno, se apoiam em capiteis e fustes cujos diametros se harmonizam perfeitamente.

Este facto esclarece o caso de Balsemão, já indicado pelo sr. Vasconcelos. Aos arcos deste santuario foram tirados os silhares que faziam a curva inferior da volta de ferradura; e os capiteis que havia substituidos pelos que lá estão hoje os quaes foram á certa trazidos de alguma estação romana das visinhanças. (1)

Em Balsemão, a comunicação entre o côrpo do santuario e a capela-mór faz-se por um só arco, esse com a volta de ferradura bem clara, mas alteado por lhe terem metido de cada lado um novo silhar, o que deu

(1) O mesmo facto se deu em Santa Comba de Bande. Os capiteis da igreja foram levados para lá de umas termas romanas, vizinhas.

uma fórma extravagante ao conjunto. Pelo lado de dentro conhece-se que não podia ter havido outra passagem para o côrpo da egreja. De facto, corre na parede, á altura das impostas e partindo delas, um triplice cordão gravado, cuja origem vem de tão longe que já o encontrei nas lapides visigoticas de Mertola, numa tampa sepulcral do templo de Endovelico e nas portadas das cividades minhôtas e galegas.

E não é esta a unica aproximação que se póde fazer entre a arte decorativa de Balsemão e a arte protoistorica, visigoda e mesmo lusitana. Os *swasticas* e as rosetas sexifolias aparecem nas cividades, nas inscrições luso-romanas, na arquitectura visigoda, asturiana e mosarabe, e até na romanica.

Para exemplo das primeiras basta citar Briteiros, Sabrôso e Monte Redondo; para as segundas, as 4 stelas votivas de que já falei e muitas outras que o Museu Etnologico possue. Para a arquitectura visigoda serve S. Pedro de Nave (Zamora) em que a meia altura das paredes corre uma linha de gravuras na pedra, em que se alternam os *swasticas* e as rosetas; para a asturiana, S.ta Cristina de Lena e a sua irmã Santa Maria de Naranco (Oviedo); para a mosarabe o Canecillo de San Miguel de la Cogolla de Suso (Logrôno); para a romanica, por exemplo, os arcos do portal de S. Pedro de Galliganes, em Gerona (rosetas), ou os abacos (como em Balsemão) de San Pablo del Campo, em Barcelona. (1)

Esta barbara ornamentação, (de que Balsemão tem tão deliciosos specimens) alcança tanta brutalidade e

(1) Elementos de um trabalho em preparação. «A roseta sexifolia como motivo ornamental popular».

rudeza no timpano do portico de S. Fiz de Cangas (Galiza), que é romanico, que a gente quasi duvida se a pedra não seria trazida para lá dalguma rude «citania» dos arredores. Não ha duvida que todos estes motivos ornamentaes, os de Balsemão e os espanhoes, são, como diz Lampérez, «la turbia cristalizacion á través los siglos de formas tradicionales.»

Infelizmente toda esta brilhante arte decorativa falta em Louroza.

Terminando. Louroza aparece frequentemente citada em documentos. Nas Inquirições de Afonso III, em que é inquirida juntamente com Villa Pouca; na Tavoada dos Foraes Novos da Comarca da Beira, em que se diz que apezar de haver memoria de antigo, particular, foral, a terra é do Bispo de Coimbra; e nas Memorias Parochiaes de 1758 (1), onde o parocho para a distinguir da Louroza da comarca da Feira, lhe chama Louroza da Serra da Estrella, titulo que adopto para este estudo. Ha bastantes anos que esta igreja de Louroza era conhecida e tida como antiga, porque já numa corografia do districto de Coimbra se diz: (2) «E' de fundação antiquissima esta povoação e notavel a sua igreja em estilo gotico». O auctor pelo visto, só olhou para os arcos aguçados das sineiras...

(1) «Memorias Parochiaes»-V-21-n.º 147, pag. 1281.

(2) «Corografia do Dist. de Coimbra»—Agostinho d'Andrade, 1896, pag. 145.

Monumentos medievais de Lamego

PORTUGAL é um país em que os grandes monumentos são raros. Aqueles que a devoção e o fausto dos reis e ricomens levantaram, dos séculos XI ao XV, pelos vales tranquilos e transbordantes de água, levaram-nos na maior parte os séculos seguintes, sorvidos na voragem das guerras e dos terremotos, ou transformados pelas riquezas da Índia e pelos ouros e diamantes do Brasil. Por isso, e ao contrário do que sucede nos países do centro da Europa, onde cada igreja de comuna é um monumento a visitar, a nossa primitiva arquitectura só excecionalmente se manifesta em edifícios grandiosos.

Se porêm a sorte dos grandes monumentos os levou a destruições totais ou a reconstruções desastradas, o mesmo não aconteceu, felizmente, a muitas igrejinhas humildes, conservadas intactas na sua pobresa e na da freguesia que representam religiosamente, providencialmente libertas de doadores, reformadores e brasileiros ricos.

São numerosíssimas ainda, desfiando-se pelas serras e socalcos de Trás-os Montes, pelos outeiros e vales idílicos do Minho, ou pelas agrestes chapadas das Altas Beiras, fazendo presistir na paisagem e nos povoados, com a negrura dos seus arcaboiços de pedra,

um pouco da rudeza dos tempos remotos em que os ergueram. Inabaláveis, compactos, humildes na sua rude e desataviada fábrica, indissoluvelmente ligados à terra de que pouco parecem querer afastar-se, êsses monumentos românicos, da transição e do primeiro gótico, revelam melhor do que quaisquer outros documentos o espírito e a vida dos séculos que os viram surgir da terra.

Sôbre os santuários primitivos do Minho escreveu com profundo conhecimento e erudição o dr. Manuel Monteiro, tendo o sr. Marques Abreu reproduzido numerosos e interessantes aspectos de igrejas de todo o Norte. Há, porêm, tanto que fazer nesse campo, que a tarefa pode dizer-se apenas iniciada.

Tendo descoberto ou visitado, numa zona da margem esquerda do Douro que tem por cabeça Lamego, alguns edifícios arcaicos de bastante interêsse, julgo de meu dever relacioná-los desde já, como subsídio para um trabalho de maior vulto que os descreva e integre na história da nossa arquitetura.

Sem falar de Balsemão, distante meia légua da cidade, e que o ilustre historiador e arquiteto espanhol, D. Vicente Lamperez y Romea considera do século VII, o que, apesar de opinião diversa do sr. Joaquim de Vasconcelos, deve ter-se como verdadeiro, existem, dentro de Lamego mesmo, os seguintes edifícios levantados dos séculos XI a XIII:

TORRE DA SÉ. Esplendida construção do fim do século XII, é o que resta da catedral românica mais tarde substituida por uma gótica e por fim pela que lá se encontra ainda. A silharia que a compõe está

toda siglada, e três das suas paredes são vasadas de janelas de arco aguçado ou trilobulado.

Igreja de Santa Maria d'Almacave. Fundação da mesma época. De antigo conserva: a porta principal, de arco aguçado, com três arquivoltas e faixa axadrezada debruando a mais larga destas; as duas portas laterais, de verga recta aguentada em modilhões voltados para a abertura; e uma cruz talhada num círculo e de braços vasados que assenta sôbre a empena da fachada.

Castelo (Torres Muralhas e Cisterna). No castelo de Lamego, ainda perfeitamente delimitado pelas muralhas primitivas, com as suas portas de entrada (esta apertada entre dois cubelos) e de saída, bem conservadas, e as suas torres, entre as quais a de Menagem, um pouco arruinada mas erguendo-se ainda altivamente no tope da colina, encontra-se um conjunto muito notável de construções do século XIII. Um dos monumentos mais interessantes dessa série é, sem dúvida, a cisterna, porventura a melhor conservada do país, longa uns vinte metros, larga metade, alta outro tanto, toda de silharia retangular, unida, lavrada de pico miúdo e siglada, abobadada e com a volta das ogivas sustentada por cintas grossas que se estribam em pilares da mesma espessura, o que tudo dá ao depósito de água a feição de uma igreja da época.

Mosteiro de S. João de Tarouca. A primeira pedra da igreja do mosteiro afirma-se que foi lançada por Afonso Henriques á volta da sua correria de Trancoso contra os Mouros. Pela inscrição que ain-

da se conserva na frontaria — *Fundata fuit ista Era M. C. Lx. II kalend. Julij* — conhece-se que as obras começaram ou terminaram a 30 de Junho de 1152; e por um outro letreiro que ainda no século XVII se encontrava no templo, sabe-se também que o arquiteto foi o mestre João Froilaz, de Tarouca: — *Ioannes Froylaci de Tarauca fecit hoc.*

Embora houvessem sido vándalicamente destruídos, antes de 1910, vastos edifícios antigos do convento, obras talvez do século XIII, ainda aí restam, das primitivas construções, uma extraordinária galeria cobrindo um ribeiro, muros, e a igreja que é ampla, de três naves, de estrutura absolutamente românica, apesar dos arcos agudos das portas e das cintas das abobadas.

Igreja paroquial de Tarouca. Importante monumento que descobri por acaso, pois atraidos pela fama do mosteiro, nunca os viajantes se dirigem a Tarouca, vila e cabeça de concelho. Esta igreja, do fim do século XII, conserva o aspecto exterior primitivo, com a porta lateral, magnifica e assente sôbre um corpo saliente, mais imponente que a da frente; a empena das sineiras, de arcos agudos e sôbre o lado direito, com seu patim de serviço exterior, partindo do côro; e a linha dos cachorros multiformes, intacta. O interior, modificado nos séculos posteriores, não corresponde ao aspecto externo.

Mosteiro da Salzeda. Sagrou-se a igreja dêste Mosteiro no ano de 1225 (*Monarch. Lus. L. XI, p. 240 e ss.*). O edifício primitivo, fundado por D. Tareja Afonso, mulher de Egas Moniz, está mascarado pelas

obras realizadas no século XVIII, revelando-se, porêm, ainda por um arco da nave lateral esquerda, e pela silharia das paredes para o lado dos claustros, que aparece toda em ordem e siglada. Era uma linda igreja de três naves, maior e muito mais interessante que a de S. João de Tarouca, a'que infelizmente os reformadores setecentistas fizeram perder o carácter e a magestade.

Igreja de Santa Maria de Cárquere. A uns quatro quilometros de Resende, na encosta da serra. Fundação de D. Afonso Henriques (?), que por intercessão da Sr.ª de Cárquere se curou de um defeito nas pernas, molestia com que havia nascido. Da primitiva igreja resta uma pequena quadra de silharia regular, cintada por uma faixa de entrelaçado, em relêvo. Numa das faces dessa construção abre-se uma linda janela de volta redonda que noutro lugar deste livro descrevo e reproduzo.

Igreja de S. Martinho de Mouros. Fica a freguesia, de que a velha e imponente igreja de S. Martinho é cabeça, na vertente esquerda da conca do Douro, a umas quatro leguas de Lamego, sôbre a estrada que segue para Resende.

O templo é de traça e tipo desusado entre os monumentos românicos que tenho estudado na região. Em vez da caraterística empena das sineiras, com duas ou tres aberturas, alçada sôbre a fachada ou sôbre um dos lados, possue este santuário uma espécie de torre assente sobre a frente da construção, a meio da qual, vasado de arcos gémeos e aguçados, se levanta um paralelepipedo de cantaria que abriga os sinos.

Igreja de Barrô. Situada sôbre a estrada de Resende, a três léguas de Lamego e a uma de S. Martinho de Mouros, porêm mais chegada à corrente do Douro do que esta última povoação. Interessante monumento românico cujo ar de vetustez é somente perturbado por uma torre moderna que encostaram ao edificío e pela visinhança de umas casas de brasileiro rico, todas berrantes de telha marselheza.

Igreja de Barcos. A freguezia de Barcos, pertencente ao concelho de Taboaço, dista desta vila uns quatro quilometros e fica situada sôbre a cumiada dos montes que formam o primeiro socalco da muralha esquerda do vale do Douro. A igreja paroquial é um interessante exemplar românico que conserva em muito bom estado a sua porta principal de volta redonda e as lateraes de arcos aguçados. A cachorrada está completa, e todos os *cantos* ou silhares aparecem siglados. Deve ter sido levantada esta egreja entre os meados dos seculos XII e XIII.

Capela de Sabrôso. A uns três quilometros de Barcos, para poente, em lugar despovoado, nas faldas de um cabeço pedregoso e regular, ergue-se esta capela românica, porventura erguida pelos mesmo arquitéto e canteiros que traçou e lavraram a paroquial de Barcos. Conserva intacta a sua porta principal, muito simples, parte das paredes, e a cachorrada da capela-mór, sendo a decoração dos modilhões identica áquela com que deparamos na igreja da vila visinha. Parece-me uma construção do começo do seculo XIII.

Conserva ainda, no adro devastado, numerosas pedras

sepulcraes contemporâneas dos primeiros tempos da fundação.

Igreja de Armamar. Desconhecida dos arqueologos e historiógrafos de arte, como algumas das anteriormente descritas, a igreja matriz de Armamar é um belo edificio romànico de três naves, magnificamente conservado. As janelas, tanto da sua grande abside semi-circular como dos dois absidiolos que a acolitam, foram, porêm, no seculo XVII transformadas em nichos, hoje ocupados por três imagens de calcareo fino, muito boas esculturas de começo do seculo XVI, que mete dó ver expostas ás intempéries e aos estragos do rapazio.

A porta principal é de arco aguçado, com duas arquivoltas simples, cujos abacos e ímpostas são adornados de bolas. A cachorrada permanece intacta, constando a sua decoração de barris, rolos, cabeças de javardo e esferas. Toda a silharia está siglada, sendo muitas das siglas semelhantes ás do Castelo de Lamego e Salzedas. Deve datar do começo do seculo XIII.

Existem ainda na mesma área de Lamego três monomentos arcaicos já plenamente góticos, posteriores, portanto, aos que acabo de mencionar, e dos quais a seu tempo me ocuparei. São êles:

A Capela de S Domingos de Queimada,

A Ponte e a Torre de Ucanha,

A Torre do antigo convento de Ferreirim.

Nossa Senhora de Cárquere

De Resende a Cárquere, não chega a ser uma légua.

Sobe-se por íngremes ladeiras, calçadas de granito em blócos almofadados e polídos pelo uso, até á Feira Nova, onde se entra sob um docel de ramadas. Daí para diante o caminho velho segue quási em plano, pelo fundo de um vale, direito aos montes anegrados que trepam para as alturas cobertos de arvoredo. A que altitude se está já acima da corrente do Douro! E, comtudo, quanto não tem que se escalar ainda, para alcançar esses povoados serranos que se alcandoram entre os rochedos e os castanheiros seculares!

É manhã cêdo, e a terra, empapada da água das régas e do orvalho, rescende frescura. Como no Minho e na Campania, a vinha enleia-se no arvoredo solto, abandonando braços que se inclinam e nos roçam com doçura na passagem.

Destacado na serra como um promontório, o môrro de Cárquere aparece, sôbre a direita, as linhas indistintas na vegetação envolvente.

Galga-se a ponte de alto arco, que um painel devoto ságra, na entrada, e eis-nos de novo a subir. De um lado e outro:— paredes novas, com o granito, alvo

como marmore granuloso, a luzir; casas semeadas ao acaso das pousas da ladeira; cantilenas monotonas de tear ou rumores abafados de malhadas; castanheiros pingando ouriços arreganhados, os beiços espinhosos entre verde e leite; alminhas em blocos isolados; águas claras — alma da serra — descendo em minúsculas cascatas, empoçando aqui, serpenteando ali, saltando mais abaixo, aromatisando tudo de frescôr; milhos tenrinhos — nobreza do pobre — vagamente flôr. delisados... Atravessa-se um recanto adorável da terra portugueza.

Estamos no alto da encosta.— Um *canastro* erguido sobre piões e mós de pedra — possivelmente verdadeiras mós romanas —, uma capelinha aberta, sob que se abriga uma escultura barbara, e eis a torre de Cárquere, maciça e ameada, escurecida e tristonha, em toda a sua rústica imponência de atalaia serrana.

*

Conforme narra Duarte Galvão na sua *Chronica delrey D. Affonso Henriques*, publicada em Lisboa em 1726 por Miguel Lopes Ferreira, o primeiro rei de Portugal nasceu em Guimarães no ano de 1094 (1). O filho de D. Terêsa e do conde D. Henrique, ainda que formoso e bem conformado, viéra, porêm, á luz com as pernas pegadas dos joelhos para baixo. «Pegadas las piernas desde las rodillas a los tovillos», esclarece eruditamente Faria e Souza (*Europa Portug.*, t. II, p. 32).

Egas Moniz, ricomem de Entre Douro e Minho,

(1) Outros escrevem que em 1109.

levou o menino para a sua companhia e consigo o conservou durante largo tempo, pedindo sempre a Deus, para seu amo, o «exercicio dos pés que a natureza lhe negava». E aqui sucede a maravilha que Duarte Galvão relata a páginas 3 e 5 da sua *Cronica:*

«E jazendo D. Eguas hua noyte dormindo, sendo já ho menino de cinquo annos, lhe appareceo nossa Senhora, e dice: *D. Eguas dormes.* Elle ha esta vóz e

Fig. 13

A torre do Mosteiro

(Fotografia do autor)

visão acordando, respondeo: *Senhora quem sões vás.* Ella dice: *Eu sam ha Virgem Maria, que te mando q vas ha hum tal lugar,* dando-lhe logo hos sinaes delle, *e faze hi cavar, e acharas hi huma Egreja que em outro tempo foy começada em meu nome, e hua Imagem minha; faze correger a Imagem, e ha Egreja feita á minha honra; e*

esto feyto farás hi vigilia poendo o Menino q crias sobre ho Altar, e sabe que guarecera, e será sam de todo, e nom menos te trabalha da hi avante de ho bê guardar, e criar como fazes; porque meu filho quer por elle destroir muitos imiguos da Fée.»

Ora D. Egas seguiu á risca as ordens da Senhora, achou a igreja e a imagem, e o menino Afonso guareceo... «E por causa deste milagre foy depois feyto em esta Egreja com muita devação ho Mosteiro de Cárquere...» (pag. 6 da *Crónica*).

Como Cárquere é uma grande estação arqueológica, onde têem aparecido dezenas de lápides funerárias, por sinal muito típicas, não admira que Egas Moniz tivesse conhecimento de que no lugar existia algum edifício antigo soterrado, e que á volta dêsse facto se efabulasse toda a lenda.

Segundo a *Chronica dos Conegos Regrantes*, igreja e mosteiro foram fundados pelo conde D. Henrique, que no proprio ano de 1099 começou as obras, em memoria do milagre. O edifício conservou-se em poder dos conegos, aos quaes foi doado, até 1561. Em 1541, D. João III, com grande zanga dos conegos, segundo o dá a entender Dom Frei Nicolau de S. Maria, ofereceu o mosteiro ao Padre Simão Rodrigues, para lá estabelecer os seus jesuitas. O astuto padre entendeu, porêm, que lhe convinha mais ficar ao pé da Côrte, e trocou Cárquere pelo Mosteiro de Santo Antão o Velho, ao pé do Castelo de Lisboa. Continuou, portanto, o convento em poder dos conegos até 1561, época em que o Cardeal D. Henrique cedeu as rendas aos referidos jesuitas. Tinha que ser.

Tudo isso passou. O velho mosteiro é hoje séde da paroquia.

Fig. 14

Aspecto geral dos edifícios do Mosteiro

(Fotografia do autor)

*

Em N.ª S.ª de Cárquere contamos, alem da torre ducentista, a igreja, o conventinho, com dois andares, flanqueado de um arco largo por onde se desce ao terreiro em frente do templo, e o cemiterio, murado e quadrangular, delimitado, a nascente, por um anexo da igreja, onde se encontram a sacristia e o pobre e frio panteon dos senhores de Resende. Por detrás dêste anexo fica a residencia paroquial. Sôbre a esquerda eleva-se brandamente o extremo do môrro de Cárquere, o alto chamado «das procissões», fóco principal do antigo *castro* e da povoação romanizada que o continuou. A planta sumaria que levantei, evidencía a disposição geral das construções.

A igreja, de uma só nave, é de fabrica manuelina, no corpo, de construção gotica na capela-mór. O arco da porta principal, bastante pobre; o do cruzeiro, com três arquivoltas; o do côro, largo e abatido; a porta lateral esquerda e a cachorrada polimorfica da face visivel, estão claramente mostrando o trabalho do primeiro terço do seculo XVI. Na capela-mór, as nervuras cruciaes da abobada, as colunas grosseiras que as aguentam, os cachorros do friso exterior, e as duas janelas geminadas, com seu oculo quadrilobado sob o gume da ogiva, denunciam o fim do seculo XIII ou começo do XIV.

Metido na parede esquerda da capela-mór fica um tumulo monumental, impossivel de examinar por causa da armação de talha que o reveste. Parte da parede desta banda foi rôta para estabelecer passagem para uma sacristia, de aspecto relativamente moderno.

Logo contigua a esta sacristia encontra-se a parte

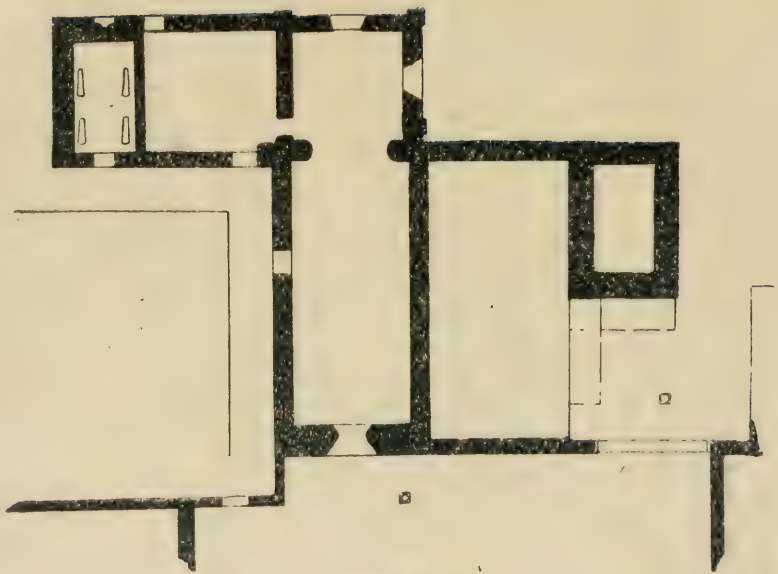


Fig. 15

Planta sumária dos edifícios do Mosteiro

mais antiga do edificío, uma camara retangular, simples e acanhada, onde se alinham quatro arcas tumulares de pedra, duas das quaes, as da esquerda, se encostam a arcadas abertas na espessura da parede.

Os sarcofagos, compridos mais de dois metros, trapezoidaes, pesados, barbaros, adornados nas tampas com escudos oblongos, onde se deliniam cabras tôscas, são iguaes aos da entrada de S. João de Tarouca, Santo André de Mafra, Sé de Lisboa, Vilarinho, Cerzedelo, Pombeiro, todos dos seculos XIII e XIV.

Sôbre o primeiro da direita ha um escudo deitado ao correr da tampa, ornado com uma cabra entre duas cunhas. Cravado na parede, por cima do segundo, um retangulo de pedra de 0,66 por 0,45, mostra a seguinte inscrição, em gotico, e em seis linhas:

Aquy. jas. ho virtuoso sõr — vasco m's de resende. do — cõselho delrey don affon. — so. rejedor da sua justica — na comarqua, dantre — douro e minho.

Por cima da primeira arca do lado esquerdo, que ostenta na tampa um escudo com duas cabras, está incrustada uma inscrição semelhante á anterior, onde se lê:

Aquy. jas. o sñor. vasco — mis de resende (deto ?) ne — to. de. mar. tin. affons. q. — foy sõr. de. toda. esta. terra. de. resende.

Sobranceira á segunda arca desta banda fica a inscrição mais pequena:

Aquy jas — o senor gil — vas de — res·nde.

Dizem estas inscrições cravadas na parede e, decerto, posteriores aos sarcofagos, respeito a estes e às pessoas que lá foram depositadas?

Esta capela funeraria dos senhores de Resende, unica parte que resta da fundação do Conde D. Hen-

rique (?) conserva exteriormente, da banda do nascente, um resalto de pedra, lavrado de laçaria entrecruzada, e uma janela de volta redonda, completa, que é das cousas verdadeiramente interessantes do romanico, entre nós, pelas suas dimensões exiguas e perfeita conservação. Não vale a pena estar a procurar termos de comparação para os lavôres das arquivoltas e resalto desta janela; em toda a Europa se encontrariam correspondencias de forma e decoração. É, porêm, bom deixar notado que a porta da torre do Mosteiro de Travanca possue uma arquivolta absolutamente igual á lavrada com cabeças de monstros que se examina na nossa fotografia. O sr. Joaquim de Vasconcelos atribue Travanca ao seculo XI. Com o devido respeito, parece-nos que não ficaria mal coloca-la no seculo XII. Cárquere, que o Conde D. Henrique (?) construiu e erigiu em Mosteiro, pode datar, o maximo, do primeiro terço do seculo XII. E a sua torre é decerto um bocado posterior.

Fig. 16
Imagem da Senhora de Cárquere. «a antiga»
(Tamanho natural)

O que admira é como os edificios do Mosteiro tiveram de ser renovados logo nos seculos XIV e XVI.

*

Na igreja ha duas imagens de grande antiguidade: Nossa Senhora «a Branca» e a Senhora de Cárquere.

A primeira, Nossa Senhora a Branca, ocûpa o altar da esquerda, que se encosta a um dos ombros do cruzeiro. É uma imagem um pouco menor que o tamanho natural, de face larga e grossa, com corôa fechada pousada em cima da mantilha, um manto sôbre os

hombros, preso, no peito, por um firmal quadrilobado. Com a mão direita segura o manto, com a esquerda o menino, que brinca com a correia lavrada do cinto da mãe. É uma escultura da escola de Coimbra, do seculo XIV, e, provavelmente, feita na propria cidade, porque é de pedra de Ançã. Possivelmente o nome de Branca lhe veiu dessa circunstancia. As mulheres paridas, a quem falta o leite, raspam um pouco da imagem, misturam o pó em água, bebem-no, e obtêem fartura no criar de seus filhos.

A imagem da Senhora de Cárquere de que vou falar, não é a que se encontra sôbre o altar-mór. Guarda-se, com recato, dentro de uma caixa de reliquias, entre minusculos *agulheiros de Nossa Senhora*, de prata filigranada, dos seculos XII ou XIII. É uma esculturasinha de marfim, com 0,029 de altura e 0,014 de base, de trabalho muito antigo (1).

A Senhora é representada com o menino assente sôbre o joelho esquerdo, de corôa encordoada e denticulada posta sobre uma mantilha curta, e de tunica e manto. Com a mão direita um pouco erguida, abençôa, como os Cristos dos evangeliarios e dos esmaltes. O menino, coroado como a mãe, segura um livro na mão esquerda, e abençoa tambem com a direita; os seus pés nús, muito rudes, estão virados na mesma direcção. Nos vestuarios ha manchas delidas de ouro e encarnado.

As faces das duas figuras, largas, ovaes, inexpressivas, os gestos e posições, as roupagens sem rigidez, mas também sem maleabilidade, indicam um trabalho

(1) Alberto de Sousa fiel e graciosamente desenhou a figura sôbre uma fotografia do autor.

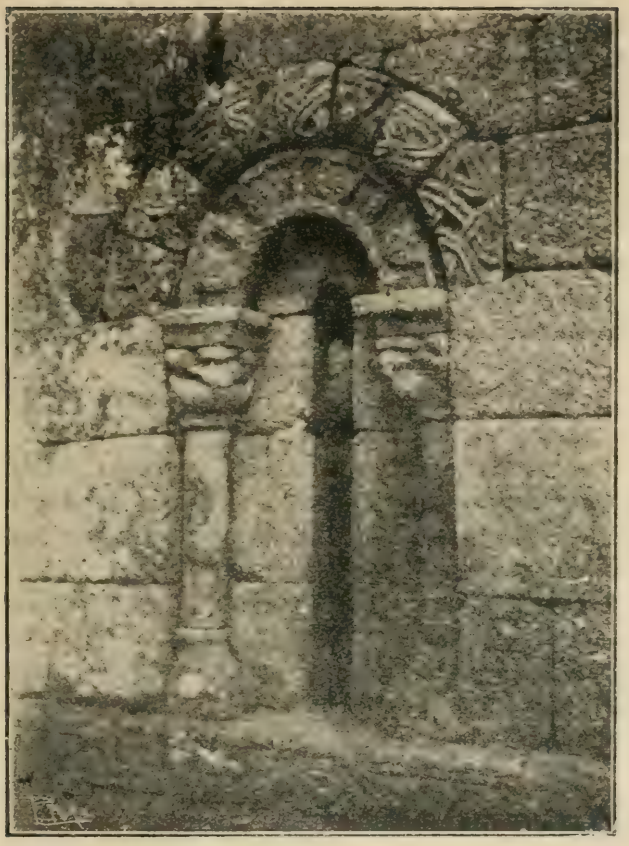


Fig. 17

Janela da parte arcaica do edifício

(Fotografia do autor)

de alta antiguidade. Nesta mesma posição está composta, em mosaico, em Santo Apolinario Novo de Ravena, uma madona do seculo VI (1). Estaremos em

(1) A. Venturi, *La Madone*, Paris, pag. 3

presença de uma imagem visigotica, ou, já do periodo romanico ?

O respeito, o religioso cuidado com que eu lhe toquei, para a fotografar ! Como nos sentimos impressionados sob as arcadas de uma igreja primitiva, perante uma imagem vista e adorada por reis, ricomens e povo de seculos remotos, que foi talvez levada como talisman, no seu minusculo relicario de prata, para o meio das refregas contra os mouros, que correu decerto as sete partidas do mundo, de um mundo, que nós não conhecemos, nem conheceremos nunca !

*

O sol vae alto agora. Desce das encostas, por entre os castanheiros copados, um som ritmado e alegre de tambor. Acaso o senhor da terra manda fazer alardo para algum fossado contra os mouros ? !

A paisagem é, ainda, a mesma que conheceram os donatarios de Resende. Os tempos, porêm, são outros. Aquele som, a que uma voz estridente de rapariga se une breve, é o pregão da *róga* serrana que vai para as vindimas do Douro, entre descantes...

A Igreja de S. Martinho de Mouros

A igreja românica de S. Martinho de Mouros é o mais imponente presbiterio rural que, do seu estilo, se ergue em terras da Beira Alta. Quer pela lenda que envolve a sua fundação, atribuida aos *mouros*, quer pelo seu tipo construtivo, diverso do usualmente adotado na região, nos periodos românico e romano-gótico, esta igreja despertou, desde há muito, a atenção dos arqueologos e artistas, entre os quais Filipe Simões foi o primeiro, salvo erro, a ocupar-se dela, embora sumariamente, e o ultimo o sr. Marques Abreu que lhe fotografou varios aspectos interessantes, publicados depois na «Arte Românica».

Vizinho da freguezia a que ela serve de cabeça, há dez anos que a conheço e admiro. Mas a monografia especial que este monumento notavel mereceria, não me permitem as circunstancias escrevê-la, emquanto o Estado não auxiliar a publicação de toda uma serie de monumentos cujo conhecimento importa fundamentalmente à historia da arte portuguesa. No estudo presente ficam, porêm, embora como mero subsídio para essa monografia, indicadas as principais e mais importantes carateristicas do edificio.

A igreja é de uma só nave, de capela-mór mais es-

treita que o corpo, e conserva a sua estrutura e decoração primitivas com pequenas alterações.

Diversamente do que acontece nos presbiterios românicos do Entre Douro e Minho e Beiras, a igreja de S. Martinho de Mouros não apresenta a fachada rematando em empena de duas aguas, ou em sineira vasada de uma, de duas, ou tres ventanas. A sua frontaria é sobrepujada por uma das faces de um corpo rectangular, a modo de eirado de torre, que domina o primeiro quarto da nave, e que se levanta apoiado em tres das faces sôbre as paredes da frontaria e lateraes, e na ultima sôbre arcos cujas colunas e pilastras de sustentação partem do interior da igreja, disposição que julgo unica nas construções românicas portuguesas.

Esse corpo retangular que domina a frente do templo e lhe dá um aspecto quasi militar resalta um tanto das paredes, apoiado numa serie de arquinhos, cujos pés se estribam em cachôrros com feitio de cabeças de bovideos, perfeitas ou apenas esboçadas. Chama o sr. Lamperez y Romea a este tipo de decoração — de arquilhos lombardos —, e, efetivamente, o aspecto da igreja toma, por causa deles, um sabor bem mais italiano que galego ou provençal.

Encontram-se estes mesmos arquinhos na cornija da igreja de Ferreira (concelho de Paços de Ferreira), tanto no corpo como na sua abside redonda; bem como na fachada da primeira construção românica da igreja de Paderne.

São 16 os arquilhos da fachada de S. Martinho, incluindo o nôno a contar da esquerda, na sua volta, o arco terminal de uma fresta que risca a frente do templo e que serve para dar luz á escada apertada que conduz ao eirado da torre.

A meio desta ultima construção levanta-se um novo corpo quadrangular, largo 3,40, comprido 2,60, vasado de arcos aguçados, espécie de alpendre de miradouro que serve de torre dos sinos. Por cima do telhado desta, a descoberto e desprotegido contra o tempo, destaca-se um sino que é percutido externamente com

Fig. 18

Igreja de S. Martinho de Mouros
(Fotografia do autor)

um maço de ferro. Este sistema é adotado geralmente na Italia, podendo a junção do emprego dos arquilhos lombardos com o modo de colocação do sino, induzir-nos a acreditar que o arquiteto da igreja se inspirou, ao erigi-la, num modelo italiano.

A porta principal é de arco aguçado, com quatro arquivoltas, sendo a externa acompanhada por uma faixa de ornato axadrezado cujos extremos vem assentar nas impostas que partem dos abacos e acompanham toda a frontaria. A disposição é absolutamente identica á da porta principal da igreja de Almacave, em Lamego, tanto na estrutura, como na decoração dos capiteis.

Apeada, encostada á frontaria, do lado direito, encontra-se uma larga e grossa pedra cortada em ogiva que serviu de timpano a este portal e apresenta uma cruz gravada, a meio. Mede esta pedra: de altura, 2,05; de largura, 0,20; de espessura 0,30.

Á altura do gume do arco projetam-se, na fachada, as pedras regulares de quatro cachôrros em que se apoiou a trave mestra do alpendre que, como em todas as igrejas antigas, precedia a entrada, disposição que em Portugal se perpetuou nas capelinhas dos seculos XVII e XVIII.

As portas lateraes primitivas desapareceram.

Embora o corpo da igreja não seja abobado, as paredes estão reforçadas com botareus, havendo os dois primeiros do balisamento sido encorporados na propria fachada a que dão um recorte cheio de graça e leveza. Uma cornija estribada em modilhões desadornados acompanha a linha dos beiraes.

A capela-mór é retangular, simples. A igreja de S. Martinho de Mouros, como quasi todos os pequenos presbiterios românicos e da transição, do norte do país, compõe-se de dois corpos retangulares, de desigual largura, disposição que se encontra nos templos galegos da mesma época, os quaes serviram certamente de modelo, em muita cousa, aos nossos.

Quem entra na igreja depara logo com o fortissimo par de pilastras, que um côro moderno impede de deixar seguir com a vista até aos tres arcos que sustentam a torre. Desses arcos, o central, de volta redonda, fica mais alto que o apainelado do teto da igreja, abrindo-se os lateraes, levemente aguçados, bastante mais abaixo do arco principal, sendo continuados por abobadas de berço para o lado da parede da frontaria.

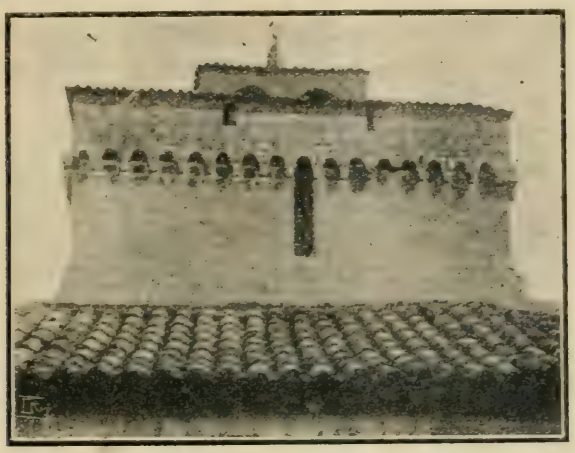


Fig. 19

Parte superior da fachada da igreja de S. Martinho

(Fotografia do autor)

A importancia desta interessante disposição, exigida pelo peso formidavel da torre, foi nitidamente compreendida pelo sr. Marques Abreu, que na «Arte Romanica» reproduziu uma boa fotografia desta parte do interior.

A estes dois pilares correspondem, na muralha interna da frontaria, duas colunas, providas de seus

capiteis ornados de volutas, sôbre que devia assentar um côro que não passaria, como o de hoje, alem da frente dos pilares, mas se acantonaria somente entre eles e a parede. E assim se explica que do corpo dos pilares, na parte voltada para a porta, se separem duas colunas com seus capiteis ornamentados. Nestes podemos vêr: no da esquerda, dois grandes touros unidos por uma só cabeça; e no da direita, dois homens emergindo de folhagem, um sentado, com as mãos postadas á altura do assento, e outro numa posição ainda mais realista, acocorado e com as mãos agarradas á gola do capitel.

O arco do cruzeiro é também, como o da porta principal, aguçado, e mostra, tanto interna como externamente, lavores denteados e losangulares. Entre os ornatos puramente românicos dos capiteis deste arco aparecem monstros em acto de tragar figuras nuas, que lhe pendem da boca penduradas pelas pernas, motivo repetido da porta principal. Um friso de folhas de acanto, motivo ornamental classico que, ao lado dos motivos bizantinos e barbaros, se empregou no romanico, corre por cima dos capiteis

Sôbre este arco existe um oculo, emmoldurado em tóros, apresentando a abertura a forma de uma cruz cujos braços terminam em novos oculosinhos de menor diametro, forma trivial nos monumentos românicos e do gotico primario.

Na planta que apresento, feita na escala de 1:100, pode examinar-se a disposição atual das partes componentes da igreja, que mede: no corpo, 17,80 de comprimento e 8,50 de largo; e na capela maior, 11,16 de longo, e 5,65 de ancho, medidas tomadas no interior.

*

De obras posteriores à fundação do templo pouco de notavel se conserva no interior. Na capela-mór estão dois bons quadros em madeira, da primeira metade do seculo XVI, representando, o melhor, aquela passa-

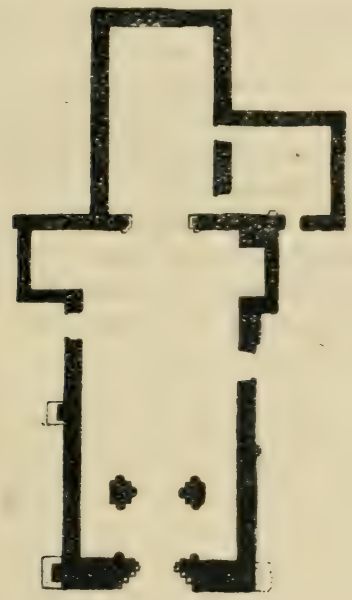


Fig. 20
Planta da igreja de S. Martinho de Mouros
Escala 1:100
(Desenho reduzido a $\frac{1}{4}$)

gem da vida do orago da igreja em que o santo corta metade da sua capa para a dar a um mendigo. A figura de S. Martinho, montado num belo ginete branco, re-

trata no aspeto geral, nas roupas, e no rosto, um tipo de senhor quinhentista apresentado com esmero.

No ombro esquerdo da igreja, um metro afastado do arco do cruzeiro, existe ainda, pintada sôbre uma camada de estuque que reveste a silharia, a figura de um bispo abençoando, que dificilmente se consegue examinar por se achar encostado, a esse espaço da parede, um altar. Pelo que dificultosamente se lobriga, o santo bispo, de mitra e manto, abençoa com a dextra erguida. A figura espalma-se dentro de um caixilho preto, sendo as cores empregadas na composição, vermelha e amarelo sujo, muito grosseiras. De um e outro lado da mitra episcopal, assente sôbre uma cabeleira que cae até ao pescoço do personagem, está escrito em letras goticas: *sãn braz(?)*. Trata-se de uma obra inferior do começo do seculo XVI, de um certo interesse pela raridade das pinturas a fresco, desta época, no nosso país.

A Igreja de Barrô

ERGUE SE este interessante monumento românico na margem esquerda do Douro, a umas três leguas de Lamego, junto da estrada que conduz desta cidade a Resende.

A fachada da igreja é uma das mais curiosas e notáveis entre as dos templos coevos interamnenses e beirões, e, como a de S. Martinho de Mouros, de tipo desusado na região.

Aparece a frontaria repartida em quatro secções, separadas por resaltos ou impostas que a acompanham a toda a largura, correndo a primeira dessas molduras pela altura dos abacos dos capiteis da porta principal; a segunda por cima do gume do arco aguçado do portal; a terceira na direcção dos capiteis da arcatura ou arcada céga que se cava na muralha sôbre a entrada; e a quarta entre a última mencionada e a linha de águas da empena.

O portal maior, é, como todas as portas dos templos românicos, uma forte e bela construção em que a abertura, emmoldurada de uma série de arquivoltas de arcos aguçados, se vai tornando mais larga á medida que se aproxima da face da muralha. Mas nem por os arcos aparecerem aguçados os poderemos con-

siderar ogivais. O nome de ogival aplica-se a um sistema construtivo e não a uma forma de arco mais ou menos subido. Em Espanha encontra-se este tipo de arcos desde o começo do século XII (Santa Maria de Tarrasa — 1122 e Catedral de Lugo — 1129), em edifícios do mais puro românico; e por toda a Península foram empregadas conjuntamente as duas formas de arco, aguçado e de pleno cintro, até ao meado do século XIII.

A parte superior do portal da igreja de Barrô compõe-se de uma série de arcos em retirada, ou *abocinados*, que assentam em colunas de fuste cilindrico, encostadas á parede, correspondendo a cada coluna dois arcos de esquina em tóro. Mas, como acontece na maioria dos edifícios do mesmo género, estas colunas não aguentam de facto as arquivoltas, recaindo todo o pêso sôbre os abacos cravados no massame do muro.

O tímpano da porta, desprovido de ornatos em relevo, è embelezado por uma cruz vazada no granito. Esta cruz, porventura o melhor exemplar no género, entre as igrejas coevas, do norte, deve, indubitavelmente considerar-se superior ás cruzes abertas nos tímpanos da porta lateral da Sé de Braga e nos dos portais dos rustícos presbiterios de Fonte Arcada (Lanhoso), Unhão (Felgueiras) e Arnozo, que formam um grupo especial dentro da colecção de tímpanos historiados das igrejas do norte, cujos melhores exemplares se podem admirar em Rates, Rio Máu e Bravães.

E a cruzinha de braços curvos, desenhada sôbre o centro da cruz maior, é igual aos simbolos do mesmo genero que se colocavam sôbre as empenas da frontaria, do arco do cruzeiro e da cabeça da capela maior

dos templos dos seculos XII e XIII (p. e. nas igrejas de Ferreira, S.ª da Ourada, Bravães, Cerzedelo, etc).

A rosacea da frontaria, muito simples, reduzida a

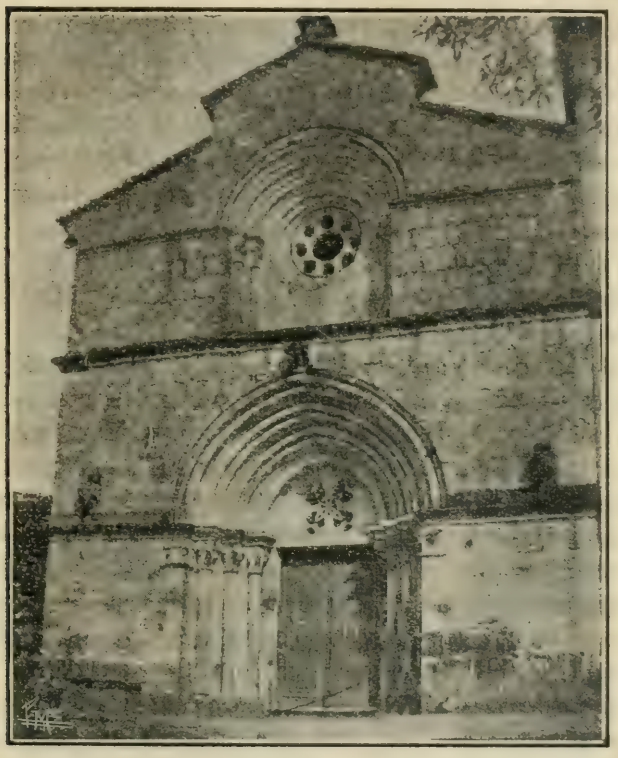


Fig. 21

Frontaria da igreja de Barrô

(Fotografia do autor em 1915)

um circulo rodeado de oito oculos mais pequenos, aparece, neste monumento, envolvida por uma arcada cega, de volta redonda, com as arquivoltas de aresta

em tóro, as quaes assentam em dois pares de colunas semelhantes, na disposição e decoração, ás da porta principal. Encontram-se aqui mais uma vez reunidos neste monumento cuja fundação devemos atribuir ao fim do seculo XII, ou quando muito, á primeira metade do seculo XIII, o arco *apuntado* e o do pleno cintro.

Este dispositivo do janelão sôbre a porta principal traz á mente a fachada da Sé de Coimbra. Alem desta aproximação apenas encontro entre os monumentos da peninsula para tentar uma comparação, o trecho da grande janela ornamentada que se abre sôbre a porta da fachada norte da colegiáda de Tóro. Seria o arquiteto de Barrô um espanhol, como o de S. Martinho fôra, possivelmente, um italiano?

O lado esquerdo da igreja, com os seus 24 cachorros multiformes da cornija, as 6 misulas maiores, a meia altura, onde assentou a trave mestra de um alpendre desaparecido, e uma porta de arco aguçado, debruado de uma faixa de ornato axadrezado, póde considerar-se intacta. Entre os cachôrros da capela-mór divisam-se uma cabeça de homem e um focinho tôsco de javardo: entre os do corpo da igreja, passaros, um gnomo acocorado trincando qualquer cousa informe, e desenhos varios.

A porta tem o timpano liso assente sôbre dois estribos semelhantes aos que encontramos nas entradas lateraes de Almacave, sendo porêm aqui esses estribos ornamentados. Do mesmo tipo os encontramos na igreja de San Isidro de Leon, onde os lavraram de cabeças de animais de bôcas hiantes, na Puerta de Platerias da catedral de Compostela, na porta de Santa Maria La Real, em Siguenza (Navarra), etc.

Quanto á faixa de xadrez, essa é tambem vulgar em

Espanha e frequente entre nós, mostrando três igrejas desta região de Lamego—S. Martinho de Mouros, Almacave, e Barrô — as suas portadas decoradas com

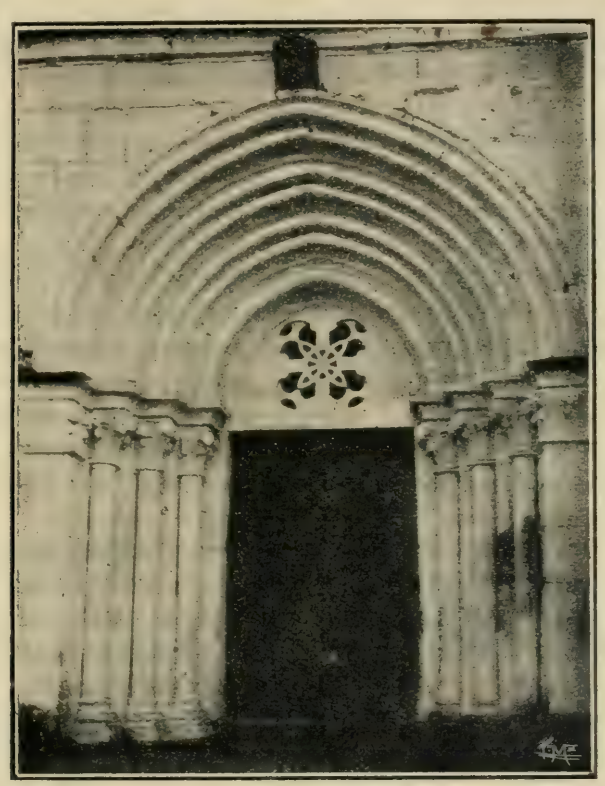


Fig. 22

Porta principal da igreja de Barrô

(Fotografia do autor em 1916)

ela. Folheando a «Arte Românica» de Marques Abreu, muitos exemplos se poderão colher ainda, e de fóra de Portugal poderemos citar, escolhidos entre mil, a porta

de San Quirce, de Burgos, o claustro de São Domingos de Silos, (Castela), o portal de Charlieu (Loire), etc., aparecendo a faixa em todos estes monumentos, ora a três, ora a quatro, a cinco ou seis quadrados de largo.

No lado direito da igreja são apenas visiveis 17 cachôrros, escondidos ou destruidos como foram os outros pelas dependencias que se encostaram a este lado do templo, sendo o principal desses adminiculos acrescentados, a inestetica torre moderna cujo ultimo restauro data de 1895.

O interior do corpo da igreja de Barrô, pobre e simples, é alumiado por duas janelas de arcos aguçados, com 1,18 de largo de abertura interna, mas que afloram no exterior apenas como frestas altas e muito estreitas. Duas tôscas pias de batisar ocupam os angulos inferiores do retangulo, sendo os superiores escondidos pela armação entalhada de dois altares setecentistas.

O arco que dá passagem para a capela-mór é largo, aguçado no alto, e os seus pés incurvam levemente ao assentarem na imposta que remata os capiteis. A capela-mór é abobada com uma abobada de berço fortalecida por duas cintas fortes, a primeira assente em colunas iguaes ás do arco do cruzeiro, e a ultima estribada em misulas. As colunas assentam em sócos, altos 1,24 a 1,27, e compõem-se de base larga e alastrada, com ornatos nos angulos, simplificação das classicas garras, fuste cilindrico e capiteis ornados, sobrepujados por uma imposta ou cimalha ornada de folhagem estilisada. Dos quatro capiteis, o primeiro do lado do epistola está lavrado com três figuras em relevo: a primeira de um homem de túnica curta ou

saio, que segura na mão direita uma especie de escudo oval e levanta na esquerda um machado ou uma funda: a segunda, um outro homem empunhando uma lança e levando á boca uma buzina de côrno; e a ultima um quadrupede de pernas altas e grande cabeçôrra, possivelmente representando um bovideo. No capitel fronteiro há três animaes da mesma especie, dispostos em fila. Os restantes capiteis de cinta media são envolvidos por folhagem de folha esguia e arestas vivas. A imposta que corre da cinta a cinta é simples e desadornada.

As siglas marcadas sôbre a silharia pertencem quasi todas ao alfabeto oncial usado ao tempo.

Dentre as igrejas que estudei ou visitei nos arredores de Lamego, a de Barrô é aquela em que encontrei maior copia de esculturas e insculturas. E na frontaria, alêm dos lavôres antigos dos capiteis e das cabeças humanas das 3 misulas, vêmos ainda, aos lados da porta principal, duas cruzes de Malta evidentemente posteriores à construção da igreja, que desde o século XVI foi uma comenda daquela Ordem militar.

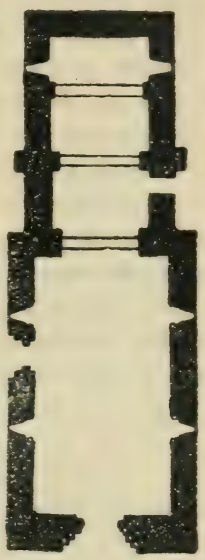


Fig. 23

Planta da igreja de Barrô a 1:100 (reduzido a $\frac{1}{4}$)

Na ocasião de uma das minhas visitas à igreja, em 1916, estava o interior pejado com as armações dos andores que haviam figurado na festa da freguesia, realisada a 15 de agosto. Entre esses andores figurava um barco *rabelo*, perfeitíssimo, pintado de azul e ver-

melho, em cuja ponte se erguia o tronosinho da Senhora da Boa-Viagem, a pequenina protetora dos marinheiros da freguesia que, dia a dia, arriscam a vida nos *pontos* e *cachões* do Douro, que corre lá em baixo entre penedias selvagens. A Senhora é trazida para a igreja na ocasião da festa, da alta rocha onde se cava o seu nicho, olhado com religiosa piedade e esperança pela gente de Barqueiros, Ermida, Porto Manso e Frende, gente rude que compõe a tripulação da maior parte dos barcos que deslisam ainda ou se empinam sôbre as aguas turbulentas do Douro.

Algumas medidas tomadas na igreja:

Comprimento do corpo, internamente, 14.^{m}; largura, 6,95; comp. da capela-mór, 11,70; largura, 5,15. Largura externa da porta principal, 3,91; largura interna, 1,85; altura até ao tímpano, 2,70. Largura da porta lateral esquerda, 2,40; largura interna, 1,77; altura até às impostas, 2,46.

A Igreja paroquial de Barcos

(TABOAÇO)

LEVANTA-SE o monumento na praça principal da antiga vila de Barcos, conservando quasi intacta a sua linha primitiva, exceto do lado esquerdo, acrescentado com uma sacristia banal e de pessimo estilo, e na cabeceira, levemente restaurada no seculo XVIII.

Compõe-se de um corpo retangular e de uma capela maior, desiguaes na largura e com uma só nave. A comunicação com o exterior faz-se por três portaes de arcos lavrados, o principal, na fachada, de pleno cintro, os lateraes mais simples e de arcos aguçados.

A porta principal é coberta por uma armação de três arquivoltas, a primeira das quaes adornada de bolas dispostas sôbre a aresta chanfrada, a segunda toreada, e a interior cortada de riscos paralelos, partindo todas de abacos trepezoidaes que se cravam no massame da muralha. Dois pares de colunas com seus capiteis lavrados, vendo-se no primeiro da esquerda uma cara que apanha todo o capitel, fingem aguentar esses abacos tambem adornados de quadrifolios soltos, trevos estilisados, etc., á maneira dos que vemos na porta românica já citada em estudo anterior, de S. Pablo de Barcelona.

As outras portas, as lateraes, uma das quaes reproduzida artisticamente na capa dêste livro, são mais singelas e mostram as arquivoltas adornadas de cabeças de cravos, e de bolas.

A cornija da igreja é sustentada por uma série de

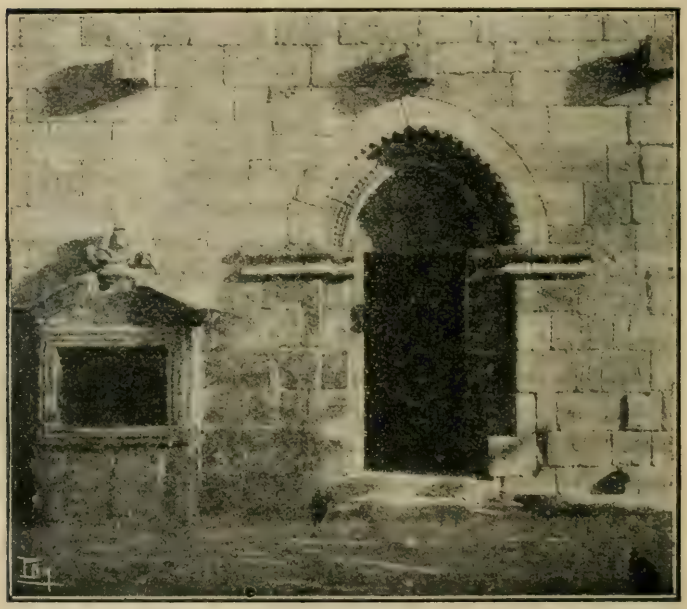


Fig. 24

Porta lateral direita da igreja de Barcos

(Fotografia do autor)

modilhões uniformes e desadornados, no genero dos da igreja de Santa Clara de Santarem, posteriores á construção romanica, vendo-se sôbre um dêles, do lado do Evangelho, em letras goticas, as iniciaes **a v**, possivelmente pertencentes ao mestre da obra, um qualquer Afonso Vicente do seculo XIV.

Dos cachôrros primitivos ainda se veem alguns na parede da capela-mór a que se encostou a sacristia. Um dêles é lavrado com uma cruz em relevo, outro

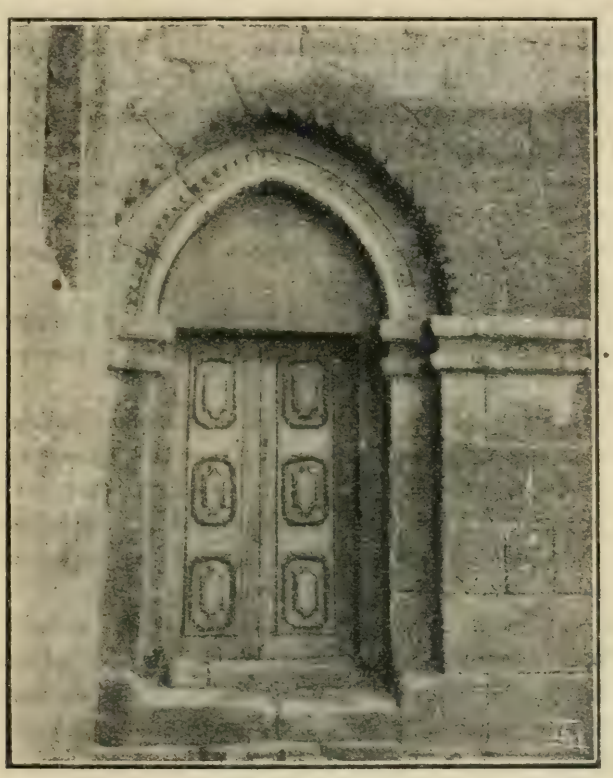


Fig. 25

Porta lateral esquerda da igreja de Barcos

(Fotografia do autor)

com dois rolos atravessados, e um terceiro com duas mãos que seguram um *phalus* numa posição por demais realista.

Encostado a um dos contrafortes ou gigantes dêste mesmo lado do Evangelho encontra-se uma pequena arca tumular, cavada interiormente com o feitio do corpo, e tapada com uma lage, disposta á maneira do tumulo do conde D. Sisenando, na Sé de Coimbra.

Não faltam na frontaria os cachôrros de suspensão do alpendre e, sôbre a empena, as sineiras aguçadas.

Do lado direito da igreja, perto da porta lateral, levanta-se um ediculo de granito sobrepujado pela parte superior de um tôsco calvario do seculo XIV ou XV, para ali trazido de uma capela destruida nos arredores.

Toda a silharia regular da igreja aparece fortemente riscada de siglas, quasi todas retilineas e pouco variadas.

O interior do corpo da igreja é simples, salientando-se apenas entre as peças que o ocupam um pulpito de madeira do Brazil, chapeado de bronzes recortados, no genero do da igreja de Ferreirim, possivelmente obra do celebre ensamblador lamecence do principio do seculo XVIII, Manuel de Sousa.

A capela maior, coberta de grosso apainelado de castanho, com vinte e quatro paineis pintados, salpicado de florões, está, até certa altura, forrada de azulejo de rosa e laçaria, a azul. Este apainelado rico cobria também o côrpo da igreja, tendo sido arrancado modernamente numa qualquer restauração promovida por bemfeitores locaes.

O arco do cruzeiro, pintado de grotescos, está datado de 1726.

Em poder do abade da freguezia, P.e Araujo Vilela, pessoa muito culta e que muito se interessa pela sua igreja, vi uma linda chapa de marfim lavrada com a

Anunciação, obra do fim do seculo XV, que devido á sua gentileza fotografei e posso reproduzir junta com êste estudo. Figurou na Exposição de Arte Ornamental de Lisboa, em 1882.

Fig. 26

Placa de marfim representando a «Anunciação»

(Fotografia do autor)

Dada a raridade dos trabalhos em marfim dêste género e desta época, entre nós, a placasinha tem o seu lugar naturalmente indicado nas coleções do Museu Nacional de Arte Antiga.

A capela de Sabrôso (Barcos)

A meia légua de Barcos, para poente, nas faldas de um mamelão pedregoso e selvatico, de cujo cômoro se avista largo trato da margem esquerda do Douro e parte da bacia do Tedo, levanta-se, isolada e tristonha, a capela de Sabrôso, considerada pelos povos das vizinhanças como a mais antiga da região.

Fig. 27

Vista lateral da capela de Sabrôso

(Fotografia do autor)

É exagerada, evidentemente, a tradição popular, pois que o templo não passa de uma construção contemporanea da igreja de Barcos, ou um pouco posterior a ela.

O seu isolamento, porém, e as pedras lavradas que ficaram no seu adro devastado, conduziram, naturalmente, a essa tradição de vetustez.

Não encontrei, nem mesmo procurei, por não ser esse agora o meu intento, documentos que dissessem respeito á capela e nos elucidassem ácêrca da sua origem. Parece-me, porém, que aquele *abade de Saboroso*, D. Pedro Pires de Tavora, conego da Sé de Lamego, de que ha noticia em 1300 (1), tomaria o seu titulo eclesiastico da abadia de que era cabeça o santuario de que me ocupo. A época em que aparece este abade, o instituidôr da capela de S. Pedro, junto á igreja de S. João de Tavora (na região), condiz perfeitamente com a data que atribuo a Sabroso, o seculo XIII.

Compõe-se o monumento de um côrpo retangular e de uma capela-mór da mesma traça, apresentando a frontaria o mesmo aspecto de muitos santuarios transmontanos e leoneses, com a sua porta larga, de arco subido, e a empena mais alta que o telhado, sôbre a qual se ergue, ao meio, o campanário, uma espécie de ediculo com sineira única.

Aos lados do arco duas misulas desadornadas ficaram mostrando os pontos de apoio do alpendre que cobriu, primitivamente, a porta principal.

O friso do côrpo da igreja é liso e não fortalecido por modilhões, que só aparecem, em número de 19,

(1) «Historia Eclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego» por Joaquim de Azevedo — Porto 1877, a p. 269.

de um e outro lado na cornija da capela maior. Como os da igreja de Barcos, estes cachôrros são ornamentados de rôlos, caras e bolas, isoladas ou aos pares.

No interior, frio e vasio, apenas há que mencionar um retabulo com paineis pintados sôbre madeira, do

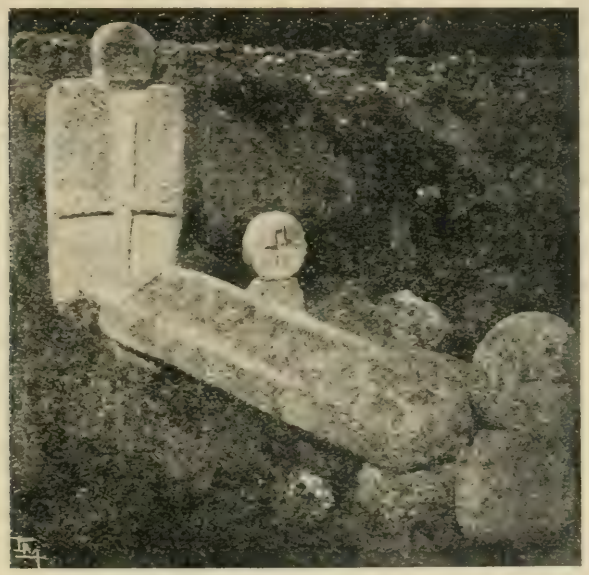


Fig. 28

Tampa de sarcofago, pedras tumulares e cabeceiras de sepultura no adro da capela de Sabrôso

(Fotografia do autor)

seculo XVII, infelizmente sem grande valor artistico, e algumas pedras tumulares, trapezoidaes, lavradas, de bastante interesse arqueologico. Em duas dessas lages veem-se insculpidas cruzes de braços quasi triangulares, inscritas num circulo, que uma vara terminando

em triangulo parece sustentar, como haste. Trata-se em meu parecer, de insignias abaciaes, no genero das que encontrei gravadas sôbre uma cabeceira de sepultura discoide, de Sousel (1).

No adro ficaram tambêm numerosas pedras lavradas pertencentes a um cemiterio que se extendia em frente e dos lados da capela. Essas pedras podemos reparti-las em três categorias, da seguinte maneira:

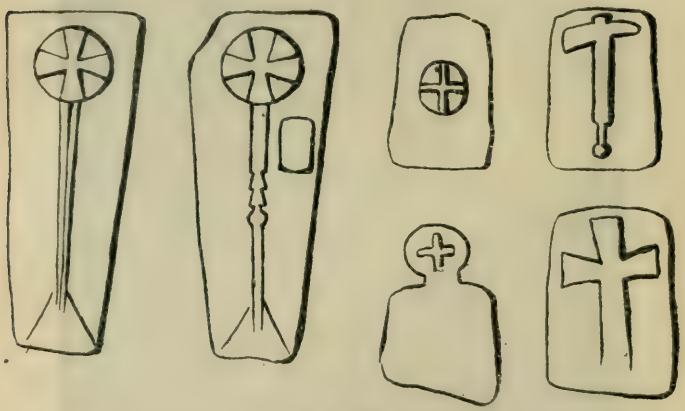


Fig. 29

Pedras sepulcrais do interior e do adro da capela de Sabrôso

1.° — Uma tampa de sarcofago, trapezoidal, com o dôrso em dois planos, lavrada de cada banda com meios circulos divergentes, cavados na pedra (Fig. 28).

2.° — Varias lages retangulares esculpidas de cruzes simples e de outras do tipo das usadas nos monumentos românicos e anteriores.

(1) «Terra Portuguesa» n.os 25-26.

3.º — Um certo número de cabeceiras de sepultura, discoides, sustentadas ou não por um pedestal, e lavradas com cruzes numa das faces.

Nas figuras 28 e 29 encontram-se fotografados ou desenhados exemplares de todos os tipos mencionados, tendo o disco que se divisa na figura 28, colado sôbre a estela da cabeceira da tampa de sarcofago, sido colocado ali pela gente dos arredores que arranjou as pedras dispersas num grupo armado a seu rude gosto.

Numa das pedras, hoje deitada sôbre o murosinho de resguardo do pequeno adro, em frente da porta principal, vi o desenho de um machado de guerra ou de oficio, com a parte destinada á preensão dos dedos nitidamente indicada.

Todas estas rudes esculturas pertencem, evidentemente aos primeiros tempos posteriores á fundação da capela — os seculos XIII e XIV.

Cabeceiras de sepultura medievais

DESDE tempos remotos que o homem, para comemorar o passamento de outro homem, notável por seus feitos e ações, ou caro ao coração dos agregados familiares, fixou em materiais de duração as figuras dos desaparecidos ou os adornos, armas e instrumentos indicativos da sua profissão ou dignidade, colocando os perto do local da jazida, como uma religiosa, perene e saudosa homenagem. E êste costume chegou até nós, atravez de mil transformações.

A gravura do homem nú, aurignacense, que dispara o arco no abrigo de Laussel (Dordogne), é talvez a primeira representação funerária em que figura o rei da creação, nas suas funções nobilissimas e primaciais de caçador. Dessa época em deante não rareiam os documentos. Entre os neoliticos, colocavam-se nas sepulturas as armas de pedra, indicando o homem, as mós braçaes de granito ou conglomerados, denunciando a mulher. Na idade do bronze, as cistas sepulcrais cobriam-se com lages insculturadas de armas de guerreiros (Museus de Beja e Etnologico). As estelas funerarias etruscas, da idade do ferro, com correspondencias na arqueologia iberica, mostram-nos os combatentes armados, ou as suas armas dispostas isoladamente.

Até aqui só o guerreiro era digno de comemoração monumental. Com os romanos, surge, porêm, nas estelas, a revelação da importancia dos oficios da paz, ao lado da das artes da guerra. Aparecem os instru-

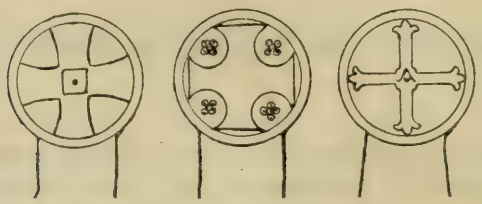


Fig. 30

Cabeceiras de sepultura dos Museus de Evora e Lisboa

mentos de oficio. As lapides reproduzem, em relevo, as ferramentas de que o morto se serviu em vida :— uma enxó, como numa estela do Cairo ; toda a ferramenta de marceneiro, como sôbre a pedra tumular de um *tignarius* de Autun (Fig. 32 (1). No cipo de L. Statorio Bathylo, aparecem, no fundo, um fio de prumo e um compasso (2). No de um outro marceneiro grego, *lactarius* (fabricante de camas), vemos a enxó, o compasso, o esquadro (Fig. 33) (3). Já em tempos cristãos,

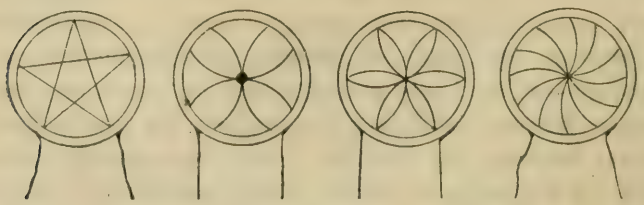


Fig. 31

Cabeceiras de sepultura de Lisboa, Beja e Coimbra

sôbre o sarcofago de um arquiteto ostentam-se todos os instrumentos indispensaveis nessa arte (1).

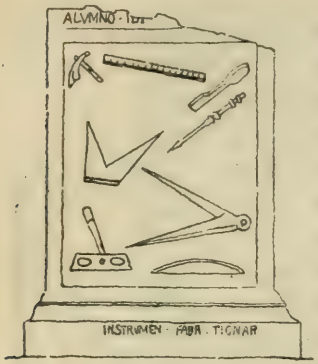


Fig. 32

Cipo do "tignarius,,

Séculos caídos, generalisam-se com a mesma intenção comemorativa, as cabeceiras de sepultura, circulares como as hostias, destinadas a sagrar as campas dos adros e dos cemiterios rusticos, anteriores ás inhumações nos templos. São êsses documentos, interessantissimos sob o ponto de vista arqueologico e etnografico, que constituem o assunto dêste estudo. Não é sem razão que se diz que, estudando as sepulturas dos povos desaparecidos, se pode fazer a sua historia...

*

Encontram-se estas cabeceira de sepultura, com grande frequencia, junto das velhas igrejas. Raro será que não deparemos com algumas nos pavimentos ou nos adros dos templos românicos, goticos e manuelinos, em especial das nossas provincias do centro e sul. Os museus, centrais ou regionais, de Lisboa (Carmo e Etnologico), Santarem, Evora, Beja, Coimbra, Figueira da Foz — guardam tambêm grande porção delas. Há mesmo lugares onde as cabeceiras continuam

(1) *Dict. des Antiq.*, de Saglio, letra T. p. 335; (2) *R. Accademia dei Lincei*, 1896, p. 156; (3) *Dict. des Antiq*, de Saglio, letra R. p. 898; (4) M. Didron, *Iconographie Chr.*, Paris, 1848, p. 340.

a sua religiosa função multisecular. Vi-as, não há muito, erguidas sobre campas dos cemitérios de S. João das Lampas e de Santa Iria (termo de Lisboa).

A que época devemos atribui-las? Sem duvida aos tempos medievaes posteriores ao século x. O seu uso prolongou-se, depois, até ao século XVIII.

A cruz dos n.os 1 da fig. 30, e 2 da fig. 31, não tem a fórma de cruz de Cristo, como erroneamente escreveu Leite de Vasconcelos (*Arch. Port.*, v. I, p. 280), mas sim a da cruz que aparece na arte cristã da antiguidade e, a seguir, nos periodos visigotico (lapides de Mertola e de Beja) e românico. São dêste tipo as cruzes que encimam ainda os telhados de algumas igrejas românicas do norte (Nossa Senhora da Azinheira, Chaves, Cerzedelo, etc.) A cruz do n.º 3 da fig. 30 (Museu de Evora) pertence evidentemente ao século XV.

Fig. 33
Cipo
do "lectarius,,

No Museu do Carmo existe uma cabeceira, que tem lavrada, duma banda, uma combinação de dois triangulos (não o sino saimão) e, da outra, uma cruz, que não pode deixar de ter sido gravada no século XVII.

Como se vê, do simples exame da forma do sinal sagrado do cristão se podem tirar conclusões acêrca da sua cronologia.

É possivel que, posteriormente ao século XVII, se lavrassem ainda cabeceiras de sepultura dêste genero. Devemos, porêm, considera-las como prolongamentos etnograficos de costumes perdidos, sôbre que não vale a pena insistir.

Ao problema da atribuição de época a estas pedras funerarias, deve ligar-se o da cronologia das sepultu-

Fig. 34

Do Museu de Santarem

ras com o feitio do corpo humano, abertas em rocha, sôbre as quais ainda nenhum arqueologo se quiz pro-

Fig. 35

Do Museu de Santarem

(Reverso)

nunciar definitivamente. Filipe Simões, certamente levado pela semelhança que existe entre essas sepulturas e os sarcofagos fenicios (Cadiz) e egipcios, julgou-as pré-romanas. Leite de Vasconcelos, fundando-se em que uma sepultura de Zambulheira (Moncôrvo) tinha escrito no fundo VIVI, chega, por deduções filologicas, a considera-las romanas, cristãs (1). Martins Sarmento, aproximando-se mais da verdade, escreveu numa carta (*Arch. Port.*, v. VI, p. 46) que, em «sua opinião, as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post-romano». De resto, esteve quasi a achar a verdadeira solução do caso, quando se referiu á sepultura de Alpendurada (*Arch. Port.*, v. VI, p. 191).

Uma série de circunstancias, dignas de ponderação, leva-me a poder afirmar, porêm, que estas sepulturas são pura e simplesmente medievaes, e, em grande, parte, posteriores ao século X. Fundo-me para este asserto :

1.° — Na visinhança de templos medievaes de cemiterios de sepulturas antropomorficas.

2.° — Na existencia de sarcofagos com a mesma fórma, em edificios românicos e góticos (claustros das Sés de Coimbra e Lisboa, etc.).

3.° — Na existencia de sepulturas abertas na rocha a cuja cabeceiras ou pés existem cavidades oblongas, evidentemente destinadas a receber os espigões das pedras ornamentaes de que me ocupo (2).

---

(1) *Arch. Port.*, v. XI, p. 370.

(2) Num cabeço sobranceiro a Povos (Vila Franca), existe ao lado da capela gótica do Senhor da Boa Morte, um vasto cemiterio de sepulturas abertas na rocha, que foi estudado por Ferraz de Macedo e por ele atribuido, indevidamente, á época romana.

Fig 36

Do Museu de Santarem

Fig 37

Do Museu de Santarem

(Fotografias de C. Gomes)

Tais cabeceiras, que Gabriel Pereira classificou como do século XV, têem um valôr etnografico incalculavel, pois que nos aparecem ali os objetos de uso agricola ou domestico, desenhados com fidelidade, embora rudemente, tal como se usavam há quatro ou cinco séculos.

A proposito das cabeceiras adornadas com alfaias agricolas, surge-nos o problema da continuídade de algumas déssas alfaias no uso comum hodierno.

Como se nota nas figuras 34 e 37, entre as peças que faziam parte do trem agricola do lavrador, contam-se os machados, os maços e o cesto de semear. Estes três objétos já hoje raramente se encontram reunidos em qualquer das nossas provincias. O maço usam-no principalmente os lavradores do Minho, com o cabo enfiado num buraco do timão do arado, perto do *pescaz*. O machado, não há junta de bois do oriente de Traz-os-Montes, desde Moncôrvo a Viñhaes, que o não leve cravado na *cantelra* ou *gata* de ferro, do reverso do jugo. E este mesmo machado, deve ser o representado sôbre uma das pedras do adro da capela de Sabrôso (Barcos), atrás mencionada (Fig. 28). O cesto de semear aparece com uma certa frequencia no Entre Douro e Minho, tanto na *ribeira*, como na *serra*. Na feira de S. Bartolomeu, em Penafiel, vi, á venda, grande porção de *cestas de semear*, de cortiça, feitas na freguezia de Raimonde.

O sistema de semear com cesta encontra-se entre os

Aos pés de muitas das sepulturas que aindam perduram, divisam-se as tais cavidades destinadas a segurar as pedras das cabeceiras. No cabeço, que está rodeado por uma muralha igualmente medieval, têem aparecido moedas dos séculos XII e XIII.

romanos (fig. 38), ao lado do outro sistema de semear com saco *(Dict. des Antiq.*, de Saglio, palavra *Rus*, pag. 923*)*. O aparecimento de cestas nas cabeceiras de sepultura indica que o sistema adótado, ao tempo, no país, ou, pelo menos, na região ribatejana — a freguezia de N. S. do O' da Olaia pertence ao concelho de Torres Novas — era o da semeadura à cesta. Nas minhas excursões por Traz-os-Montes não raro ouvi dizer que, antigamente, se *sementavam* sempre com cesta o centeio, o trigo, etc. Agora, para o grão não caír, pelos interstícios dos vimes, servem-se de *latos* ou de sacos.

*

Se grandissima parte das pedras de cabeceira apresentam, em ambas as faces, gravadas apenas as cruzes, as rosetas, os suasticas e os sino-saimões — tudo sinaes de carater sagrado e de remota ascendência —, muitas outras aparecem-nos decoradas com representações de utensilios e ferramentas indicativas do sexo ou ocupação dos inhumados. Assim, surgem, no reverso das pedras, as juntas de bois, os arados, as tesouras, os fusos e as rócas.

Fig. 38
Semeador romano

Excécionalmente, vi, em Sousel, uma cabeceira gravada com um calix românico e duas cruzes da mesma

época (Fig. 40), que estão indicando claramente a profissão eclesiastica do finado.

No museu de Beja há duas pedras com tesouras abertas, denunciando o alfaiate; no de Evora, uma junta de bois, gravada no reverso da cabeçeira n.º 3 da fig. 30. No Museu de Santarem (1) existe a série mais interessante que se conhece em Portugal. Uma das cabeceiras (fig. 34) mostra, de uma banda, a canga — a mesma canga hoje usada na parte oriental do país —, a grade, e o timão que arrasta essa grade, provido da respetiva chavelha; no reverso (Fig. 35), aparecem o arado, ligado à canga, a aguilhada, um escôpro, a machàda, o maço, um saco de cereal e um cesto para a semeadura. Noutra (fig. 37), é o proprio lavrador, vestido com um saio, como uma figura dos séculos XIV-XV, empunhando a aguilhada com a dextra, e seguran-

---

(1) Provêm da freguezia das Olaias, concelho de Torres Novas, e foram achadas em 1873 quando se preparava um terreno para cemiterio. Cfr. Zeferino Brandão — *Monumentos e lendas de Santarem*, no *Bol. da Ass. dos Arq.*, 4.ª série, n.º 8, p. 7.

Nas «Informações arqueologicas colhidas no *Diccionario Geographico*, de Cardoso» publicadas pelo sr. Dr. Mesquita de Figueiredo no *Archeologo*, encontram-se as seguintes referencias a respeito da igreja de Santa Marinha de Aljubarrota (vol. I, pag. 242): — «Divisão-se ainda hoje no seu adro as sepulturas com as pedras lavradas por cabeceiras, com varios instrumentos de officios esculpidos, como são, arados, e outras insignias deste genero».

Nos «Extratos arqueologicos das *Memorias Parocgiaes* de 1758», publicados na mesma revista (vol. II, pag. 187), aparece, a respeito da igreja de N. S. da Conceição, ou da Serra, de Alqueidão, o seguinte: «Pela parte de fóra da igreja se achão alguas pedras como que servirão de campas, lavradas já com rocas e fuzos, e já com arados e instrumentos de agricultura».

do um cesto com a esquerda, que segue a junta de bois jungidos ao arado.

A dobadoura, a róca com as suas aduelas, e o fuso com o seu *cossoiro*, igual à *caxaréla* das terras de Miranda, indicam, noutra cabeceira, as ocupações femininas da destinatária (fig. 36). No adro da igreja de S. João das Lampas (Sintra) encontrei uma cabeceira gravada com os mesmos utensílios, de um dos lados, e do outro adornada com florões cujo estilo indicava o período manuelino da nossa arquitetura.

Pertencem exclusivamente a Portugal estas curiosas cabeceiras de sepultura?

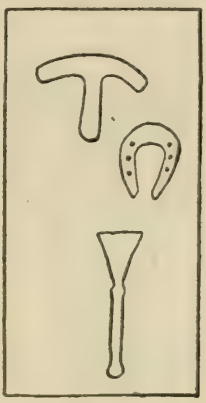


Fig. 39
De Santo Amaro
(BEJA)

Evidentemente que não. Encontram-se iguais e adornadas dos mesmos signos de misteriosa origem nos países bascos. Pereira de Lima, no seu livro *Iberos e Bascos* (Lisboa, 1902), reproduz algumas e atiança que as mais antigas delas remontam aos séculos VIII, IX e X.

O meu ilustre amigo Eugenio Frankowski, publicou na *Terra Portuguesa* um largo e bem documentado artigo mostrando a difusão dessas cabeceiras por toda a Peninsula e fazendo entroncar a sua origem nos monumentos sepulcrais ibericos e etruscos (estelas de Clunia, Bolonha, etc.).

Na Hungria e Balkans (Bosnia, Servia, Bulgaria, Transilvania), nos cemiterios ruraes, aparecem estelas ou postes de pedra e madeira (*speerhölzer* e *fejfa*) com ornamentos e figuras semelhantes aos das nossas cabe-

ceiras (1). Na Asia, na America (2), entre os povos de civilisação oriental ou entre os selvagens, encontramos enraizado o mesmo costume.

Êste uso é, portanto, não só de remota origem, como se disse no começo, mas, ainda, universal. A fórma especial das cabeceiras tumulares de Portugal, com correspondencia em toda a Europa meridional, derivou, em linha recta, das estelas romanas adornadas de crescentes, suasticas e rosetas sexifolias, tão vulgares no nosso país e de tipos tão puros, em especial na Terra de Miranda e sua vizinha Leon.

Fig. 40

De Sousel

A generalização dos enterramentos no interior das igrejas determinou a extinção do costume das cabeceiras lavradas com ferramentas de oficio. Conheço, porêm, casos do aparecimento dessas ferramentas, mesmo em lages tumbaes rétangulares. Na igreja de Santo Amaro, em Beja, existe uma lage tumular em que se vêem gravados os instrumentos da arte de ferrador (Fig. 39). E na igreja conventual de S. Bento de Avis, sôbre uma pedra tumular em feitio de almofada, divisa-se uma tosca relha de arado, que claramente atesta a honra em que «Manuel Luiz, lavrador, natural de S. Çadorninho de Valongo, termo de Benavila» tinha a sua nobre profissão de trabalhador da terra...

(1) Cfr. *Worter und Sachen*, II, pags. 123 e 132; *Peasant Art in Austria & Hungary*, fig. 506, e figs. 703 a 709; *Anz. der Ethn. Abt. d. Ungarische N. Museums*, 1905, pag. 87 e ss.

(2) Rijks Ethnographisch Museum te Leiden — (Sgravenhage, 1906), Pl. IX.

Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro Sêco (Chaves)

A quatro quilometros de Chaves, uns centos de metros antes de chegar à povoação de Outeiro Sêco, nas faldas do cabeço da Senhora Santana, e à orla da varzea do Tamega, levanta-se a igreja da Senhora da Azinheira, porventura o mais interessante monumento românico do extremo norte do pais.

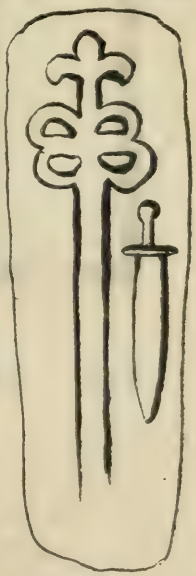


Fig. 41
Pedra tumular

Composto de dois corpos retangulares de desigual comprimento e largura, conserva ainda, obscurecendo a entrada e o portal, um grande alpendre que não condiz, em estilo, com o resto da construção.

Duas portas dão acesso ao templo: a principal, de volta redonda, cuja abertura é ampliada por duas arquivoltas molduradas e assentes em impostas que, por seu turno, sôbrepujam dois pares de colunas de base larga e capiteis lavrados; e uma outra mais pequena, do lado direito.

Uma faixa esculpida de uma especie de axadrezado

formado de argolas, debrua a ultima arquivolta, roçando na parte alta da curvatura por duas misulas que serviram de ponto de apoio ao primitivo alpendre.

A porta lateral direita, cujo arco aguçado se apoia sôbre fortes impostas, tem de altura total, 1,77, e 0,82 de ombreira a ombreira (0,70 entre as impostas), sendo portanto a sua abertura bastante acanhada.

Fig. 42
Planta da igreja a 1:100
(reduzida a 1/4)

Uma só janela antiga perdura no edifício, a que se rasga a meio da parede fundeira da abside. E' uma fresta alta e estreita (0,09 de largo), provida, externamente, de uma bela arcada de ponto subido, decorada de bolas, descançando sôbre colunas. Sôbre a empena desta parede destaca-se uma cruz primitiva que corresponde à que encima a sineira de duas ventanas com volta de pleno cintro, erecta sôbre a empena da frontaria.

Toda a cachorrada primeira, em que se divisam desenhos varios, rôlos, bolas e caras de homens e mulheres, muito perfeitos, se conserva integralmente, com 30 modilhões do lado esquerdo do côrpo, 32 do lado direito, e 21 sob as cornijas da capela maior, distribuídos 10 para uma banda e 11 para a outra banda.

O material empregado na construção é o granito em blócos talhados e faceados, dispostos em fiadas horisontaes, com as juntas sempre verticaes, ligadas com

argamassa. Estas fiadas não são da mesma altura, como não são do mesmo tamanho os blócos ou *cantos* que as compõem.

O plano da igreja, de uma simplicidade estrema, é o mesmo adotado na provincia fronteira em muitos dos seus presbiterios ruraes, e de que um dos exemplos

Fig. 43

Porta principal

tipicos e divulgados é Santa Eulalia de Espenuca, na Corunha. A pobreza de meios e tradições construtivas em Traz-os-Montes fez com que o recebessemos da Galiza, sem alteração.

No interior da igreja, cuja nave única é coberta d-

madeira, há ainda que mencionar, como trabalho em pedra, o arco do cruzeiro, modesto, mas cuja volta é decorada com bolas, e ainda várias pedras tumulares de lageamento irregular do solo, uma das quais conserva ainda muito nitido o desenho de um espadão de combate, do século XIV ou XV e um punhal de lamina curta e larga, insignias reveladoras da dignidade do cavaleiro que essa pedra cobriu na sua ultima jazida.

Das paredes da capela-mór pendem cinco quadros em madeira, do principio do século XVI, que me pareceram bons, e por detraz do altar maior encontrei os mais interessantes frescos do mesmo século, que conheço em Portugal. Sôbre a parede fundeira, de um lado e outro da fresta atraz mencionada, conservavam-se em estado lamentavel de abandono, à data da minha ultima visita (1916), dois lindos grupos de figuras pintadas a fresco, representando um deles a passagem da Anunciação, e o outro dois santos, num dos quais reconheci S. Francisco. Pela fresta desvitrada entravam a chuva e a neblina da veiga, que, inverno a inverno, iam babando e deteriorando as pinturas. Ignoro o estado em que se acham, mas como a camada de estuque ja abria e caía em partes, é possivel que estejam definitivamente perdidos, e o que é peor, sem terem sido arquivados ao menos por um esboço.

Toda a igreja deve ter sido pintada a fresco. Certas cercaduras e uma inscrição em letras goticas de um sepulcro representado numa das paredes, levam-me a essa opinião. Infelizmente os pinta-mônos a quem mais tarde foi entregue a tarefa de repintar as paredes encarregaram-se de destruir quasi toda a obra antiga.

Igreja de Santo André, em Mafra

A saída da vila de Mafra, para o lado do mar, encontra-se uma velha igreja, semi-arruinada, em que, no proposito louvavel de a restaurar, se instaláram há muitos anos vários operarios e um encarregado das obras publicas, os quais, metodica e pausadamente vão procedendo aos trabalhos, cuja conclusão se me antolha provavel em tempo de seus bisnetos.

É um belo monumento do gotico primario, com côrpo de três naves e capela-mór de cabeceira poligonal, edificío muito raro nesta desolada zona dos arredóres de Lisboa, onde poucas construções arcaicas os terremotos e as restaurações deixaram sobreviver, e que por isso mesmo deve ser tratado com carinho e convenientemente protegido.

Exteriormente há que notar no templo a porta principal com um belo arco ogival de três arquivoltas, sendo as interna e externa de aresta em tóro, e a intercalada de esquina viva, assentando todas em colunas curtas, cujos capiteis são adornados de folhas espalmadas e multinervadas. Alcança-se essa porta por uma escada de seis degraus.

A porta lateral direita reproduz a principal na disposição e decoração.

A abside é retangular, terminando no tôpo livre em três planos, fortelecida em redor com seis botareus providos de gárgulas, e rematada por uma cimalha estribada em cachôrros, todos iguaes e desprovidos de

Fig. 45

Porta principal da igreja de Santo André (Mafra)
(Fotografia do autor)

ornamentação. Duas janelas colocadas ao centro da construção, uma de cada lado, davam luz ao interior. As goteiras são de secção poligonal, adornadas no tronco com bolas e terminando em carrancas singulares.

Fig. 46

Porta lateral direita de Santo André

(Fotografia do autor)

A capela-mór é mais baixa que o corpo. Na empena da parede que separa as duas partes da igreja divisa-se um oculo de abertura quadrilobada, fortemente encaxilhado, a que correspondia na empena da frontaria uma rosacea hoje meio destruida. Este oculo é de um tipo vulgar, precisamente igual ao que ocupa identico lugar, por exemplo, na igreja de S. Martinho de Mouros.

Interiormente o corpo acha-se repartido em três naves, comportando as lateraes quatro vãos abobados, com abobada em barrete de clerigo, de nervuras simples e grossas.

Para a capela-mór entra-se por um arco muito largo semelhante ao da porta principal e como ele ogival, de três arquivoltas, com as lateraes em tóro e a intercalada em aresta, apoiadas sôbre abacos retangulares e capiteis que seguem vagamente a inclinação dos fustes mas sem ornatos ou com eles apenas indicados. Esses fustes são pentagonaes e as bases assentam sôbre sócos retangulares. Reconhecem-se ainda sôbre eles restos de pintura a negro e vermelho, e a dourado sôbre os capiteis.

As nervuras da abobada, cujos pés vem descançar sôbre colunas de capiteis e fustes redondos, são grossas, de secção pentagonal, e vão terminar em dois fechos ornamentados que são ligados por uma fita de cantaria lavrada, adornada de flôres, cabeças de cravos, rosetas, rosas quadradas, etc. Dos dois fechos, um está lavrado com flôres estilisadas, e o outro com um lindo *suastica* de 18 raios curvos. Esta ornamentação conserva um aspecto acentuadamente românico, o que não é de admirar, conhecida como é a persistencia dos motivos decorativos bizantinos até ao pleno naturalismo gótico.

Na Estremadura há duas igrejas que aparentam grande afinidade construtiva e decorativa com Santo André de Mafra. São as de S. Leonardo da Atouguia da Baleia (1) e S. Francisco de Alemquer, as quais, como a primeira, podemos atribuir ao século XIV.

(1) «Terra Portuguesa» N.º 4, p. 110 e s. s.

O material empregado na construção de Santo André foi uma pedra apiçarrada, local, excetuando os portaes de honra e o arco triunfal, onde se utilisou o lioz. Pouquissimas siglas se me depararam na silharia, e essas mesmas incaracteristicas.

No interior junto da parede direita, logo perto

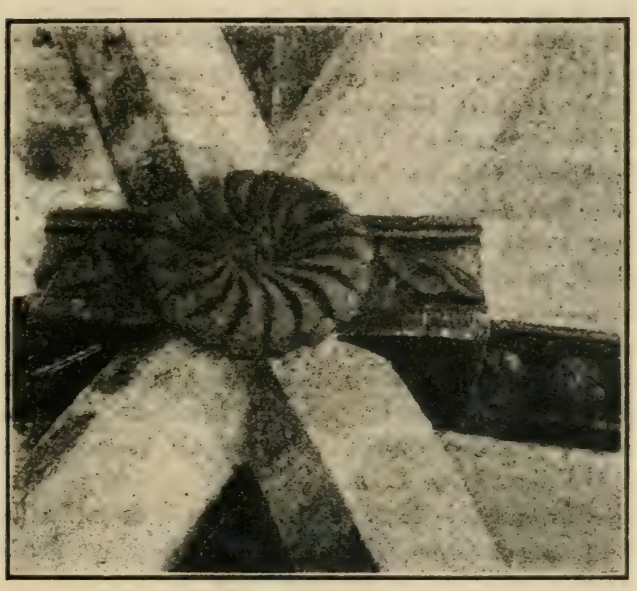


Fig. 47

Trecho da faicha ornamental do centro da abobada

(Fotografia do autor)

da entrada, estão dois grandes sarcofagos de lioz branco, encostados pelos topos superiores. São levemente trapezoidaes, com dois metros de comprido, 0,70 no topo superior, e 0,60 no inferior. A tampa, de dorso em dois planos, é debrudada por uma cercadura

de folhagem seguida, estilisada, que acompanha o moimento sôbre três lados.

Um dos tumulos tem gravados, no corpo da arca, cinco escudos esquartelados de quinas e cadernas. No outro aparece este mesmo escudo a meio da arca, acolitado por outros dois cortados em faixa (sem traços de separação), ornados de esmolneiras veiradas.

Encontram-se ainda no interior diversas inscrições lapidares, quasi todas do século XVIII. Numa lage que foi levada para fóra da igreja e'jáz ao pé da escada da porta principal, lê-se: *Fui quod es eris quod sum — Franciscus Aloysius Pereira equestris turmae ductor postridie kal. januar. an.* MDCCXXXVIII. Um amador de belas letras este capitão de cavalos, que, possivelmente, combateu ainda nas campanhas da restauração...

Detráz da capela-mór, apeados no meio das silvas e dos pedregulhos, jázem dois sinos que pertenceram á torre ou sineira da igreja, hoje destruida. Um é moderno e pequeno, outro, que mede um metro de altura, está datádo de 1739.

Perto da igreja levantam-se os restos de um palacio que pertenceu aos Viscondes de Vila Nova da Cerveira.

E aqui terminam as notas que, sôbre a igreja gotica de Santo André de Mafra, tomei num lindo dia de outôno do ano de graça de 1914.

Esculturas arcaicas do Museu de Lamego

Para quem aborda Lamego pela banda das serras, e a avista de longe, das estradas de Moimenta ou do Castro, a cidade aparece repartida em duas manchas irregulares de casario, no meio das quaes se ergue, coroado da sua tôrre de menagem, o môrro amuralhado do Castello.

Uma dessas manchas estende-se para o norte e á volta das faldas da fortaleza, tendo por centro a praça de Almacave, vizinhando com as paredes escurecidos da igreja ducentista do mesmo nome; a outra agrupa-se em volta da Sé e prolonga-se depois até o populoso arrabalde da ponte do Balsemão, um dos pontos de forçada passagem no caminho para a cidade.

Já no século XVI a cidade estava dividida da mesma sorte. Na *Descrição do terreno em roda de Lamego*, de 1532, mestre Rui Fernandes «tratador de lonas e bordatas», mostra-nos dum lado o arrabalde da Seara, moradia do povo miúdo e trabalhador, do outro lado o bairro aristocrático da Sé, onde a nobreza levantava os seus palacios e se albergavam o bispo, os cónegos e os beneficiados, e no meio, sôbre o outeiro cujas encostas do lado do nascente verdejavam de vinhas em socalcos, a alcaçova amuralhada e torreada.

Foi entre o bairro da Sé e as faldas do castelo, à orla dum riacho que a «ponte da Olaria» cavalgava um pouco mais a montante, em terreno livre e plano, que o bispo D. Manuel de Vasconcelos, que governou a diocese até 1786, decidiu levantar um paço novo, em que melhor se acomodassem sua casa e serviços.

Esse paço ergue-se sobre um dos lados dum grande espaço triangular, hoje ajardinado, onde desemboca a estrada da Régua, sendo os outros lados, num conjunto interessante de edificações, ocupados, duma banda pelas casas do cabido e claustro da Sé, em que uma inscrição sob a colunata da varanda renascença ficou memorando a fundação pelo bispo D. Manoel de Noronha, em 1557; e da outra pela frontaria pitoresca e graciosa do Hospital Velho, lindo edifício da primeira metade do século XVIII que um incêndio deixou reduzido às paredes, e a que logo se segue a massa pesada do antigo Seminário, hoje transformado em quartel.

Projectado para um local onde o terreno abundava, o paço episcopal não teve necessidade, como os de Vizeu, de S. Vicente de Lisboa, de Leiria ou de Evora, de ganhar em altura o que lhes escasseava em largueza. Ficou por isso um edifício amplo e baixo, quadrangular, de dois pavimentos, incluindo um grande patio onde as liteiras e côches episcopais podiam evolucionar à vontade, à chegada ou à partida do bispo para as peregrinações diocesanas ou para os passeios às quintas de recreio de Arneirós, de Medelo, ou Castro Daire.

Construido no estilo corrente no tempo de D. Maria I, o edifício não apresenta a finura das construções do século XVI, a sóbria firmeza das do século XVII, ou a

gracilidade das do principio do século XVIII. A sua vastidão, porêm, o espaçado das janelas, e a sua pouca altura evitam a impressão desagradavel que as construções do mesmo estilo causam, em terras de granito, com a acumulação de aberturas e andares.

*

No salão de entrada, vastíssimo, encontra-se um grande numero de objectos de epocas diferentes, entre os quais ha que mencionar, como notaveis, quer pelas molduras, quer pelo proprio valor, varios quadros dos seculos XVII e XVIII. Entre os de primeira categoria conta-se uma serie de retratos setecentistas, emoldurados de rica talha; entre os da segunda, a coleção de telasinhas do «Filho Prodigo». Esses quadrinhos em que se relatam as aventuras do filho faamilia que, depois de pedir a sua legitima a vai rapidamente desperdiçar no jogo e nos festins, terminando por cair na maior miseria, guardar porcos no montado e voltar, arrependido, ao aprisco do lar paterno, são ocupados e movimentados por personagens do seculo XVII, vestidos a rigor e com todo o requinte da moda, documento absolutamente precioso para o estudo da indumentaria civil da epoca. Alberto Souza ilustraria com eles, maravilhosamente, tal ato ou novela de Julio Dantas...

Entre as peças mais curiosas e de maior interesse arqueológico existentes nêste salão do museu de Lamego figuram três esculturas representando a Senhora, e os apostolos Pedro e Paulo, que podem considerar-se, sem favor, os mais antigos documentos conhecidos da imaginaria portugueza em madeira.

Informaram-me de que provinham de Balsemão. É possivel; mas nas duas noticias impressas onde se fala destas esculturas, não se menciona o lugar donde foram trazidas.

Na monografiasinha sôbre o *Paço Episcopal de Lamego* (Porto-1908), o sr. J. J. Rodrigues diz-nos sómente que, tencionando o bispo D. Francisco Vieira e Brito «constituir no Palacio Episcopal um muzeu de escultura, reunindo o que, pelas igrejas das freguezias circunvizinhas poderia haver de dispensavel» conseguiu fazer recolher à séde do bispado, alem de uma peça de real valor, uma *Virgem gravida* do século XIV, «algumas obras toscas e inclassificaveis de épocas arcaicas». Estas obras toscas eram, indubitavelmente, as três esculturas a que me refiro, e que apezar de todos os bons desejos permaneceram na Sé, abandonadas, durante alguns anos.

Aí as viu o pintor viziense Almeida e Silva, que numa noticia enviada ao jornal *O Seculo*, e publicada em 10 de Março de 1910, sob o titulo *Alguns esclarecimentos sôbre os quadros de Vizeu*, escreveu o que se segue:

«Incidentalmente, direi que na Sé de Lamego vi a um canto três esculturas em madeira, a Virgem, S. Pedro e S. Paulo, que me parecem ser no genero o que de mais antigo existe em Portugal. Têem a pregaria das roupagens angulosa e cingida ao corpo, n'um puro estylo bysantino, sendo certamente anteriores á monarchia portugueza. A madeira delas esboroava-se, não de podridão mas de velhice, por uma fórma para mim desconhecida. Recomendei aos srs. conegos a estimação dessas preciosidades — que deviam estar resguardadas em redomas de vidro — não sabendo se as minhas palavras foram ouvidas ou não.»

Fig. 48

Nossa Senhora e S. Paulo

Esculturas em madeira do Museu de Lamego

(Fotografia do autor)

As palavras do pintor não foram ouvidas e as estátuas continuaram na Sé, até que com a criação do Museu de Lamego foram transportadas ao antigo Paço do Bispo, onde hoje estão entregues aos cuidados do sr. João Amaral, proficiente director do estabelecimento.

Remontam, pelo menos ao século XIV, essas imagens. Os apostolos parecem arrancados de um portal românico, com as suas faces paradas, as barbas talhadas rectilineamente, as pregas rígidas do vestuário caíndo sem maleabilidade, os pés e as mãos apontados rudimentarmente. A Senhora, de factura um pouco mais cuidada, mas em muito mau estado de conservação, aparenta-se com as primeiras virgens góticas.

Faz-lhes companhia uma Senhora da Expectação, em pedra de Ançã, representando com um realismo puramente medieval, a Virgem gravida, a mão esquerda pousada sobre o ventre, no mesmo gesto cheio de abandono e de resguardo que as pejadas soem fazer.

Não é unica em Portugal, esta imagem. Em Balsemão, bem perto de Lamego, existe outra, e conheço mais na Sé de Evora, na matriz de Goes (esta descoberta recentemente), na igreja da Alcaçova, em Montemór-o-Velho, no Museu Machado de Castro, de Coimbra, (que pertenceu á Sé Velha), etc.

A denominação generica de todas estas imagens é a de «Senhora do O'» ou da Expectação.

Cinco quadros em madeira, dos quaes um só de real valor, representam neste salão, a pintura portuguesa do seculo XVI. O Padre Eterno ou S. Canuto, segundo as duas interpretações que conheço, aparece, no quadro melhor, rodeado de animaes, alguns exoticos, no-

tando-se nesta taboa uma frescura e firmeza de composição que indicam a autoria de um bom artista do primeiro terço do seculo de quinhentos.

Escanos forrados de couro lavrado, cadeirões de alto espaldar e cachaço pregado, secretárias de pau preto, consoles entalhadas, numerosissimos exemplares de imagens estofadas a ouro vivo, rutilando de pedras falsas, obra dos escultores regionaes, uma linda cadeirinha *rocaille* e um bom quadro do nosso Briareu de pintura, Pedro Alexandrino de Carvalho, completam de um modo pitoresco a guarnição artistica deste salão.

Seguem-se, na ala esquerda do edificio, quatro salas colgadas de tapeçarias que são as melhores peças do Museu, e os mais formosos exemplares expostos em coleções portuguesas, distinguindo-se nitidamente entre elas tres series diversas, duas do primeiro terço do seculo XVI, e uma do principio do seculo XVIII (1).

---

(1) E não era só das suas tapeçarias do Paço do Bispo, que a cidade de Lamego podia orgulhar-se. Eram celebres tambem os panos da Misericordia, porventura vastissimas telas pintadas scenograficamente, cuja relação encontrei no *Livro da Misericordia*, de 1565, e que transcrevo:

«Invẽtario dos panos pintados cõ que se a casa arma nas endoenças:

Itẽ hũ toldo em que esta pintado Ds padre cõ quatro profetas – este se arma do cruzeiro para baixo.

outro toldo em q̃ esta pintado o sol cõ quatro evangelistas – este se arma pegado cõ o outro e chega até o coro.

outro toldo que se arma debaixo do coro que tem pintados os escudos e as chagas.

debaixo do coro da parte do evangelho se poẽ o pano do orto.

Como mais antigas podemos considerar as que representam a *História de Páris*, seguindo-se-lhe a *Historia de Edipo*, e de época mais tardia já, a *Historia de Alexandre*.

Da *Historia de Páris*, existe, completo, um grande pano que o Diretor do Museu conseguiu armar e completar atravez mil canceiras. As figuras, algumas com os nomes em goticos marcados sôbre as roupas ou sob

---

apos este o pano da prisam q̃ começa pegado com o peitoril do coro.
outro pano pegado cõ este quando xpõ foi levado ante anaz.
outro pano logo em que esta pintado ecce homo.
outro logo do lavamento das mãos de pilatos.
outro pano quando foi levado ante pilatos e sentẽciado, e estes chegam até o cruzeiro.
no cruzeiro o pano grande q̃ atravessa a igreja q̃ tem o encravam.to e crucificam.to e decim.to da cruz.
da parte da epistolla logo pegado cõ este pano do cruzeiro se poem o pano quando meterõ a xpo no muymento.
abaixo deste quando descendeo aos infernos.
pegado cõ este o pano da Resurreição.
logo abaixo o pano quando apareseo aos apostollos em casa de maus.
outro pano quando xpo apareseo aos appostollos todos e cõ este chega ao peitoril do coro da epistolla.
debaixo do coro da ilharga da epistola se poem outro pano da entrada de jerusalem.
outros dous panos das morte se poem as ilhargas da porta principal e no meio do postigo na meia porta hum pano pequeno de quando se inforcou Judas.
debaixo do pano do cruzeiro de hũa ilharga se poem hua guarda porta quando cristo levou a cruz as costas.
da outra parte outra guarda porta do açoutam.t de xpo.
. . . . . .
todos estes panos estam em hũa arca grande que esta na casa do cabido.

os pés dos personagens, tal como se usava nos quadros da época, são do mesmo gôsto das que encontramos nas celebres *Moralidades e Historia de David* da coleção de tapeçarias da Corôa de Hespanha.

Este pano diferencia-se dos da *História de Edipo* pela cercadura e pela larguesa com que, nestes últimos, — por ventura copiados de cartões de um mestre da escola renana, segundo opina o meu colega Luís Keil — são tratados os personagens.

A série da *História de Edipo*, consta de varios panos, no maior dos quaes se refere o episódio de Laio, rei de Tebas, que por um oráculo lhe haver dito que seu filho o mataria o mandou lançar às féras no monte Citeron. Recolhido por uns pastores que o encontraram suspenso de uma arvore com os pés inchados da pressão das cordas (donde o nome de Oedipo), levaram-no estes a Polibio, seu amo, rei do Corinto, que educou a creança como seu proprio filho. Depois de peripécias várias Edipo mata o pae, sem o reconhecer, e termina por desposar a propria mãe. Esta scena dos esponsaes é uma das representadas nos panos, cuja série, está evidentemente, incompleta.

O sr. dr. José de Figueiredo atribue estas tapeçarias a uma das melhores oficinas de Flandres.

O sr. Joaquim de Vasconcelos publicou na *Arte Religiosa em Portugal*, n.º 12, um estudo acêrca das tapeçarias do Paço, e foi ele que pela primeira vez deu o nome de *História de Edipo*, a uma das séries de panos.

A última sala do edifício, cujas janelas, ligadas exteriormente por uma grossa varanda corrida de granito, abrem para o largo do antigo Rossio, hoje ajardinado, abriga as melhores obras de pintura do Museu. É aí que se encontram os quatro quadros primi-

tivos que pertenceram ao Cabido, e que os criticos de arte, portugueses e estrangeiros, colocam entre as melhores obras dos pintores portuguezes do principio do seculo XVI.

Representam-se, nesses quadros, varios passos da vida da Senhora e do Menino, até á *Circumcisão*. No quadro da *Visita* a Santa Izabel, em que as arquiteturas do fundo e a paisagem revelam a copia de um original flamengo, o pintor colocou, num canto, um carro de bois beirão, do tipo que ainda hoje se conserva entre Lamego e Vizeu.

Dos quadros mais recentes e de menor valor, do precioso mobiliario dos seculos XVII a XVIII, de todo esse mundo de santos, obra dos entalhadores de Lamego, dos quadrinhos ingenuos e delicados feitos pelas freirinhas do Convento das Chagas, não vale a pena dizer mais, nesta abreviada descrição do Museu, destinada sómente a chamar a atenção sôbre este belo repositório de obras de arte que, devido aos esforços do sr. dr. Alfredo de Souza, na região, e do sr. dr. José de Figueiredo, em Lisboa, se conseguiu criar para salvação de preciosidades e engrandecimento da cidade.

Virgens pejadas

De quantos teem entrado no Museu Machado de Castro, de Coimbra, esse precioso exemplo de quanto pode o muito amôr de poucos, à Arte, ninguem por certo deixou de sentir a atenção solicitada pela magnifica galeria de imagens goticas que lá se quedam deslumbradas da luz, saudosas dos nichos ensombrados e recolhidos das suas velhas igrejas. A todas se avantaja, para mim, a *Virgem pejada*, bela escultura do seculo XIV, em cujas roupagens de panejamentos superabundantes se reconhecem ainda os vestigios da pintura policromica com que o medievo santeiro a estofou.

Essa figura, apesar do afastado da epoca e do nosso habitual atraso artistico, é um belo exemplo do progresso do trabalho da pedra em Coimbra, na Idade Media; apresenta vida e realidade na expressão dolorida e espectante da face, no gesto quebrado da mão que aconchega o ventre entumescido, no avançar inquieto e suplicante do outro braço. Estava na Sé Velha, e a seus pés rojavam-se, suplicantes de um bom sucesso, todas as mães da cidade.

Não é a unica que existe no distríto. Em Montemór-o-Velho, no santuario românico de Santa Maria da Alcaçova, que o bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida

refundiu no *later gothic*, outra *Virgem pejada* repousa, ao abrigo da absída esquerda, envolta na meia luz que tomba da rosacea da frontaria.

Pelo resto do país aparecem tambem, nos velhos presbiterios romanicos e goticos, e até já fui encontrar uma na capela de S. Pedro de Balsemão, aquele precioso relicario da arte e arquitétura visigótica, unico entre nós. Chamam-lhe lá a Senhora da Pena, e a três quilometros apenas, em Lamego, uma imagem congénere é a Senhora dos Meninos, hoje recolhida no museu da cidade.

Disse-me um dia o Dr. Teixeira de Carvalho, que existia outra em Evora... E quantas mais não existiriam por essa bemdita terra de Portugal fóra, onde sempre houve mães anciosas, no sacrificio doloroso da maternidade!

Essa Senhora da Espectação tem o seu altar a meio da nave central da Sé de Evora e obedece ao canon geral seguido pelos imaginarios de Coimbra.

No intento de descobrir mais alguma ainda, dei-me um dia a percorrer os tomos do *Santuario Marianno*, e não foi de todo infructifero o meu jornadear pelas resmas do seu papel amarelecido. Encontrei a primeira em Torres Novas, onde o auctor dizia da Senhora do Ó, que se encontrava na igreja matríz, em Santa Maria do Castelo: «He esta santa imagem de pedra; mas de singular perfeição. Tem de comprido seis palmos. No avultado do ventre sagrado se reconhecem as esperanças do parto. Está com a mão esquerda sôbre o peito e a direita estendida. Está cingida com hua correa preta, lavrada na mesma pedra...»

Vinha outra nas alturas de Tomar, e estava na «Casa de Nossa Senhora do Ó, situada junto ao rio Na-

bão na freguezia de S. Pedro da Bibirriquyra... He de pedra, a sua estatura são 4 palmos, vê-se com o ventre crescido e a mão direita sôbre ele e na esquerda um livro aberto...».

Nestas duas, cuja descrição transcrevo pelo que as figuras são semelhantes á imagem de Coimbra, ha referencia especial ao ventre; em muitas outras porem é citado apenas o titulo da invocação: assim a Senhora do Ó, das Aguas Santas (Leça do Bailio), a de Santa Ovaia de Baixo (Besteiros), a das Córgas (Penalva de Viseu) e muitas mais.

Tive, em meadas de 1919, ocasião de examinar em Goes mais uma Senhora deste tipo, talvez um pouco mais tardia, que apareceu numa excavação feita em terreno contiguo à igreja. Decerto fôra mandada enterrar fóra do templo por algum abade mais escrupuloso ou ignorante. Recentemente ainda, o prior de São João das Lampas mandou enterrar tambem uma imagem do mesmo gosto, que pertencera à igreja destruida de Carcaria e recolhera ao seu presbiterio, inocentemente...

Nenhuma destas esculturas é posterior ao seculo XV. Com o gótico medraram e se espalharam pelo paiz e com o terminar dele findou o seu dominio. A Renascença fez desaparecer de todo os vestigios de um realismo que ela já não compreendia na religião.

O culto da Expectação continuou até nossos dias, mas nunca mais canteiro algum ousou desbastar na pedra rugosa a curva panda de um ventre, sob as roupagens distendidas e os cintos alargados.

*

A denominação genérica de todas estas imagens é a de Senhora do Ó, ou da Expectação e narram os agiógrafos dos séculos XVII e XVIII que a origem da designação remonta a tempo dos godos. No ano 8.º do reinado de Recesvinto (ano 661), foi instituida em concilio celebrado em Toledo, a festa da «Expectação do parto da Senhora».

Costumava a igreja e costuma ainda, cantar nos sete dias que precedem o natal umas antifonas que todas principiam pela letra Ó e, como dizia um desses autores, «clausulava o Oficio Divino com huas vozes sem concerto, nem harmonia, dizendo todo o clero e todo o povo, a gritos Ó, Ó, Ó. Destes Ó, Ó, teve o principio o intitular-se esta festa, do Ó, e tambem o dar-se este titulo à mesma Senhora em suas Imagens, que era o mesmo que intitularem á Senhora em seus desejos, ou celebrar a festa dos desejos da Senhora.»

E' interessante, como se vê, a origem da designação e não deixa de ter um certo encanto a transformação popular do Ó ritual, no Ó fervoroso e ansiado de esperança materna.

Instituída a festa na Hespanha, na visinha Toletum e como em Portugal a abundancia das já citadas virgens comprova o quanto ela se espalhou pelo país, facilmente se compreende que não terá sido menor a sua dispersão pelo resto da Peninsula. Não vi, porêm, ainda, em livro ou revista de arte, cousa alguma que me autorise a acreditar que este culto e a sua realista representação, se houvessem espalhado na Italia ou na França. Pelo espanto que um estrangeiro, membro do congresso do Turismo de 1911, o artista e pintor Jan

Matteix, de Toulouse, me significou quando lhe mostrei a *Virgem pejada* do antigo Museu do Instituto, que afirmou ser a primeira que assim via e logo desenhou, acabei de convencer-me de que esta representação antropomórfica não passára os Pirineus.

De resto ha muitas outras cousas de igreja que são peculiares a Hespanha e a Portugal; é muito possivel que este culto não existisse sequer fóra da Peninsula.

Evidentemente a instituição desta festa teve, como a de tantas outras, a utilidade e o fim claro de cristianizar um culto pagão à Fecundidade, existente entre os ibero-romanos.

As representações esculturaes das virgens d'hoje, não passam de cópias de esculturas anteriores, pagãs. Assim, as virgens sentadas, com os *bambini* ao colo, aparecem já com frequencia entre as *deae matres* do panteon latino, ou nas figuras da Demeter grega do século V, tão delicada e deliciosamente creadas no barro pelos coroplastas beocios.

*

Sem pretender agora fazer uma ligação ou estabelecer uma continuidade tradicional completa, para que me faltam alguns elos, sempre quero referir-me ao quanto este realismo artistico que fazia representar, deificada, a mulher gravida, remonta longe nas epocas e civilisações.

Desde as primitivas eras o misterio da Fecundidade impressionou os povos; nada portanto mais natural do que a divinisação desse mistério que os fazia viver; e essa divinisação unia na mesma veneração a mulher

e a natureza, uma imagem da outra, ambas igualmente fecundas e criadoras.

Descobertas recentes teem resuscitado dos estratos arqueologicos pequenas figurinhas de barro, *terre cotte* rudimentares das idades do bronze e da pedra polida, longiquas antepassadas das tanagreanas de Difilos, representando divindidades, entre as quaes ao lado de ídolos femininos de fórmas normaes se encontram outros de ventres rotundos. Estes descobrimentos fizeram-se no Egito neolitico, em Malta préistórica, na camada micenica de Phaestus, etc., e até foram achados dois idolos deste genero em Adulis (Colonia Eritrea), do século v depois de Cristo.

Dedicaram-se ao assunto alguns dos melhores trabalhadores da arqueologia, e pelos estudos de sabios como Angelo Mosso, que lhe reservou um capitulo da sua «Preistoria», chega-se hoje à conclusão de que desde os mais remotos tempos o homem adorou a mulher pejada, simbolo da Fecundidade.

As Senhoras do Ó, não vieram, portanto, senão continuar uma tradição religiosa muito antiga.

Fig. 49

Senhoras da Espectação, ou do Ó, do Museu de Lamego e da capela de Balsemão

(Fotografias do autor)

Capela da Senhora de Guadalupe (S. Paio-Vila Real)

Uns quatro quilometros de Vila-Real, para NE., sobre um cabeço cujas faldas são hoje contornadas pela linha ferrea da Regua a Vidago, levanta-se a capela da Senhora de Guadalupe, um belo monumento erguido durante o seculo XV, mas cuja simplicidade arquitetonica facilmente nos induziria a considera-lo de epoca anterior.

Isto mesmo tem sucedido com outros templos da região. A igreja de S. Domingos, o que resta do convento vilarealense de dominicanos destruido por um incendio, e fundado em 1422, foi já considerada, pela sua rudeza estrutural e decorativa, uma construção romanica (1). E a capela de S. Diniz, na *vila velha*, dentro de cemiterio moderno, poderia tambem, se não houvesse a certeza da data da sua fundação, ser reputada igualmente como monumento anterior ao seculo XIII, o mesmo acontecendo a tantos outros edificios religiosos transmontanos, dessa epoca e seguintes, pois que sempre à provincia chegaram com atrazo os padrões das modas.

---

(1) Vide a serie de artigos «Vila Real de Traz os Montes», publicados pelo dr. Antonio Granjo, na *Lucta*, em 1910.

São poucas e confusas as indicações referentes a esta igreja, que mal aparece citada nos agiologios ou nas corografias. O proprio nome o recolhi no povo que lhe fica mais vizinho.

Ergue-se o monumento, imponente e maciço, sobre um terreno um tudo nada declivoso, levantando bem alto a sua frontaria lisa e tostada dos séculos, que a empena, encimada por una sineira esguia, parece tornar mais alta ainda.

Uma porta de arco subido, modesta, encaxilhada de ombreiras toreadas, a que uma arcada cega, — cujos pés assentam em misulas à altura em que na porta deveriam existir os capiteis, — serve de sobreceu ornamental, dá acésso ao templo, na fachada. Duas portas lateraes, do mesmo gosto, mas de volta redonda e com as arcadas superiores adornadas, completam o número habitual das aberturas ao rez da terra que comportavam os edifícios religiosos do tempo.

Sôbre as portas e logo por cima da linha dos cachorros de suspensão dos alpendres — 4 na frente e 8 lateralmente, — corre um resalto de pedra a todo o comprimento das muralhas, adotado, evidentemente, para desmonotonizar as grandes superfícies lisas, caída em desuso como estava já, no tempo da edificação, a fábrica variada dos portaes românicos, pesados por vezes, mas que só por si enchiam de vida e animação a face granítica dos presbiterios.

No largo espaço compreendido entre o resalto apontado e a sineira que sobrepuja a empena da frontaria — em verdade quanto mais ligeiramente do que nos edifícios dos séculos XII e XIII, — abre-se um óculo emmolduradado, a que corresponde, na empena da parede fundeira do corpo, um outro de luz recortada em sino-saimão.

Uma soberba linha de 26 cachôrros aguenta o friso, de cada lado, sendo quasi todos esculpidos diversa-

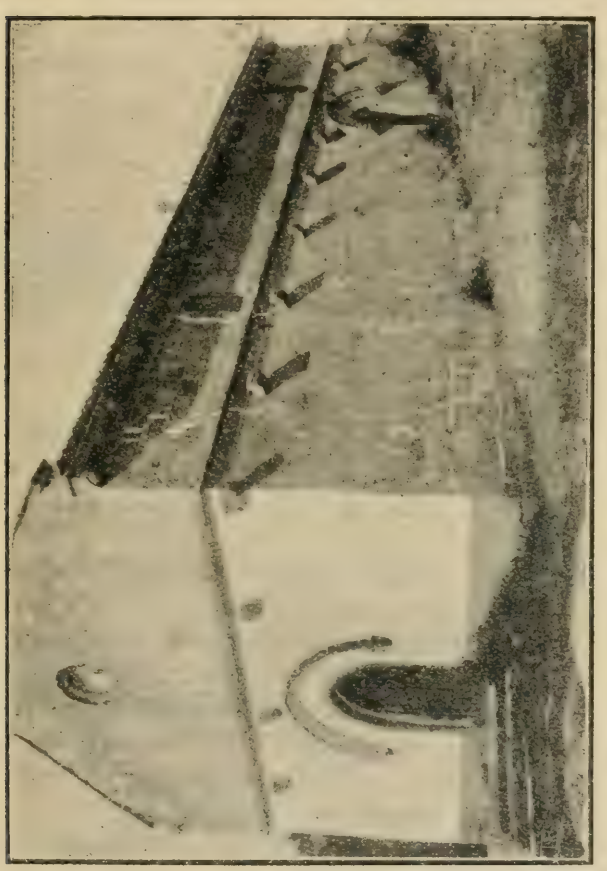


Fig. 50
Capella da Senhora de Guadalupe (S. Paio-Villa Real)
(Fotografia do autor)

mente, com representações de figuras humanas e de diabos, salientando-se uma série de caras de homens, envolvidos em capuzes, e de mulheres, de mantilha soqueixada. Alguns dos bustos são acompanhados de

braços, que seguram quer um livro, quer uma borracha, ou uma róca envolvida no seu *manelo* de lã.

Entrando, nota se que a capela é tão grande como qualquer das igrejas românicas atraz estudadas, pois mede 17,60 de comprido, no corpo, por 8,50 de largo, e na capela maior, respectivamente, 8,70 por 5,26.

O arco triunfal é de ogiva larga, pesado e sem enfeites, com as esquinas das pilastras, na parte voltada para o côrpo da igreja, chanfradas.

A capela-mór é muito mais baixa que o corpo e ameada externamente, já à moda do século XV, vendo-se cravado um escudo episcopal na sua parede fundeira, que é rematada por um calvariosinho muito tôsco, da mesma época e semelhante a outro que ficou num largo, perto da frontaría da igreja.

Várias siglas em letras góticas, **m**, **b**, **g**, **d**, **p**, e abreviaturas dos nomes dos canteiros, **g.°** (gonçalo) e **d.°** (diogo), aparecem gravadas sôbre os silhares e até sôbre os cachôrros.

Restam ainda no lagêdo do solo algumas incrições, como a da pedra tumbal de um Alvaro Lopes, de 1557, e uma outra mais importante pela designação do bocal, a — *S.ª de Martĩ Vaz de S. Paio. Fidalgo da casa delrei meu s.or e Erd.or 1595*; e nas paredes pinturas horríveis que possívelmente substituíram bons frescos do fim do século XV, pois que à igreja atribui, para época de fundação, a segunda metade deste século.

Em 1464 foi D. Afonso V em peregrinação a Guadalupe, e é possível que depois desta viagem o culto pela Senhora dessa invocação se afervorasse em Portugal, provocando fundações religiosas como esta de que me acabo de ocupar.

Uma estátua tumular da Sé de Lisboa

Uma e meia do dia 29 de Junho de 1916. O sol dardeja a pino sôbre a silharia escurecida e patinada da Sé. Pelo grande portal, sujo e frio, entro na meia treva das naves, cortada a espaços de reflexos dos azulejos que a luz, tombando do alto, vem ferir irregularmente. Sob o cruzeiro um cónego gesticula ante um grupo desatento. Mesmo dentro das naves o ar aqueceu.

Uma tôsca porta de tabões mal aplainados separa a igreja da sua charola em obras. Passada ela deixa-se o mundo religioso e entra-se no da arqueologia.

As capelas do deambulatorio, desaparecendo sob prumos e andaimes, parecem troços de obra nova. A uma delas, já completa, com o lioz picado brilhando, recolheram novamente os três sarcófagos estudados por Gabriel Pereira. A luz, coada suavemente pelos vitrais envolve de um tecido tremente de sombras as estátuas jacentes, o ricomem barbado, tentando ainda arrancar fora a espada, as mulheres, tranqüilas, lendo os seus livros de oração de laudas gravadas em gótico, abertos sôbre o peito. Pregas rígidas do vestuário, sapatos em bico, lebreus aos pés. Esculturas do pleno século XIV, duras, de uma dureza ainda acentuada pelo lioz em que as talharam.

Passa-se para o Claustro, de lagêdo em substituição e arcos destroçados. No ângulo esquerdo, na capela de Santo Aleixo, as obras de restauração acabam de pôr a descoberto, caído o estuque das paredes laterais, os vãos de dois pares de arcosolios ogivais que abrigam cada um seu sarcófago. Dois dos moimentos são cobertos por estátuas tumbais; do lado direito é um bispo, quási informe pelas depredações sofridas; do lado esquerdo uma dona.

Na presença de José de Figueiredo, Luciano Freire e Costa Mota, do Conselho de Arte, e de António Couto, director das obras, procede-se à abertura dos túmulos. Aparecem os pobres esqueletos, requeimados e resequídos, dos grandes senhores que ali jouveram! Na arca tumular do bispo ficaram as luvas e parte de um tecido rico, que o meu amigo D. Sebastião Pessanha estudou há pouco, no seu *Núcleo de Tecidos*, II.

Fica-nos, como despôjo opimo da visita, a memória da estátua tumular feminina. A dona desconhecida, cinta apertada por uma correia, esmolneira caída, mantilha soqueixada monacalmente, está de mãos postas; e dois anjos esguios, estendidos ao correr da pedra, parecem segurar um lindo baldaquino gótico, no género dos das sepulturas de D. Pedro e D. Inês em Alcobaça, docel de pedra filigranada que lhe cobre a almofada onde repousa a cabêça.

Fig. 51

Tampa de um sarcofago da capela de Santo Aleixo (Sé de Lisboa)

(Fotografia de Luis Keil)

A capela de S. Domingos de Fontêlo

(LAMEGO)

Da serra de S. Domingos, que extende a linha irregular das suas corcóvas pedregosas a E e SE. de Lamego, coroando o píncaro mais elevado dela, conserva-se ainda, quási sem modificações, a capela que D. Afonso V lá mandou erigir para memória da protecção divina ao seu talamo real.

De facto, e segundo a tradição, o rei, desolado com a esterilidade da esposa e depois de ter experimentado os mais variados adjuvantes para obter geração, recorreu, como último remedio, à prática supersticiosa de ir dormir uma noite em sembra com a rainha, sôbre uma velha pedra existente na serra de S. Domingos.

Claramente se pode depreender da narração que se tratava de uma pedra milagrosa conhecida por algum fidalgo da côrte, vizinho de Lamego, crente nas qualidades procreativas do penedo e que como tal o indicou ao rei.

Não são raras no país e na Europa estas pedras, e a de S. Domingos apresenta o especial interêsse de aparecer num lugar que foi o assento de um *castro* preistórico. Vizinho da serra, cujas cumiadas avisto, do meu casal das ribas do Douro, dominando a paisagem

enchendo-a para o lado do nascente, como para o norte e poente a dominam e atravancam as cristas do Marão e seus contrafortes levantados desde a corrente

Fig. 52

Capela de S. Domingos

(Fotografia do autor)

do Rio, muitas vezes a percorri e lhe sondei os picos e quebradas.

Logo a quando da primeira visita, em 1912, reconheci que o cabeço onde se ergue a Capela fôra o centro de uma povoação preistórica, de que se encontravam ainda troços de muros e fragmentos cerâmicos característicos da idade do ferro, sem influência romana. Estava explicada a origem da pedra procriadora. Vinha de tempos preistóricos a ideia supersticiosa que a envolvia.

Procurei-a depois baldadamente na capela. Ninguêm me soube dar notícias, e a propria tradição da visita rial anda quási perdida. A meu avô, homem forte de outro ciclo histórico, cujos olhos assistiram ainda ao despontar do clarão aurorial de um novo mundo, perguntei se a conhecia ou a tinha visto alguma vez. Disse-me que, quando novo, acompanhava com a gente da sua Penajoia as procissões propiciatórias a S. Domingos, para extermínio do *pulgão* da vinha, a vira a um canto da capela. Tinha vagamente o feitio de um leito.

Algum abade escrupuloso e ignorante a terá feito britar e incorporar nos muros de suporte do terraço do santuário, êsse terraço donde os olhos se enchem de uma das grandes paisagens de Portugal...

A capela, fundação rial, como o demonstra o escudo coroado que encima o gume do arco da porta principal, é um edifício de aparência modesta, todo de silharia regular, de corpo e capela-mór rectangulares, com uma só nave. Mede, interiormente, 11 metros por 7,42, no corpo, e 5,14 por 4,98 na capela maior.

A porta principal, de ogiva, com duas arquivoltas oblíquas, emmoldurada por um arco toreado recamado externamente de flôres estilisadas, tem os capiteis e bases decoradas com uma faixa contínua adornada de

ramagem e mascarões tôscos. A porta lateral direita, subida sôbre alguns degraus como a principal, é de volta redonda, e mostra o tímpano recortado com séries de lóbulos do mais puro gótico joanino.

O interior, desataviado, é sómente embelezado por um belo arco triunfal, largo, com as pilastras e volta salpicadas de motivos decorativos vegetais e animais, e por uma porta de comunicação para a sacristia, com o tímpano lavrado no mesmo gôsto da porta lateral direita.

Palácio dos Comendadores e Igreja da Ega

A uma légua, pouco mais, de Condeixa a Nova, encontra-se a pequena freguezia da Ega, hoje muito abandonada e decaída, mas que outr'ora foi uma Comenda importante da Ordem de Cristo, que em principios de seculo XVI levantou lá um palacio e engrandeceu a igreja.

Tres cousas ha dignas de menção, no povoado: o pelourinho, tambem do seculo XVI, ainda com *pinha* inteira e angulos de tronco chanfrados — logo à entrada da terra, numa baixa; a igreja, a meia encosta de uma ladeira; e, num alto, por fim, o palacio, arruinando-se de mal cuidado.

Assenta o «Paço», como por lá dizem, sobre um cabêço redondo, cuja base pouco maior largura terá que o ambito dos alicerces, e as suas paredes elevam-se a prumo do solo numa massa quadrangular, pesada e maciça, que apenas para o Sul amacia a sua rigidez geometrica com uns acrescentos mais baixos. O seu exterior apresenta-nos uma interessante série de largas janelas manuelinas, condemnadas a desaparecer brevemente, porque em parte os muros esboroam-se. Algumas delas — tres dos acrescentos e uma do palacio, teem os arcos abatidos e as esquinas das ombrei-

ras chanfradas; as outras — cinco de uma só luz e uma geminada, com a coluna central torcida e arcos redondos de bordos faceados (como umas de Alemquer) — têm tambem as esquinas cortadas e as padieiras das vergas largamente trabalhadas, mostrando um claro exemplo do cuidado com que nessa epoca se lavravam as cantarias de vista.

Mais algumas janelas havia, mas as guarnições de pedra têm-lhe sido retiradas, e não será de grande profeta dizer que o mesmo sucederá em breve ás outras, já citadas, porque o palacio vae morrendo num abandono, que, aliás não data de ontem; já nas *Memorias Parochiaes*, de 1758, o páraco, falando da cabeça da sua freguesia, diz: «Não he terra murada, nem praça d'armas e só no simo da vila se conservam huas paredes antigas, que ha tradiçam foram de habitaçam do Comendador... e tem o nome de Paço».

De tempos remotos foi o lugar do Paço pertença e moradia dos Comendadores. Na «Visitação da Ordem de Christo» de 1508, fala-se de uma habitação grande, mas não era ainda o actual palacio: esse foi construido alguns anos mais tarde, a quando ás obras da igreja.

Este solar da Ega é um bom exemplar de palacio *manuelino*, e merecia não ser esquecido das entidades que superintendem sobre os monumentos portugueses, talqualmente o seu parceiro da Pampilhosa do Botão, quiçá mas interessante, e onde uma inscrição de 1510 testemunha a época exacta da construção. Esse palacio do Botão, casa de recreio ou hospital das freiras do convento de Lorvão, fundado por Catarina d'Eça abadessa do grande mosteiro, tem as fachadas largamente cortadas de janelas curiosas e muito variadas que só por si dariam um bom contingente a quem qui-

zesse fazer o necessario album de desenhos das portas e janelas manuelinas de todo o pais.

Tanto lá como na Ega se pode notar que houve da parte dos arquitectos a preocupação de variar os desenhos das vergas e não deixar uma janela completamente igual a outra, quer em luzes quer em ornamentação.

É essa tambem uma das características da nossa apropriação e ligeira modificação manuelina, do último gótico.

*

A igreja é um edificio reconstruido no seculo XVI, em pleno *manuelino* naturalista, sem mistura de *later gothic* ou de renascença, e encontra-se já modificada, em partes, por sucessivas restaurações. Havia sido anteriormente uma igreja gótica que a «Visitação» de 1508 descreve, com a sua *ousia* alta exteriormente aguentada em *botareos*, com as suas paredes *cafeladas*, a sua nave única e simples, e os alpendres das suas duas portas.

A actual porta principal é singela, emoldurada de troncos de laranjeira enlaçados, e coberta de uma abobada de carena, que um trifolio de cordão envolve, com cachos de tres romãs pendentes das intersecções dos lobulos. A frontaria conserva ainda as ameias que, à data da reconstrucção manuelina, rodeavam porventura todo o alto do edificio. Do lado esquerdo existe uma portinha de abobada trabalhada, muito semelhante á única desse estilo que resta no claustro do convento de S. Marcos.

O corpo da igreja, de uma só nave, está revestido

até certa altura de azulejo a branco e azul, em que os desenhos são séries de uma especie de cruzes de S. Tiago, brancas; deve ser do seculo XVIII, porque no «Tombo» de 1705 ainda não figura.

Chegadas ao arco da capela-mór abrem-se na nave duas capelas, fronteiras e iguais, de boa renascença, com belos portaes e esplendidas cupulas lavradas e pintadas, um tanto abatidas, sendo na da esquerda os *culs de lamp* figurinhas de anjos em relevo. Esta capela da esquerda, do Senhor Jesus, é forrada de azulejo de laçaria, igual ao do corpo da igreja.

Na capela da direita admira-se um retabulo de pedra, de renascença pura, dividido em seis quadros—ou seja um triptico de dois andares —, com santos nos nichos inferiores e nas predelas, e um quadro da Ceia na divisão central superior, sobre o tabernáculo. Nos portais, faltam os *spandrils*, onde os auctores da renascença francesa colocavam os graciosos óculos de figuras. As vergas assentam em dois curtos modilhões saidos para o vão das ombreiras rectas, que colunas em *tabernacle work* avivam do centro para a parte superior.

Esta capela da direita, do Santíssimo, tem as paredes cobertas de azulejos brancos e azues que formam combinações de caixilhos, como em Celas, Sé Velha, etc., notando-se em muitos vestigios de uma douragem posterior.

O arco da capela-mór é torcido, de volta redonda perfeita, sendo a ornamentação das ombreiras externas, de troncos chagados dos característicos *nós cortados*, e a das internas, de bolas até á altura dos capiteis, e, depois no arco, de rosas quadradas, — como no arco do campanariosinho da capela de Brunhós (Soure), etc.

O tecto da mesma aguenta-se em nervuras finas, cujos pés se apoiam em misúlas de figuras, (uma cabeça de homem, caras anchas, um carneiro, etc.) e o desenho dos artesões de ligação, que faz lembrar quatro abobadas de carena ligadas pelos pés, é absolutamente igual ao da abobada do côro de S. Paulo de Almasiva ou de Frades.

O fecho central da abobada tem lavrada a cruz de Cristo.

As paredes estão forradas de azulejo identico ao da capela do Santíssimo. Na «Visitação» de 1508, os visitadores aconselham o comendador-moor a que coloque depressa os azulejos que havia comprado ha pouco: não podem ser estes, nem os do corpo da igreja, muito menos antigos. Tratava-se, evidentemente, de azulejos sevilhanos.

O mais interessante porêm da capela-mór, e da igreja, afinal, é o retábulo pintado, o painel da Senhora da Graça, protectora da Comenda.

É um triptico de madeira com o pano central mais elevado que os lateraes, razoável pintura do seculo XVI, retocada em alguns pontos, deteriorada noutros com as covas dos pregos que os armadores quando da festa do Santíssimo se entretinham a fazer-lhe para segurar o trono das exposições solenes.

No pano central vê-se a Senhora da Graça numa *sedia*, com o menino ao colo, e ambos, mãe e filho, olham para um cavaleiro de Cristo, de barbas pretas e caidas, que de joelhos, envergando o manto da Ordem, com um missal aberto nas mãos, os contempla tambem devotamente. No pano da direita ha uma visão de S. Paulo; no da esquerda aglomeram-se várias scenas: dois santos grandes, barbados, no primeiro plano, depois um

magote de legionários, e no alto, muito pequeno, como figura de aparição, um Christo carregando a cruz.

No saio de um dos legionários deste pano encontra-se, o que é muito importante, um monograma: I. G. Quem será este pintor que assigna I. G. e cujo nome não encontro no *Dicionario* de Sousa Viterbo?

Se o nome do pintor nos é desconhecido, uma cousa consegui ao menos saber: o nome do personagem ajoelhado e a época do quadro.

Filipe Simões, a páginas 246 dos *Escritos Diversos*, diz o seguinte: «Na egreja da Ega, perto de Condeixa, conserva-se um retábulo com tres pinturas; na principal dellas está um cavalleiro de Christo, cujo rosto, nada flamengo, se assemelha ao d'el-rei D. Manuel». Numa nota a seguir, apresenta depois a hipótese de ter o quadro sido doado pelo proprio D. Manuel, que era grão-mestre da Ordem.

Infelizmente nada disso é verdadeiro; nem o quadro é gótico, nem foi oferecido por D. Manuel. O retratado deve ser um comendador da Ega, que viveu em fins do seculo XVI e começos do seculo XVII, D. Afonso de Lencastre, como parece provar o *único* documento que encontrei, referente ao retábulo. É este o Tombo da Comenda-mór da Ega, em 1705, em que a páginas 40 v.°, se encontra o relato da medição da igreja, nos termos seguintes: «Achou que a dita Igreja matriz desta villa, e era da invocação de Nossa Senhora da Graça a qual tinha capela-mór na qual estava o altar maior da dita Senhora da Graça e nella hum retabulo bem pintado de boas pinturas com suas colunas e divisoiñs e remates e guarnissoiñs tudo dourado sobre madeira e dividido em tres paineis e no de meio está a pintura da Senhora asentada com hũ minino no collo e ao pee de

giolhos retratado o Comendador mor que foi desta Comenda Dom Affonso de Alencastre e nos dous paineis que estão nas ilhargas deste no da parte do Evangelho se vê a pintura de São Pedro no passo da queda de Simão Mago e no outro painel está a pintura da queda de São Paulo e no remate em sima do Painel da Senhora está hum Painel com a pintura do Padre Æterno sobre o qual está o escudo das armas Reais sobre a crux de Christo...»

Assim reza, continuando depois com a descrição da igreja, o documento que mais perto está da época da oferta do painel. Havia um Tombo do começo do seculo xvii que esclareceria de todo a questão... se não tivesse desaparecido.

Portas manuelinas dos arredores de Lisboa

Excétuados os edifícios dos Jerónimos, Tôrre de Belêm e Paço de Sintra, onde o *manuelino* se manifesta exuberante e copiosamente, poucos são os restos desta maneira construtiva e decorativa do gótico, que os terremotos ou as restaurações deixaram chegar até nós, em Lisboa e seus arredores.

Como trechos isolados ficaram, na capital, os portais da Conceição Velha, da Madalena, da ermida dos Remédios, em Alfama, de um outro edifício religioso na Rua da Mouraria; as portas da «Casa dos Bicos» e de várias outras casas particulares; e, finalmente, o interessante claustro do «Coleginho» de Santo Antão o Velho, que foi a primeira casa que a Companhia de Jesus teve em Portugal.

Nos arrabaldes a pobreza de edifícios ou trôços de edifícios manuelinos é ainda maior. Conservam-se contudo as portas de Chelas, da Madre de Deus, em Xabregas, da igreja matrís do Lumiar, da capela de S. Sebastião, do mesmo lugar, da igreja da Póvoa de Santo Adrião, da matrís de Belas, etc..

Em estudo que preparo deixarei relacionados e fotografados todos os restos manuelinos que perduram na Estremadura. Vêr-se há então como foi a essa provín-

cia que maior quinhão coube, em quantidade e qualidade, do estilo brilhante e rico que artistas portuguêses e espanhóis, conjuntamente, souberam arrancar dos velhos modêlos góticos.

Fig. 53

Porta da Capela de S. Sebastião, no Lumiar

(Fotografia do autor)

Acompanham esta nota, como exemplificação, três portas pouco conhecidas: a da matrís de Belas, a da igreja da Póvoa de Santo Adrião e a da capela de S. Sebastião, no Lumiar.

Monumentos de Póvos do Ribatejo

Muitas vezes havia eu já notado do combóio, passada Vila Franca, a curiosa série de três cabêços que se seguem à povoação, a montante, estranhos de aparência, o primeiro liso e íngreme, sarrudo de mato, o segundo salpicado de olival, e o último, já dominando a Quinta das Areias e a Castanheira, vestido de pinhal denso. Solicitava especialmente a atenção o do meio, menos elevado que os vizinhos, cujo tôpo aparecia confusamente coroádo de ruinas dentre as quaes se projectava uma cúpula bastante subida, vagamente russa de aspecto, sobresaindo com a crueza de um borrão de cal no amarelo-escuro do solo e dos restos de muros. A velocidade do combóio, porêm, a breve trecho substituia por outros êste scenário, e esvaidas como o fumo da locomotiva as hipóteses rápidas que, ácêrca das ruinas, eu arquitectava, ficava apenas de pé o desejo de, mais tarde ou mais cêdo, fazer o seu reconhecimento.

Por um florido e cálido 15 de Maio, em 1913, percorri pela primeira vez o cabêço, e do que nessa e em subseqüentes visitas vi, faço agora um curto apanhado, forrageado no maço de apontamentos que tenho rotulado com o nome de «Póvos».

*

A meia légua de Vila Franca, para N. E., seguindo para montante da corrente do Tejo, fica a pequena aldeia de Póvos, antiga vila hoje decaída da sua impor-

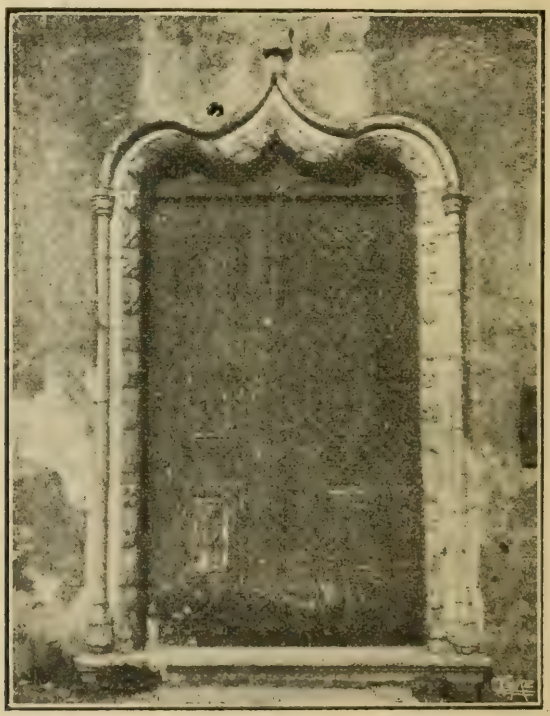


Fig. 53

Portal da igreja da Póvoa de Santo Adrião

(Fotografia do autor)

tância, mas em que um lindo pelourinho manuelino, recentemente restaurado pelos cuidados de uma distinta

família da região, ficou atestando a categoria municipal desse modesto agregado rural.

Este pelourinho, ao contrário do que sucedeu a tantos outros por esse país fóra, tem sido altamente bafejado pela sorte. Fizeram-lhe a história, restauraram-no e conservam-no com amor.

No seu curioso livro sobre as *Antiquidades do moderno concelho de Vila Franca* (Lisboa, 1893), Lino de Macedo transcreveu, a propósito da vila de Póvos, toda uma larga memória manuscrita que o Dr. João Amaral, filhote da terra e miguelista da gêma, escreveu aí por 1850, crivada de êrros de vária espécie, resfolgante de chamorrismo recolhido. Por duas vezes o bacharel (muito velho à data da redacção da memória, o que o desculpa de todos os seus pecados) se ocupa do pelourinho. Numa das referências escreve que «no meio desta rua (a Direita) se vê a praça da villa com o seu pelourinho com os vestígios de golilhas com que puniam os crimes de posturas da câmara e tambem tem o escudo com as armas dos condes da Castanheira» ; e na outra acrescenta que o monumento assentava sobre uma peanha de quatro degraus e que tinha vinte e tantos palmos de alto.

Hoje são sómente dois os degraus sôbre que se firma a coluna do pelourinho. Na *pinha* cravam-se quatro braços de ferro, dispostos em cruz, os quais terminam em cabêças estilisadas de animal, donde pendem quatro argolas. No capitel, escudetes em relêvo ostentam as barras oblíquas do escudo dos condes da Castanheira. Uma decoração característica do manuelino na sua face naturalista veste a coluna nas duas partes em que a divide, pelo meio, o engrossamento duplo, do tronco.

Seriam todos os pelourinhos providos, primitivamen-

te, destes ferros e argolas, que também tenho encontrado noutros pontos, por exemplo, bem perto de Lisboa, em Vila Fresca de Azeitão? Há quem opine que

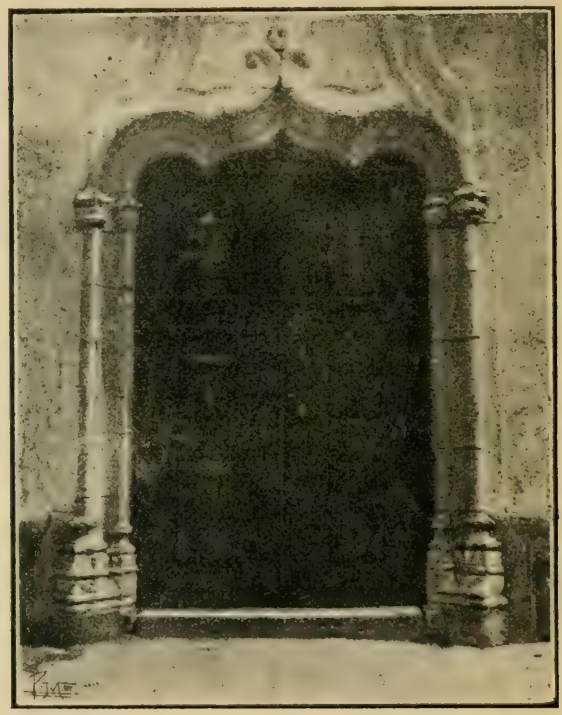


Fig. 54

Portal da matriz de Belas

(Fotografia do autor)

sim, e acrescente que esses aparelhos serviam para enforcar, expôr e apolear os criminosos, tendo sido mandados arrancar depois do advento do constitucionalismo; e há também quem julgue o contrário, considerando-os

meros enfeites. Sem pretender discutir o velho tema da diferenciação entre *pelourinhos* e *picotas*, limito-me a transcrever alguns períodos do Livro II das *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, que alguma cousa informam acêrca do destino dos braços e argolas dos pelourinhos.

De pág. 441: «Durando o trabalho da obra, o Governador (Afonso de Abuquerque) mandou no bazar da cidade (Ormuz) fazer uma picota sobre um masto, com muytos degraos em derredor, e no masto postas muitas argolas e ganchos para enforcar, e hum cepo preso por cadea para cortar nelle mãos e cabeças; o que sendo acabado, o Governador, de noite, com poucos homens a foy vêr, e chegando a ella, pôs os joelhos no primeyro degrau, e com o barrete na mão, disse: — Deos te salve pera sempre, e acrescente em verdade, vara de real justiça d'El-Rey nosso senhor, per Deos querida e amada pera punição dos máos e conservação e guarda dos bons que pouco podem — ».

E mais adeante: «Pelo que se forão; mas achando algum de que as molheres fazião acusações, o Governador os mandava atar nos collares da picota, e meter-lhe uma frecha atravessada nos narizes...»

Deliciosas scenas de costumes do século XVI, que, alêm de tudo o mais, nos esclarecem sôbre a função dos tais ganchos e argolas, hoje tão raros!

Seguindo Rua Direita fóra deparava-se, do lado esquerdo, com a igreja matriz, da invocação de N. S. da Assunção, que o Dr. Amaral na sua memória diz ter ficado arruinada no terremoto de 1755 e haver sido reconstruida no ano de 1790.

A igreja paroquial de Póvos do Ribatejo era um templosinho de mediana grandeza, bem proporcionado, do

século XVI, adornado com um belo portal talhado e floreado em *manuelino* naturalistico.

E digo era porque o presbiterio já não existe. Em seu logar levanta-se agora, vasta, alegre, higiénica, a escola da povoação, que oxalá se aguente de pé tantos séculos, pelo menos, quantos lá se conservou o templo, do que duvido, atento o péssimo material com que hoje se edifica.

É esta, que me conste, a primeira vez que uma igreja desaparece para nos seus alicerces se levantar uma escola. Templos transformados em casas de educação, encontramos com freqüência, em Portugal, em França, na Espanha ou na Itália; mas o caso apontado de um desaparecimento total, é, por emquanto, ao que me consta, virgem. E eu aponto-o, além de tudo o mais, para que fique delimitado com precisão o ponto onde os futuros arqueólogos hão-de procurar o *ubi* da igreja de Póvos.

De resto, esse pobre santuário estava de há muito, desde o mégasismo, absolutamente condenado, arruinado, caíndo aos pedaços; destelhado, servia, na ocasião da minha primeira visita, de cavalariça. Faltava-lhe já o seu lindo e característico portal, que, segundo me informaram, fôra comprado por um ricaço qualquer, e levado para Sintra, onde de novo o haviam armado. O solo desaparecia sob montes de destroços e de lenha, atravez as abertas da qual alvejavam as tampas sepulcrais da carreira central da nave. Dentre essas pedras, copiei as inscrições incompletas que indicavam as sepulturas de uma Antonia Barroza, falecida a 12 de janeiro de 1648; de Maria Chaves d'Aguiar; e de um Bizarro... falecido no ano de 1540. Esta inscrição, ainda em letra gótica, pode talvez servir-nos para delimitar a data possível da terminação da igreja, pois

como se sabe o *manuelino* internou-se pelo século XVI até quási ao seu meado, não faltando santuários desse estílo construídos posteriormente a 1530.

Na minha última visita a Póvos fui encontrar o adro e o caminho que o liga com a estrada, pejados de lages de calcáreo e de pedras afeiçoadas que haviam pertencido ao pavimento do templo. Não vi entre elas, as já mencionadas; mas deparei com duas ainda inéditas, uma das quais diz: «*S. de Manoel Cosmo e da sua molher Ines Guama Loba e de seus erdeiros faleseo a 25 de Março de 1628*; e a outra: *S.ª do Capitao Ant.º Cosmo e de seus erd.os fal.co em Fevereiro de 1646.*»

É curioso notar como nas inscrições os apelidos das mulheres tomam uma terminação femenina: Barroza, Loba.

Junto da escada que dá acésso à escola atual permanece a pia de água benta da igreja, um monolito em forma de calix, de copa e pé oitavados, tambêm em estílo manuelino. Tem 1,20 de altura, está em razoável estado de conservação, bem podendo figurar num museu de Lisboa, se em Lisboa existissem museus destinados a receber, como nas cabeças dos distritos, os monumentos de arqueologia moderna que a cada passo aparecem nas demolições e transformações dos edifícios da capital.

*

Ao norte da povoação, servindo-lhe de fundo, ergue-se uma colina pronunciadamente cónica, de encostas declivosas, a cujas faldas se encostam as casas de Póvos que ficam do lado esquerdo da estrada que segue ao Carregado e a Santarêm. Essa colina aparece isolada,

por completo desligada dos montes que a precedem e a continuam, antigas balisas naturais e primárias da margem direita do Tejo. Olhada da estrada, a altura do cabêço, coroada por uma capela meio escondida pelos paredões escalavrados de uma velha moradia de vastas dimensões que se alça sôbre os pendores orientais do monte, aparenta um ar de abandono e ruina que confrange, apezar das manchas alegres das oliveiras.

Trepada de frente a íngreme ladeira, o que primeiro chama a atenção quando nos encontramos no cimo é uma muralha, alta em pontos mais de 4 metros, assente sôbre os afloramentos do grés, que é a rocha estructural do monte, muralha construída de duas idas paralelas de aparelho miúdo revestindo uma massa fortemente aglutinada de pedras irregulares.

Toda a corôa do monte é guarnecida de muros como êste, em parte esboroados, em parte enterrados, os quais seguidos cuidadosamente deliniam uma fortificação provavelmente de plano rectangular, alongada ao correr da crista na direcção nordeste-sudoeste. Do lado que olha o Tejo esta muralha prolonga-se, quási intacta, por espaço aproximado de 70 metros, quási em linha recta; do lado contrário lobriga-se ainda á flôr do terreno, por mais de 20 metros. Nos lados menores do rectângulo, embora se reconheçam, aqui e ali, restos de alvenaria, não se consegue balisar o traçado primitivo, que devia acusar a largura de 25 metros entre os lados maiores.

O fortim, pois é do que se trata, poderia medir uns 70 metros de comprido por 25 de largo, e ocupava uma posição defensiva e estratégica, explendida, pela dificuldade do acésso e pela proximidade do rio, então muito mais chegado a Póvos, de que só se começou a afastar no fim do século XVIII.

A situação especial deste cabêço, fácil de defender, pouco elevado, colocado a cavaleiro da estrada marginal que desde tempos imemoriais ligava Lisboa a Santarêm, estrada que os romanos apenas aproveitaram e melhoraram, fez com que o guarnecessem de muros e o transformassem num posto militar.

Em que época foi realizado êste trabalho? O simples exame superficial dos muros afasta logo a ideia de um trabalho romano, pois que nem a disposição das pedras nem o material apresentam afinidades com o empregado pelos dominadores do mundo antigo. Tem de procurar-se em tempos mais chegados ao nosso, essa época. Trata-se, evidentemente de um trabalho medieval. talvez datando da fundação da monarquia.

Para nordeste, em plano um pouco inferior, ao nível da base das muralhas, ficam a capela do Senhor da Bôa Morte, que deu o nome ao cabêço, e o casarão arruinado que já mencionei e que nada nos interessa.

A capela é formada de dois corpos rectangulares, de desigual largura e comprimento, e de uma só nave. O seu arco triunfal, de duas faces, bem talhado em ogiva fresca e alta, com os capiteis adornados de bolas, é uma bôa construção do século XV, pertencendo também à segundo metade dêsse século os pináculos cónicos de base em dentículos, que coroam os botareus da capela-mór. A cúpula, alta, oitavada, firma-se em nervuras de tipo mais recente.

É junto do adro da capela, no ponto em que a rocha aflora, que se divisam, excavados no grés, os restos de umas 20 sepulturas antropomórficas, medievais. Seguem-se os sarcófagos lado a lado, em diversos andares no declive, vendo-se alguns acompanhados de cavidades oblongas destinadas a receber os pés daque-

las pedras sepulcrais, discoides, de que me ocupei em estudo anterior.

No chão, a pouca distância do santuário deparei com a cabeça de uma ara romana, com 0,70 de lado, e 0,25 de altura até um cordão lavrado que lhe corre em volta rematando o ornato ondulado, de estílo clássico, que veste as quatro faces da pedra. Vê-se pois que, a menos da pedra ter sido levada para ali posteriormente, o que não é natural, existiu no local um santuário rural, uma dessas capelinhas em que se venerava qualquer divindade secundária, das que enxameavam no panteon latino e lusitano, e que os viandantes que passavam cá em baixo, na via lastricata que levava a Scalabis e a Emerita, olhariam com religioso respeito.

Toda a história do cabêço do Senhor de Bôa Morte, de Póvos, pode ficar assim condensada.

Tempo de romanos: — Existência de um santuário, capelinha, ou *fanum* consagrado a uma divindade do panteon lusitano-romano.

Tempos medievais: — *a*) Fortim medieval, possívelmente erguido para defesa da margem direita do Tejo contra as incursões dos Mouros alentejanos; *b*) Capela e sepulturas antropomórficas do século XV.

Tempos modernos: — Modificações na capela. Construção do casarão setecentista, hoje arruinado.

Indice dos capítulos

1 — Arcos romanos de Portugal..... Pág. 7
2 — O templo romano de Sant'Ana do Campo (Arraiolos)..... » 17
3 — A igreja de Louroza da Serra da Estrêla..... » 25
4 — Monumentos medievais de Lamego..... » 39
5 — Nossa Senhora de Cárquere..... » 47
6 — A igreja de S. Martinho de Mouros..... » 59
7 — A igreja de Barrô..... » 67
8 — A igreja paroquial de Barcos (Taboáço)..... » 75
9 — A capela de Sabrôso (Barcos)..... » 81
10 — Cabeceiras de sepultura medievais..... » 87
11 — N. Senhora da Azinheira de Outeiro Sêco (Chaves) » 99
12 — A igreja de Santo André, em Mafra..... » 103
13 — Esculturas arcaicas do Museu de Lamego..... » 109
14 — Virgens pejadas..... » 119
15 — A capela da Senhora de Guadalupe (S. Paio — Vila Real..... » 125
16 — Uma estátua tumular da Sé de Lisboa..... » 129
17 — A capela de S. Domingos de Fontêlo (Lamego)... » 131
18 — Palacio dos Comendadores e igreja da Ega..... » 134
19 — Portas manuelinas dos arredores de Lisboa..... » 143
20 — Monumentos de Póvos do Ribatejo..... » 145

Indice das gravuras

Fig. 1 (em folha separada) Arco romano de Aramenha.
» 2 p. 10 — Porta de Mertola (?), em Beja.
» 3 p. 11 — Porta de Avis, em Beja,
» 4 p. 13 — Antiga porta de Evora, em Beja.
» 5 p. 14 — Arco da Bobadela.
» 6 p. 15 — Porta do palácio ducal de Vila Viçosa.
» 7 p. 19 — Templo romano de Santana do Campo (Arraiólos). Lado poente.
» 8 p. 21 — O que resta do braço de poente.
» 9 p. 23 — O que resta do braço de nascente.
» 10 p. 24 — Planta do edificio.
» 11 p. 29 — Inscrição da igreja de Louroza (Era dcccl).
» 12 p. 33 — Arco lateral na igreja de Louroza.
» 13 p. 49 — Torre do mosteiro de Cárquere.
» 14 p. 51 — Vista geral do mosteiro.
» 15 p. 53 — Planta dos edificios do mosteiro.
» 16 p. 55 — Imagem de Nossa Senhora de Cárquere.
» 17 p. 57 — Janela romanica de Cárquere.
» 18 p. 61 — Igreja de S. Martinho de Mouros.
» 19 p. 63 — Torre de S. Martinho.
» 20 p. 65 — Planta da igreja de S. Martinho.
» 21 p. 69 — Frontaría da igreja de Barrô.
» 22 p. 71 — Porta principal da igreja de Barrô.
» 23 p. 73 — Planta da igreja de Barrô.
» 24 p. 76 — Porta lateral direita da igreja de Barcos.
» 25 p. 77 — Porta lateral esquerda da igreja de Barcos.
» 26 p. 79 — Placa de marfim representando a «Anunciação».
» 27 p. 81 — A capela de Sabrôso (Barcos).
» 28 p. 83 — Tampa de sarcófago, pedras tumulares e cabeceiras de sepultura, no ádro da capela de Sabrôso.

Fig. 29 p. 84 — Pedras sepulcrais do interior e do ádro da capela de Sabrôso.
» 30 p. 88 — Cabeceiras de sepulturas dos museus de Evora e Lisboa.
» 31 p. 88 — Cabeceiras de sepulturas de Lisboa. Beja e Coimbra.
» 32 p. 89 — Cipo do *tignarius*.
» 33 p. 90 — Cipo do *lectarius*.
» 34 p. 91 — Cabeceiras de sepulturas do museu de Santarem.
» 35 p. 92 — Idem.
» 36 p. 93 — Idem.
» 37 p. 95 — Idem.
» 38 p. 96 — Semeador romano.
» 39 p. 97 — Pedra tumular de um ferrador. em Santo Amaro (Beja).
» 40 p. 98 — Cabeceira discoide de Sousel.
» 41 p. 99 — Pedra tumular da igreja de Outeiro Sêco.
» 42 p. 100 — Planta da igreja de Outeiro Sêco.
» 43 p. 101 — Porta principal da igreja de Outeiro Sêco (Chaves).
» 45 p. 104 — Porta principal de Santo André (Mafra).
» 46 p. 105 — Porta lateral direita de Santo André.
» 47 p. 107 — Trecho da faixa ornamental do centro da abóboda da capela-mór da igreja.
» 48 (em folha seperada). Esculturas arcaicas do museu de Lamego. Nossa Senhora, e S. Paulo.
» 49 (em folha separada). Virgens pejadas, de Lamego (Museu e Balsemão).
» 50 p. 127 — Capela da Senhora de Guadalupe (S. Paio — Vila Real).
» 51 (em folha separada) Estátua tumular da capela de Santo Aleixo (cláustro da Sé de Lisboa).
» 52 p. 132 — Capela de S. Domingos de Fontêlo.
» 53 p. 143 — Porta da capela de S. Sebastião. no Lumiar.
» 54 p. 146 — Porta da igreja de Povoa de Santo Adrião.
» 55 p. 148 — Porta da matriz de Belas.

Erratas

Pág.	onde se lê	leia-se
102	século xv	século xvi
107	faicha	faixa
115	meadas	meados
121	góticos	gótico
128	bocal	local

Entre as obras do autor, mencionadas a pág. 4, figuram como publicados em 1919, os trabalhos: *Azulejos Datados* (2.ª edição), e *Um túmulo Renascença*. Dificuldades tipográficas insuperáveis fizeram com que êsses trabalhos, destinados a aparecerem antes dêste, só possam estar postos à venda posteriormente à publicação dos *Monumentos e Esculturas*.

LIBRARY
APR
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

NOVIDADES LITERÁRIAS

JARDIM DA EUROPA

(Casos, tipos e aspectos de Portugal; meditações e heresias de um Português)

POR

Agostinho de Campos

1 vol. in-16 (18 × 12cm)

Br. 1$00, enc. 1$500.

EDUCAR

(Na Família, na Escola e na Vida)

POR

Agostinho de Campos

1 vol. in-16 (18 × 12cm)

Br. 1$00, enc. 1$50.

MIL TROVAS

POR

Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira

1 vol. in-16 (18 × 12cm)

Br. 1$30, enc. 1$70.

Casa de Pais, Escola de Filhos

Ensaios sôbre Educação

POR

Agostinho de Campos

1 vol. in-16 (18 × 22cm)

Br. 1$00, enc. 1$50.

NOVIDADES LITERARIAS

AROUM DA EUROPA

EDUCAR

MIL THOVAS

Livrarias ALLAUD e BERTRAND

Edições definitivas das obras

de

ALEXANDRE HERCULANO

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

Edição definitiva das obras

DE

ALEXANDRE HERCULANO

Conforme com as edições da vida do autor, dirigida por

DAVID LOPES

Professor da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa

VOLUMES PUBLICADOS

Historia de Portugal, 8 vols., com numerosas ilustrações executadas sobre documentos authenticos debaixo da direção de *Pedro de Azevedo,* conservador do Archivo Nacional — Br. 8$00, enc. 11$20.

Eurico o Presbytero, 1 vol., (Epocha wisigothica), 1.º tomo do *Monasticon* — Br. $75, enc. 1$15.

Lendas e Narrativas, 2 vols. — Br. 1$50, enc. 2$30.

NO PRÉLO

O Monge de Cistér, 2 vols., (epocha de D. João I), 2.º e 3.º tomo do *Monasticon* — Br. 1$50, enc. 2$30.

O Bobo, 1 vol., (Epocha de D. Thereza, 1128) — Br. $75, enc. 1$15.

Poesias, Livro I — A Harpa do Crente — Livro II — Poesias Varias — Livro III — Versões — Br. $75, enc. 1$15.

Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, 3 vols. — Br. 2$25, enc. 3$15.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

NA
1321
C6
1919

Correia, Vergilio
Monumentos e esculturas